

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – MESTRADO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

Marga Jolantha Rossa

**DO DESEMPREGO À USINA: APRENDIZAGENS E NARRATIVAS
NO MUNDO VIVIDO DAS CATADORAS DE MATERIAIS RECICLÁVEIS**

Santa Cruz do Sul

2013



Marga Jolantha Rossa

**DO DESEMPREGO À USINA: APRENDIZAGENS E NARRATIVAS
NO MUNDO VIVIDO DAS CATADORAS DE MATERIAIS RECICLÁVEIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação - Mestrado, Linha de Pesquisa *Aprendizagem, Linguagens e Tecnologias na Educação*, Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof^a. Dra. Ana Luisa Teixeira de Menezes

Santa Cruz do Sul

2013



BANCA EXAMINADORA

Dr^a. Ana Luisa Teixeira de Menezes – UNISC

Dr. Cassiano Pamplona Lisboa - UFRGS

Dr^a. Rosi Cristina Espíndola da Silveira - UNISC

Dr^a. Sandra Regina Simonis Richter - UNISC

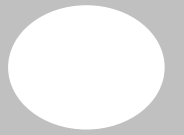


Catadoras *

Povo de nossa terra
Povo que sobre a terra passa
E como passa
Tem alma e tem coração
Mãos enrugadas, calejadas
De tanto trabalhar.
Mas ainda sabem afagar.
Mãos que juntam
Pés que correm
Para não desperdiçar.
É sábio. Conta os dias
Para o pão poder comprar.
Sua força desmedida
De uma coragem não perdida.
Invade a terra, invade a vida
Povo de nossa terra
Povo guerreiro
Povo valente
Gente como a gente.

Marga Rossa

* Poema que escrevi num momento em que me senti profundamente afetada pela realidade de trabalho das mulheres catadoras, logo no início da minha inserção no campo de pesquisa.



Dedico esta dissertação aos catadores e catadoras que, no convívio, ensinaram-me coisas que não aprendi em sala de aula.



AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da Vida, Aquele que me sustentou e sustenta em todos os momentos.

Ao meu amado esposo, por ter compreendido minha ausência e meu 'stress' nesses últimos dois anos, por ter me auxiliado nos mais diversos momentos: financeiramente, com carinho, amor, incentivo e muita compreensão. Com você, divido a minha conquista.

Aos meus filhos Alexandre, Daniel e Priscila: vocês são minhas pequenas pérolas de grande valor. Obrigada pelos abraços que me serviram de suporte.

À minha mãe, pelo incentivo aos estudos e porque me ensinou a lutar e acreditar. Ao meu pai, pelo exemplo de homem que batalha, que não desiste.

Aos meus irmãos, pelas boas lembranças que me vem à memória.

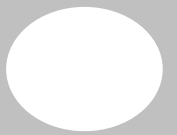
Aos meus amados André e Mara Barboza. Obrigada pelas orações, incentivos e o carinho que sempre tiveram para comigo.

Aos da família da fé, pelas orações, paciência e acolhidas amorosas.

À Ana Luisa Teixeira de Menezes, minha orientadora, que com sabedoria e paciência ajudou-me a ver além e acompanhou com amorosidade todos os momentos da trajetória. Seus questionamentos instigaram e potencializaram a minha escrita. Obrigada Ana Luisa!

Aos membros da Banca de Qualificação, Prof. Dr. Cassiano Pamplona Lisboa, Prof.^a Dra. Nize Maria Campos Pelanda, Prof.^a Dra. Rosi Cristina Espíndola da Silveira e Prof.^a Dra. Sandra Regina Simonis Richter: suas sugestões e críticas foram muito importantes na construção da pesquisa.

Aos professores e colegas do Mestrado em Educação, que me fizeram sentir a alegria de estar estudante e ser gente. Ao colega Fábio, pelo carinho, palavras de ânimo e compreensão que nos aproximou.



Aos colegas da linha de pesquisa, em especial à Márcia Murillo e à Simone Berle, amigas em quem eu sempre encontrava auxílio em momentos difíceis.

À Ana Luiza Martins, pela revisão final da escrita. Muito Obrigada.

Aos catadores, pelo acolhimento, carinho e autorização para a realização da pesquisa de campo.

Às catadoras entrevistadas, obrigada pelo carinho com que me receberam em suas casas. Nunca irei esquecer aqueles momentos que com sua proximidade tanto me ensinaram com as suas vidas.

À catadora Ângela, um exemplo de mulher guerreira e vitoriosa.

Aos parceiros dos catadores, obrigada pelo acolhimento caloroso e pelas aprendizagens.

Aos colegas de trabalho, obrigada pela paciência e, em especial, à Luciana, grande amiga.



RESUMO

Esta dissertação enfoca aprendizagens e narrativas no mundo vivido de catadoras de materiais recicláveis em uma Cooperativa no município de Santa Cruz do Sul – RS, levando-se em consideração suas relações com diversos agentes externos. A opção por esse objeto de pesquisa deve-se a três aspectos principais. Em primeiro lugar, compreender as experiências/vivências das catadoras a partir de uma perspectiva fenomenológica e etnográfica. Em segundo, refletir sobre as relações das catadoras com os agentes externos (poder público, organizações, instituições, sociedade e movimentos). E, por fim, pensar o mundo vivido das catadoras numa interlocução com o campo educacional. No convívio com essas mulheres que trabalham na Usina Municipal de Triagem de Resíduos Sólidos e na realização de entrevistas semiestruturadas, buscou-se compreender os sentidos que emergem nessa atividade. Desenvolveu-se, assim, um conhecimento que parte do que é vivenciado, relatado e percebido, suspendendo ideias preconcebidas para apreender as aprendizagens e narrativas das catadoras tal como elas se apresentam. Para essas mulheres menos favorecidas economicamente, o lixo tem se apresentado como opção de vida. Encontraram na catação uma forma de sobrevivência e uma possibilidade de inclusão no mercado de trabalho, gerando um sentimento de cidadania. As atividades na Cooperativa colocam-se a essas mulheres como uma possibilidade de renda, e o apoio de parceiros vem fortalecendo esta categoria de trabalhadoras.

Palavras-chave: Catadores de materiais recicláveis; aprendizagens; narrativas; vivências; mundo vivido.



ABSTRACT

This dissertation focuses on learning and narratives in the world lived by pickers of recyclable materials in a cooperative in Santa Cruz do Sul - RS, taking into account its relations with various external agents. The option for this research subject is due to three main aspects. In first place, to understand the living experiences of pickers from a phenomenological and ethnographic perspective. Secondly, to reflect on the relationships of pickers with external agents (public authorities, organizations, institutions, society and movements). And finally, to think the world lived by the pickers in an interlocution with the educational field. Getting together with these women who work in the Usina Municipal de Triagem de Resíduos Sólidos and conducting semi-structured interviews, it was sought to understand the meanings that emerge from this activity. Therefore, an insight of what is experienced, perceived and reported was developed by suspending preconceived ideas to grasp the learning and narratives of the pickers as they present themselves. For these economically disadvantaged women, the trash has been presented as a life choice. They found in picking a way of survival and a possible inclusion in the labor market, creating a feeling of citizenship. The activities in the cooperative are placed to these women as a possibility of income, and the support of partners has strengthened this category of workers.

Keywords: pickers of recyclable materials; learning; narratives; experiences; lived world.



SIGLAS E ABREVIATURAS

AECMR	Associação Ecológica de Catadores e de Materiais Recicláveis
CSS	Coleta Seletiva Solidária
COOMCAT	Cooperativa de Catadores e Recicladores de Santa Cruz do Sul
EA	Educação Ambiental
EPC	Equipamento de Proteção Coletiva
EPI	Equipamento de Proteção Individual
FACS ¹	Fórum de Ação pela Coleta Seletiva Solidária
IECLB	Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil
MNCR	Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis
NGP	Núcleo de Gestão Pública
PET	Polietileno Tereftalato
PMSCS	Prefeitura Municipal de Santa Cruz do Sul
PNRS	Política Nacional de Resíduos Sólidos
PROEXT	Pró-Reitoria de Extensão e Relações Comunitárias
SEMMASS	Secretaria Municipal de Meio Ambiente, Saneamento e Sustentabilidade
UERGS	Universidade Estadual do Rio Grande do Sul
UNISC	Universidade de Santa Cruz do Sul

¹ Fazem parte do FACS, além de entidades (DCE da UNISC, UNISC, UERGS, D.A.UERGS, Banco do Brasil, MERCUR S/A, PMSC, SMMA, IECLB, COOMCAT de Santa Cruz do Sul, MNCR, Instituto Humanitas, Escola Família Agrícola, Lideranças Comunitárias, Entidades Estudantis, Escolas, Sindicatos, Associações de Moradores), empresas e pessoas da comunidade.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 CAMINHOS TRILHADOS	15
1.1 O olhar fenomenológico.....	19
1.2 O olhar etnográfico.....	22
1.3 Observação participante	26
1.4 Entrevista.....	29
1.5 Diário de Campo	32
2 VIVÊNCIAS DE UMA PESQUISADORA EM CAMPO: UMA EXPERIÊNCIA NECESSÁRIA	37
2.1 Ritual de aceitação: entrando para o grupo	39
2.2 No café com as catadoras	40
2.3 Na esteira, catadoras forjando os limites de uma pesquisadora	42
2.4 A experiência do encontro de dois mundos diferentes.....	44
3 RECICLANDO PARA TRANSFORMAR A VIDA: CONTANDO A HISTÓRIA DA COOPERATIVA DE CATADORES	47
3.1 A Usina Municipal de Triagem de Resíduos Sólidos.....	53
3.2 Catadores(as) da COOMCAT participando do MNCR.....	54
3.3 Na reciclagem com os(as) catadores(as)	58
3.4 O local de convivência	64
4 NARRATIVAS E APRENDIZAGENS.....	68
4.1 Catadores narrando trajetórias de vida	68
4.2 Quando o lixo não é lixo	74
4.3 Catando entre os fios da identidade: mãos que se encontram	79
4.4 Dimensões simbólicas que reforçam as posições de desigualdade social	84
4.5 Esteira: um lugar só para mulheres?.....	86
5 PARCEIROS DOS CATADORES COMPARTILHANDO VIDA E CONHECIMENTO	95
5.1 Ações coletivas propiciando aprendizagens	95
5.1.1 Fórum de Ação pela Coleta Seletiva Solidária.....	97
5.2 Ideias que germinam e deixam seus frutos.....	104
5.3 A Educação	106
5.4 Saberes que (re)constroem-se no <i>estar com</i>	107
5.5 Projeto de Extensão construindo pontes entre os saberes	111
CONSIDERAÇÕES FINAIS	116
REFERÊNCIAS	120
Apêndice A - Termo de “Consentimento pós-informado”	125
Apêndice B - Roteiro de entrevista dirigida aos catadores(as) da COOMCAT	126
Apêndice C - Roteiro de entrevista semiestruturada às catadoras da COOMCAT	128

INTRODUÇÃO

"Há uma idade em que se ensina o que se sabe; mas vem em seguida outra, em que se ensina o que não se sabe: isso se chama pesquisar. Vem talvez agora a idade de uma outra experiência a de desaprender, de deixar trabalhar o remanejamento imprevisível que o esquecimento impõe à sedimentação dos saberes, das culturas, das crenças que atravessamos. Essa experiência tem, creio eu, um nome ilustre e fora de moda, que ousarei tomar aqui sem complexo, na própria encruzilhada de sua etimologia: sapientia- nenhum poder, um pouco de saber, um pouco de sabedoria, e o máximo de sabor possível."

(ROLAND BARTHES)

O desejo de conhecer, de me colocar em novos desafios e a possibilidade de integrar experiência profissional e pesquisa de campo se constituíram para mim, além de inúmeras vivências, em um tempo para repensar e questionar conceitos, valores e crenças facilmente assimiladas numa cultura alicerçada pelo capital. O que aprender? Como e com quem aprender? O privilégio de poder *estar com* as catadoras de materiais recicláveis, de romper com as minhas fronteiras da indiferença, do medo e de me deslocar do meu mundo e poder me colocar ao lado dos mais fragilizados economicamente e ouvir a sua voz e deixá-los tê-la apresentou-se para mim como um encontro com o outro, com a sua humanidade, com a sua sensibilidade ante a natureza, o universo e, por que não dizer, um encontro comigo mesma.

Busquei com esta pesquisa refletir a partir de vivências das catadoras, suas histórias de vida, depoimentos, gestos, movimentos, ritmos e sons, compreender e descrever sobre o que se me deu a ler. Diz Larossa (2004, p.18) “é a vida em sua totalidade, e não só a inteligência, a que interpreta, a que lê. Mais ainda, viver é interpretar, dar um sentido ao mundo e atuar em função desse sentido”. Esses momentos de *estar com* as catadoras, no horário de trabalho junto à esteira, na separação dos materiais no galpão, nos intervalos para o lanche e almoço, no caminhar, nas visitas as suas casas, em reuniões e eventos, se constituíram como espaços preciosos pelas aprendizagens e vida que proporcionaram. Não apenas um estar fisicamente com as catadoras, mas percebi que todos os meus sentidos foram ativados, meu ser em conexão, algo muito mais do que racional apenas. Ao longo de minha vida, constatei que existe uma necessidade de con-tato, de com-partilhar, de se dar a conhecer em um tempo onde tudo que se passa, passa demasiadamente depressa, e cada vez mais depressa. As relações, em sua maioria, estão efêmeras e vulneráveis. As experiências ao longo de minhas andanças me

fizeram pensar que uma das melhores formas de se poder conhecer uma realidade social ou um fenômeno real é quando se está com as pessoas com todo o ser.

Iniciei o meu projeto com inúmeras inquietações para as quais não tinha respostas. Procurei deixar minhas certezas e convicções em busca de alternativas ao que tive como certo. Tentei me abrir para o novo, para o diferente, sem me fechar em mim mesma. Busquei no *estar com* as catadoras compreender a sua realidade de vida e de trabalho a partir de suas vivências, da sua relação com o trabalho, com a vida e com o mundo, e pensar esses aspectos numa interlocução com o campo da educação. Ousei captar o que poderia estar contido nas entrelinhas, naquilo que é dito e não é dito. Sem pressa e sem cobrança interna ou externa, me permiti ser capturada por aquilo que se me deu e que não conseguiria perceber não estando sensível e com todo o meu ser junto a essas mulheres, enquanto pessoas e trabalhadoras.

A convivência com as catadoras, já no início da minha inserção, foi de tal forma mobilizadora, que me levou a escrever um poema, numa tentativa de expressar um pouco do que sentia, buscando expressar um universo tão diferente do meu, mas no qual me vejo tão profundamente implicada. Tão pouco tem sido escrito por mulheres, o que dizem, o que pensam e sentem. Muito do que se sabe delas, no transcorrer da História, foi escrito por homens que falam de mulheres. Hoje, elas saem do seu silêncio e anonimato, da casa para o mundo trabalho, e começam a contar a sua história que parece ter ficado na invisibilidade. Dar a elas oportunidade de voz é como presenteá-las de alguma forma, lembrar delas com carinho e dizer a elas que têm o seu valor. Vivemos em tempos em que necessitamos com urgência, para a sobrevivência da espécie humana, de uma educação que busque a integração e não a exclusão. Perrot (2007) em seus estudos sobre mulheres refere que “existe uma abundância, e mesmo um excesso de discursos sobre as mulheres; avalanche de imagens, literárias ou plásticas, na maioria das vezes obra de homens, mas ignora-se quase sempre o que as mulheres pensavam a respeito, como elas viam ou sentiam”.

Aos poucos, o projeto foi sendo tecido e percebi a necessidade de realizar leituras e saber mais sobre identidade. Quem são as catadoras? Como vivem? A que grupos pertencem? Quais as suas trajetórias de vida? O que pensam e como pensam? Reconhecer cada catadora ao mesmo tempo como diferente e semelhante. A necessidade de outro(s) para a constituição da identidade. Assim, trouxe no item *Catando entre os fios da Identidade: as mãos que se encontram* algumas ideias de alguns autores sobre “identidade” para melhor compreensão das vivências. Com as leituras busquei pensar a articulação entre vivências e desejos das catadoras, a partir dos movimentos, gestos e ritmos que estas estabelecem com o trabalho. A

minha inserção no campo de pesquisa me fez perceber que somente mulheres trabalhavam na esteira, me remetendo à divisão sexual do trabalho. Senti ainda a necessidade de trazer um pouco sobre esse ‘lugar destinado à mulher’: qual o lugar do feminino em um universo de dominação masculina, refletindo um pouco acerca de alguns autores, quando escrevo sobre *Esteira: um lugar só para mulheres?* Nesse momento decidi que a pesquisa se daria com o grupo de dez mulheres catadoras que trabalham na esteira.

Compartilhando as ideias com a Orientação, pude perceber a necessidade de ler um pouco sobre a história dos catadores no Brasil, seus movimentos, anseios e lutas, para pensar e compreender a sua realidade na usina de materiais recicláveis, onde desenvolvi a pesquisa. No item *MNCR – O que é esse movimento?* abordo alguns aspectos que considero relevantes. No contato com os catadores, foram inúmeras as questões que se colocavam, o que me fez refletir sobre a realidade de vida e de trabalho das catadoras buscando compreender o seu universo, registrando essas questões e percebendo a importância de uma pesquisa junto às catadoras. Penso que este estudo, com a descrição dos fenômenos observados, contribui para além do visível, do dizível e indizível e reflete sobre o que tem sido visto como ‘comum’ na realidade de trabalho das catadoras.

Durante seu desenvolvimento, o trabalho tomou uma dimensão maior. Constatou-se a necessidade de ampliar as reflexões para aspectos não conhecidos até então, mas importantes para a compreensão das aprendizagens e narrativas no mundo vivido das catadoras. Verificou-se na convivência com essas trabalhadoras a sua participação em outros espaços importantes, como reuniões da Cooperativa, reuniões do Fórum de Ação pela Coleta Seletiva Solidária (FACS) e em eventos do Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR) a nível local, estadual e nacional. Assim, busco, a partir de uma perspectiva fenomenológica e etnográfica, descrever e compreender essas relações com diversos agentes externos e não desmerecê-los pelas aprendizagens que oferecem.

Não será possível dizer em que momento a pesquisa teve o seu início e muito menos se ela tem ou terá um fim. Para percorrer o caminho, fiz minhas escutas, busquei compreender e descrever vivências, procurei interagir, tive alguns encontros e experimentei também desencontros. Para conseguir perceber, vivenciar, descrever e interpretar, busquei respaldo nos princípios biocêntricos de Rolando Toro, na fenomenologia de Merleau-Ponty, na complexidade de Edgar Morin. Precisei aprender a ler um mundo que não me era familiar: a realidade de vida das catadoras. As leituras, no caminho percorrido até aqui, têm mostrado que tenho que aprender a ler com os olhos, com os dedos, com o meu corpo. É preciso

silenciar para escutar e fazer novas perguntas sempre que necessário. Inventar e reinventar para compreender. Nada fácil. Aquilo que é conhecido devo tornar desconhecido. Aquilo que considero aprendido tenho que desaprender. Tenho de aprender a ler o mundo de outro modo:

Lê-se com os olhos, mas também com o olfato e com o gosto, com o ouvido e com o tato, com o ventre, inclusive com a ajuda de martelos e bisturis. O leitor ao qual Nietzsche aspira lê com todo o corpo e não só com as partes 'altas' privilegiadas pela hierarquia dos sentidos imposta pela tradição metafísica: os olhos e a mente, o espírito em suma'. (LAROSSA, 2004, p. 31)

Em síntese, o trabalho aqui apresentado se organiza da seguinte maneira: no capítulo **Caminhos trilhados** abordo as perspectivas fenomenológica e etnográfica como norteadoras deste trabalho, esclarecendo os procedimentos com que me aproximei da pesquisa. Além dessas, discorro sobre observação participante, entrevistas e diário de campo que se constituíram como técnicas auxiliares de pesquisa.

No capítulo **Vivências de uma pesquisadora em campo: uma experiência necessária** compartilho um pouco de minhas vivências enquanto estive no campo de pesquisa.

No capítulo **Reciclando para transformar a vida** trago um pouco da história dos catadores e a sua transformação de Associação em Cooperativa, bem como a sua relação com os parceiros. Ao final, procuro dar uma imagem do campo, convidando o leitor a entrar na usina.

No capítulo **Narrativas e aprendizagens com catadores(as)** descrevo alguns fragmentos de entrevistas que contam como se deu a sua inserção nessa atividade. A partir de vivências e experiências no mundo vivido dessa categoria de trabalhadores, foco o processo de (re)construção de uma identidade narrativa e as dimensões simbólicas que reforçam as posições de desigualdade social, bem como a divisão sexual do trabalho.

No capítulo **Parceiros dos catadores compartilhando vida e conhecimento** focalizo as ações coletivas como propiciadoras de aprendizagens. Além desse aspecto, trago a Extensão Universitária como processo com potencial educativo e que se constitui como elo entre universidade e a sociedade, proporcionando trocas constantes de saberes.

1 CAMINHOS TRILHADOS

A experiência da leitura não consiste somente em entender o significado do texto, mas, em vivê-lo. E é a partir deste ponto de vista que, ler, coloca em jogo o leitor em sua totalidade.

(JORGE LARROSA)

Para compreender a que se propõe o presente trabalho, busquei me lançar numa aventura, quase que numa pretensão de conhecer um mundo ainda incompreensível e, com alma de criança, tentei penetrar neste universo de vida de catadores e catadoras para, de alguma forma, conhecer e compreender sua realidade, poder descrever para compartilhá-la com os leitores, não somente do universo acadêmico, mas também com esta categoria de trabalhadores que, conforme Boff (2000), vivem no respeito e na solidariedade para com todos os seres vivos, humanos e não humanos, cuidando para manutenção da vida e de sua manutenção sobre a Terra.

Já nos primeiros contatos, tanto nas reuniões do FACS (criado em 2009 em Santa Cruz do Sul) como na usina, trabalhando na esteira, no galpão, ao lado das catadoras, reciclando os materiais, em reuniões, nas visitas as suas casas para entrevistas e na participação em inúmeros outros espaços e oportunidades, foi-me oportunizado o pensar sobre a vida, a educação e, obviamente, sobre questões existenciais. Inúmeros eram os questionamentos que perpassavam a minha mente em busca de conhecer para tecer a “colcha de retalhos” ao longo do processo de pesquisa: Quem são essas pessoas envolvidas na catação e reciclagem de materiais? Como vivem? O que pensam? Quê vivências e experiências teriam para compartilhar? Assim, a vontade de conhecer e o *estar com* os catadores e catadoras foi fundamental para a continuidade e desenvolvimento do trabalho de pesquisa.

Ao se definir um tema e campo de pesquisa, é fundamental refletir sobre os caminhos a percorrer como desenho metodológico detalhado para o estudo. A adequação das escolhas metodológicas se constitui sempre um desafio. Não existem caminhos prontos na pesquisa. Seria muito mais fácil e confortável se assim fosse. A pesquisa é sempre um convite e um convite a lançar-se para algum lugar ainda desconhecido. Há caminhos a serem desvendados e percorridos sem saber de antemão o que poderá suceder em seu percurso. Pesquisar é como jogar-se do alto e saber que o seu destino certamente será em algum lugar. Importa chegar. O

tempo e o percurso não são sem sentidos. Não é o tempo que delimita as coisas? E também não o é assim na pesquisa?

Trabalhei com as catadoras no galpão quando a esteira apresentava problemas mecânicos e na esteira nos demais dias, sendo que o material vinha todo misturado, da forma como era depositado pelas famílias nas ruas para o recolhimento pelos caminhões. Por vezes, viam-se materiais que vinham junto com o lixo sobre a esteira ou mesmo por entre as montanhas de lixo aguardando o processo de reciclagem que não precisaria ter como destino o lixo. No *estar com* as catadoras na usina, havia um mundo a ser lido e compreendido. Era necessário ler com todo o ser.

Dar a ler cenas observadas nos dias de convivência e de trabalho com as catadoras não se constitui em uma tarefa fácil. A realidade de uma estudante, pesquisadora, que vive um mundo distante do mundo das catadoras, mesmo que no estar com elas haja uma tentativa de proximidade, parece apontar para um abismo entre dois mundos. Não há como afirmar que, mesmo com todos os avanços a partir dos diálogos, parcerias e apoio de entidades, as catadoras não estejam mais situadas numa cadeia de exploração injusta, recolhendo o que já não tem mais nenhum valor para aqueles que possuem e possuem muito mais do que o necessário. Infelizmente, ainda é uma realidade de nossos dias vermos restos do que outros consumiram, sobras, se transformarem em alimento e sobrevivência daqueles que são empurrados pelo poder do capitalismo para um lugar de degradação, de violência simbólica, ao querermos os enaltecer de alguma forma, tornando-os dignos de todo o reconhecimento pelo bem que fazem à Humanidade. Reconhecimento de quê? Da vergonha daqueles que não estão comprometidos com o bem estar social, que podem jogar fora como se as coisas não tivessem um fim, que lançam fora sem pensar nas consequências de seus atos sobre si mesmos, sobre os outros e sobre a vida no planeta.

Essa reflexão lembra os venenos e embalagens que continham materiais tóxicos que passavam sobre a esteira junto com outros materiais e lixo hospitalar (sem saber a sua origem) como agulhas descartáveis e outros objetos que não deveriam estar ali. É preciso o reconhecimento do perigo que representam atitudes impensadas e irresponsáveis de algumas pessoas para com a vida de outras. Tudo isso mostra que estamos longe de um ideal, que é necessário muito diálogo e conscientização para que mudanças aconteçam. E o que a Educação tem a ver com isso? Não fomos todos nós um povo muito bem educado, instruído? Se somos educados, em qual abismo ou oceano se perdeu o que é básico para a sobrevivência da própria espécie humana? Leonardo Boff, em sua obra *A ética da vida* (2000) nos conduz a

refletir sobre a relação que estabelecemos com a vida, em face da própria crise ecológica mundial que presenciamos na atualidade. Como viver? Como o homem deve se relacionar com a Terra para preservá-la, não ameaçá-la, destruindo-a com as suas próprias mãos, colocando em risco a nossa própria existência e a de todos os demais seres que vivem sobre a Terra?

Faz-se imprescindível viver de forma a cuidar da geração atual e da vindoura. Não somos donos do mundo. O homem poderá não cuidar da vida, destruindo a si mesmo e ao planeta. Extinto o homem da face da Terra, este já não ressurgirá mais. Destruído o Planeta Terra, este fará o possível e o impossível para brotar do caos, insistindo em que a vida ressurgja de outra forma e com outras cores, daí, porém, sem o homem para intervir sobre ela, mas também sem poder apreciá-la. A ganância do ter esquecendo-se o ser, poderá trazer muito sofrimento à Humanidade se não houver com urgência uma outra forma de se relacionar com a vida. O homem necessita repensar seus valores, assumindo de fato uma nova postura ética perante a vida.

Rolando Toro (2002), com o Princípio Biocêntrico, nos deixou uma herança ao nos lembrar que o universo está compreendido como um sistema vivo. Tudo o que existe, não existe sem sentido, desde a pedra ao pensamento que possamos julgar como mais sutil, faz parte deste sistema vivo que parece ser algo complexo demais para a racionalização humana. Para o Princípio Biocêntrico, o universo existe porque existe a Vida e não o contrário. Da forma como o mundo se coloca, este Princípio traz uma nova luz sobre o entendimento do homem e sua ação/relação com a vida, reconhecendo este que tudo o que faz e/ou fizer deve estar em função da vida. Existe um respeito para com a vida e para com o outro como primordial. Esta forma de perceber e de se relacionar com a vida, não subjugando o outro, dominando-o visando interesses egoístas e de ordem material, pode trazer uma nova ordem às coisas e, enfim, à existência humana.

Talvez esta nova forma de vida seja um convite para voltar a priorizar o amor, uma palavra tão simples, singela, com poder indescritível, mas tão banalizada em nossos dias. O mundo que descrevemos é o mundo criado por nós. Precisamos com urgência criar um outro mundo para podermos escrever outras histórias. E é na base, em terra fértil, que as sementes devem ser lançadas para germinarem e produzirem os seus devidos frutos. Que sementes queremos e onde está o campo para a sementeira? Quem são os cuidadores e onde estão eles? Onde há vida há campo. Onde há campo há terra e possibilidade de sementeira. Lançar a

semente exige movimento e direção certa e nisso o homem pode ser perito. Basta treinar e desejar.

A semente está com o homem e está muito bem guardada, dentro dele, em algum lugar. Se não a encontrar, basta apenas olhar para pequenos gestos como a gratidão de alguma mão que se estender e saberá onde achar a fonte da semente. Basta a vida soprar. Mesmo que se perceba só caos, em algum lugar já tem início nova vida. Entre o que parece podre para alguns, mal cheiroso para outros, há quem encontre vida para saciar a fome. Para alguns, aqueles que têm mais do que precisam, isso se chama *lixo descartável, inútil, sobra, sem destino*; para outros, os que são deixados sem meios para se defender, isso tem o nome de *saciar minha fome, cobrir o meu corpo, calçar os meus pés, meu salário, destino certo e mina de ouro*. Só para descrever exemplos vistos, narrando experiências e vivências dos catadores e catadoras, além dos vivenciados pela própria pesquisadora e alguns de forma muito intensa, seria necessário escrever um outro livro.

A convivência com os catadores bem como as entrevistas com eles permitiram observar que estas são pessoas que não desistiram, escreveram e continuam escrevendo a sua história. A maioria dos catadores entrevistados são mulheres que trabalham junto à esteira na seleção dos materiais, com idade superior a 40 anos, união estável, uma média de três filhos por catadora, escolaridade de ensino fundamental nível I incompleto. A maioria estava desempregada, mas tinham experiências profissionais anteriores em trabalhos informais (serviços domésticos e agricultura) e trabalhos temporários na indústria da fumicultura (safristas).

Algumas vêm de municípios de regiões vizinhas do estado, já outras são santacruzenses e estavam sem emprego. São trabalhadoras que insistem e conseguem um espaço à margem, um espaço pequeno, bem apertado, como um porto seguro para si e para a sua família. A primeira preocupação das recém-chegadas era dar o mínimo de conforto para as pessoas mais íntimas, sangue de seu sangue. Instaladas, as novas moradoras, porém, desempregadas, tinham como grande tarefa a busca de um trabalho que trouxesse recursos para o sustento dos seus que tinham fome. Havia promessas, esperança e sonhos, mas, emprego não era algo que se encontrava em um estalar de dedos. Dias, semanas, meses e, às vezes, anos até a realização do sonho da carteira assinada. A fome batia à porta e pais e mães de crianças viam-se em situações de sofrimento. Havia, além da necessidade de saciar a fome, a conta de aluguel, de água e luz, que chegavam a um dia certo do mês.

Quem oferecia ajuda e apontava para uma possibilidade de emprego era, geralmente, uma pessoa que morava nas proximidades, um vizinho, parente ou conhecido. A catadora Odete encontrou em Branco, catador e um dos coordenadores da usina de materiais recicláveis, o caminho para um trabalho. Jane soube por seu locatário que ali, próximo ao seu bairro, havia uma usina e que poderiam estar precisando de catadoras para a reciclagem de materiais. Marli estava desempregada e sua irmã Sueli já trabalhava na usina. A catadora Ângela, sabendo da situação de dificuldades de Marli, chamou-a para uma entrevista e experiência com a reciclagem. Marli aceitou o convite e permanece até hoje. Ondina, cunhada de Ângela e Branco que já trabalhavam na usina, também desempregada e morando com a sua filha adolescente, responsável única pelo sustento de sua casa, aceitou o convite e diz estar feliz por ter um trabalho que lhe traz uma renda mensal.

O tempo avança e com ele a vida. O que se vê é exatamente o que se tem e essas são as ferramentas disponíveis no processo que vai se delineando aos poucos, podendo surpreender o pesquisador dando diretrizes ainda não vislumbradas. Assim, buscando tecer o meu próprio caminho e/ou caminhos da pesquisa, numa viagem definitivamente singular, revisitando leituras e extraindo significados, busquei me cercar de algumas perspectivas metodológicas que abordarei de forma sucinta.

1.1 O olhar fenomenológico

O pintor é o único que tem direito de olhar para todas as coisas sem nenhum dever de apreciação (*O olho e o espírito*, 1989, p. 48).

Para desenvolver a pesquisa com as catadoras de materiais recicláveis, baseei-me em uma abordagem fenomenológica. Isso se deve ao fato do referido método de estudo ser adequado para pensar o mundo vivido, mostrando-se mais próprio para as questões humanas e – sem desmerecer-se a importância das pesquisas estatísticas – acrescentando novas perspectivas de leitura e compreensão, ampliando o universo do conhecer. Para Merleau-Ponty,

a palavra não é desprovida de sentido, já que atrás dela existe uma operação categorial, mas ela não tem esse sentido, não o possui, é o pensamento que tem um sentido, e a palavra continua a ser um invólucro vazio (...), a linguagem é apenas um acompanhamento exterior do pensamento. (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 241).

A Fenomenologia teve como precursor Frantz Brentano, sendo, no entanto, o filósofo Edmund Husserl (1859-1938) quem formulou as principais linhas desta abordagem e abriu caminho para outros pensadores contemporâneos como Martin Heidegger, K. Jaspers, J. P. Sartre, Merleau-Ponty, dentre outros. Para um fenomenólogo, o objeto percebido é tema que se põe à consciência quando esta se volta para ele. É esta percepção externa que se torna assunto para sua reflexão e frente a qual poderá afirmar a existência do objeto. Husserl sistematizou a Fenomenologia como a volta às coisas mesmas, isto é, a volta às essências.

Husserl percebeu que existe certo desequilíbrio na relação entre sujeito e objeto, entre a consciência e as coisas. Não se pode definir a consciência fora da relação com as coisas, ela não é nada fora desta relação. Não é uma coisa que se opõe a outras coisas. Consciência é um modo do sujeito entender o mundo. Propõe recuperar a realidade do mundo, a realidade das coisas. Voltar às coisas mesmas, para Husserl, é manter a autonomia das coisas em relação à consciência. Para Merleau-Ponty (2004, p. 48) “só sentimos que existimos depois de já ter entrado em contato com os outros, e nossa reflexão é sempre um retorno a nós mesmos que, aliás, deve muito a nossa frequência do outro”. Para a fenomenologia é fundamental descrever a realidade no seu emergir imediato, como ela aparece e se manifesta:

Trata-se de descrever, não de explicar nem de analisar. Essa primeira ordem que Husserl dava à fenomenologia iniciante de ser uma "psicologia descritiva" ou de retornar "às coisas mesmas" é antes de tudo a desaprovação da ciência... A ciência não tem e não terá jamais o mesmo sentido de ser que o mundo percebido, pela simples razão de que ela é uma determinação ou uma explicação dele. (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 3).

A fenomenologia traz a sua contribuição para um novo olhar para a conduta das expressões da vida enquanto acontecimento. Ela supõe a intuição, o sentido. O pensamento se expressa pela vivência de um corpo no mundo e com o mundo. É uma proposta de retorno para um mundo sensível que não ignora o corpo e sua atuação no mundo, afetando e sendo afetado por ele. Para esta nova forma de fazer ciência, de fazer pesquisa, a fenomenologia mostra a importância da convivência para o entendimento de como o outro sente a sua vivência. Esta deve ser reconhecida como única e singular. Merleau-Ponty (1999, p. 269) refere que “quer se trate do corpo do outro ou de meu próprio corpo, não tenho outro meio de conhecer o corpo humano senão vivê-lo”. O autor traz importantes contribuições na sua obra Fenomenologia da Percepção (1999), discorrendo sobre conceitos (o corpo como expressão e a fala, o mundo percebido, o sentir e o espaço) que considero também relevantes para uma interlocução com o texto e contexto de pesquisa com as catadoras.

A fenomenologia valoriza a experiência vivida e os sentidos que são fundamentais no processo de vivenciar e conhecer. Ela valoriza também as informações recebidas pela percepção do homem. A fenomenologia interroga a ciência tradicional e reconhece que existem outras formas de se fazer ciência, não negando a importância da ciência clássica, mas reconhecendo que há Inteligência, que há conhecimento e vida nas outras formas de expressão como a arte, pintura e corporeidade. Para Merleau-Ponty (2004, p.5), mesmo que o pensamento e a arte moderna reabilitem a percepção e o mundo percebido, não negam o valor da ciência como instrumento do desenvolvimento técnico ou como escola de precisão e de verdade.

A Fenomenologia como ciência, que nasce no início do século XX, vem contrapor a uma filosofia que fazia separação entre sujeito e objeto, no século XIX:

[...] a questão que o pensamento moderno coloca em relação à ciência não se destina a contestar sua existência ou a fechar-lhe qualquer domínio. Trata-se de saber se a ciência oferece ou oferecerá uma representação do mundo que seja completa, que se baste, que se feche de alguma maneira sobre si mesma, de tal forma que não tenhamos mais nenhuma questão válida de colocar além dela. Não se trata de negar ou de limitar a ciência; trata-se de saber se ela tem o direito de negar ou de excluir como ilusórias todas as pesquisas que não procedam como ela por medições, comparações e que não sejam concluídas por leis, como as da física clássica, vinculando determinadas consequências a determinadas condições. (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 5-6).

Dentre os principais filósofos da Modernidade, Merleau-Ponty (1999), parte da definição de que a fenomenologia é o estudo das essências não separado do mundo da experiência: “Mas a fenomenologia é também uma filosofia que repõe as essências na existência, e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra maneira senão a partir de sua ‘facticidade’” (p.1). Assim como na perspectiva de Husserl, Merleau-Ponty também refere que tudo o que conhecemos do mundo, sabemos-lo por meio da nossa própria vivência, da nossa experiência singular. O mundo percebido é o mundo vivido, é uma experiência vivencial que é descrita. Ao se fazer a leitura de um determinado fenômeno, este nunca se apresenta na sua dimensão total. É na convergência de várias perspectivas que somos levados a perceber a estrutura do fenômeno. Para a fenomenologia trata-se de descrever, não de analisar, explicar e/ou interpretar o mundo. A descrição dos fenômenos da vida vem como uma outra possibilidade de se fazer ciência.

As ideias expostas acima se constituem como alguns conceitos-chave para a pesquisa a que me proponho, ou seja, falam da dimensão perspectiva, percepção, corpo, campo e horizonte, podem ser melhor explicitados mediante um exemplo que Merleau-Ponty utiliza na

Fenomenologia da Percepção: a percepção de uma casa, como apresento a seguir, numa tradução livre do texto do autor:

Percebemos uma casa vizinha à medida que passamos por ela. Quando nos aproximamos, vemos primeiramente um lado, depois, à medida que caminhamos, vemos a frente da casa e, a seguir, o outro lado. Se contornássemos a casa, veríamos os fundos, e, se pudéssemos entrar, veríamos o interior, de vários ângulos, de acordo com a nossa localização. Como vemos a casa de forma diferente em cada ângulo, sabendo que se trata da mesma casa, concluímos que a casa existe como algo em si, independente de qualquer perspectiva. Por outro lado, a visão desta, de qualquer ponto em que estejamos, nos permite saber que é uma casa. Ver a casa é, portanto, vê-la de algum lugar, em algum momento, ou seja, vê-la de uma forma perspectival, num determinado local, num determinado tempo, referidos como um horizonte. Ver a casa, portanto, implica poder vê-la de várias perspectivas, que são várias possibilidades”. (MERLEAU PONTY (1999, p. 83).

1.2 O olhar etnográfico

O desejo de realizar a pesquisa, de conhecer as catadoras, aumentava a ansiedade de querer estar em campo à medida que o tempo passava. A realização da pesquisa exigiu estudos, leituras, escolhas, renúncias, opções teóricas e metodológicas. A opção pela etnografia não foi por acaso. A leitura de textos escritos por pesquisas feitas pelas antropólogas Margaret Mead e Claudia Fonseca, ainda no tempo da minha formação acadêmica, já despertaram em mim um carinho pela pesquisa com pessoas. Ao pensar em ingressar no campo de pesquisa, me deparei com inúmeras limitações. Tinha que aprender e pensar no meu próprio método de pesquisa, de fazer ciência e de construir a minha própria identidade como pesquisadora que, acredito, foi de alguma forma marcada pelas leituras que fazia de Claudia Fonseca, Margaret Mead e outros autores. Fui sendo envolvida de uma forma suave e me deixando conquistar pelas leituras que fazia. Nesse momento, ao decidir quais caminhos trilhar, vi a possibilidade de integrar etnografia e fenomenologia como norteadoras para as possibilidades de conhecimento da pesquisa.

A etnografia tem como seus pais Franz Boas (1858-1942) e Bronislaw Malinowski (1884-1942). Para Boas (LAPLANTINE, 2007, p.7) “não há objeto nobre nem objeto indigno da ciência. As piadas de um contador são tão importantes quanto a mitologia que expressa o patrimônio metafísico do grupo”. Malinowski procurava penetrar na cultura de um povo, permanecer com o povo que estudava – o que fez por duas vezes nas ilhas Trobriand – compreender de dentro o que dizem, o que pensam, o que sentem as pessoas de uma cultura

diferente da sua. A pesquisa etnográfica pode ser compreendida como o exercício do olhar (ver) e do escutar (ouvir) que impõe ao pesquisador

um deslocamento de sua própria cultura para se situar no interior do fenômeno por ele ou por ela observado através da sua participação efetiva nas formas de sociabilidade por meio das quais a realidade investigada se lhe apresenta. (ROCHA; ECKERT, 2008, p. 2).

Na primeira metade do século XX,

o pesquisador observador compreende que ele deve deixar seu gabinete de trabalho para ir compartilhar a intimidade dos que devem ser considerados não mais como informadores a serem questionados, e sim como hóspedes que o recebem e mestres que o ensinam. Ele aprende então, como aluno atento, não apenas a viver entre eles, mas a viver como eles, a falar sua língua e a pensar nessa língua, a sentir suas próprias emoções dentro dele mesmo. (LAPLANTINE, 2007, p. 75 – 76).

Tinha consciência que permaneceria longas horas com as catadoras para a realização da pesquisa de campo, o que poderia talvez parecer com “jogar tempo fora”, na concepção de pessoas que ainda não tem a compreensão sobre o *fazer pesquisa*. Para mim, no entanto, eram horas prazerosas, de um com-viver tranquilo, de manifestação de vida e de muita aprendizagem, apesar do cansaço que era evidente muitas vezes ao final do dia. Diversos eram os questionamentos que me vinham à mente já antes de ingressar em campo: que contribuições traria esta pesquisa para o grupo de catadoras após a sua conclusão? Eu conseguiria ver além do visível e identificar aspectos importantes para a pesquisa? Que aprendizagens eu conseguiria extrair dela? Ao começar a fazer os registros em meu Diário de Campo, esses questionamentos começaram a diminuir. Eu estava com a atenção voltada para os detalhes que passaram a receber um novo olhar naquele momento da pesquisa. Não podia esquecer ou perder registros de narrativas das catadoras durante a convivência com elas, de observações feitas e de vivências no campo de pesquisa.

O entendimento, através de leituras, sobre o que é a etnografia e a fenomenologia me ajudou muito em minha pesquisa. Não precisava me preocupar em interpretar, em dar respostas e fazer grandes análises. Na minha limitação humana não encontraria respostas para muitas observações feitas e descritas no diário de campo e que trabalharei ao longo deste estudo. As interrogações eram mais frequentes durante a presença em campo e no estar com as catadoras. Algumas vezes, eu era interrogada por elas: “no que tu *tá* pensando?”. Eu apenas procurava entender a sua linguagem como palavras, sons e gestos nas suas relações nas diferentes horas de convivência. Cada momento da pesquisa foi vivido intensamente. Queria compreender o momento presente vivido por essas mulheres catadoras, ouvir as suas histórias, saber de seus sentimentos. Enfim, tinha o desejo de conhecer essas mulheres

enquanto alguém igual a mim e ao mesmo tempo ‘outro’. Talvez uma necessidade de conhecer um pouco mais sobre o humano em sua diversidade para conhecer melhor a mim mesma já que se tratava de uma pesquisa com pessoas. Essa experiência direta com o grupo pesquisado remete às ideias de Laplatine, para quem

aquilo que os seres humanos têm em comum é sua capacidade para se diferenciar uns dos outros, para elaborar costumes, línguas, modos de conhecimento, instituições, jogos profundamente diversos: pois se há algo *natural* nessa espécie particular que é a espécie humana, é sua aptidão à variação cultural. (LAPLANTINE, 2007, p. 22).

O quê me levou a pesquisar com catadoras de materiais recicláveis? Muitos me fizeram essa pergunta ao longo da minha pesquisa. Alguns, mais para satisfazer a sua curiosidade. Outros pareciam ansiar por respostas. Havia a oportunidade de fazer pesquisa com alunos em uma escola de periferia, com um grupo de mulheres no Presídio, com crianças em um abrigo municipal, mas algo me atraía para estar com as mulheres catadoras de materiais recicláveis. Logo após o meu primeiro contato com o grupo de mulheres na usina, já estava convicta de que era com elas que queria fazer a pesquisa, apesar de não ter respostas. Nossos mundos eram tão diferentes. Havia algo que nos aproximava e/ou identificava. Perguntava-me que forças moviam essas mulheres fazendo com que caminhassem todos os dias, seja no frio ou no calor, com chuva ou sem chuva, vários quilômetros até o local de trabalho. À noite, após um dia exaustivo, ainda sobravam forças e disposição para o caminho de retorno de aproximadamente uma hora a pé até chegarem as suas casas, sem contar com as atividades domésticas que lhe aguardavam.

Para o desenvolvimento da pesquisa, penso que foi fundamental o vínculo satisfatório entre pesquisadora e participantes e a aceitação da proposta de pesquisa. Um dos aspectos que observei na primeira visita à usina de materiais recicláveis foi a dificuldade de vinculação entre pesquisadora e as catadoras da usina. Teria esse aspecto uma relação com a invisibilidade social dessa categoria de trabalhadores? Conforme um registro em meu diário de campo “Vejo o primeiro momento da visita muito delicado porque fala de todo o processo de vinculação, de respeito com o diferente, de aceitação desse outro para comigo e não desejo de forma alguma prejudicar o andamento da pesquisa e a minha inserção no local”. No dia da visita para conhecimento do local e contato com as pessoas, todos estavam nas suas tarefas no momento da minha chegada. Fui muito bem recebida por Luís, um catador que, na ausência de dois coordenadores da usina, assume essa função. Relendo o diário de campo, no dia da minha chegada à usina, vejo o seguinte registro desse primeiro contato:

Logo avisto Luís que vem em minha direção para me receber. Ele é um senhor jovem simpático. De longe, não consigo distinguir se é homem ou mulher. Ao chegar mais perto vejo que é homem, usa chapéu, brincos, e está muito bem vestido para quem trabalha com lixo. Ele se apresenta como coordenador da usina. Diz que na ausência de Grazi e de Fagner, ele assume. Conduz-me até a sua mesa. Pergunto se Grazi lhe informou de meu contato por celular e ele diz que não. Para mim, fui tão bem recebida que parecia já estar me esperando. Luís me leva até uma mesa grande com algum material para registros, como caderno, agenda e caneta. A mesa fica bem próxima às esteiras onde é feita a reciclagem. Pergunto se é seu lugar de trabalho e ele logo responde com certo orgulho “Não! Aqui é minha mesa, mas, eu não trabalho aqui. Eu trabalho no escritório, no prédio marrom que fica logo na entrada. Hoje eu não trouxe o meu *note* porque eu pensei que ia chover e não podia *molhá*”. Quando o Fagner e a Grazi não estão, eu sou o coordenador e trabalho aqui. (Diário de Campo).

Enquanto falava com Luiz e ele respondia às minhas perguntas, olhava para as catadoras que trabalhavam na esteira. Havia mais alguns homens, também catadores, que passavam pelo local exercendo tarefas de prensagem, de organização do local e de recolhimento dos sacos cheios de material reciclado que é lançado pelas catadoras e que ficam presos embaixo da esteira. Tudo isso acontecia bem próximo ao local em que eu conversava e procurava conhecer o ambiente. Estava ansiosa por um encontro com algum olhar de alguma pessoa ali próxima para cumprimentá-la, desejando alguma vinculação. Infelizmente, a primeira visita foi de certa forma frustrante. Senti-me uma estranha no local. A pergunta que me fazia: “Como conseguir proximidade com essas pessoas?” Essa experiência me remete ao que diz Cláudia Fonseca:

A reação do “nativo” diante de nossa pessoa — seja ela de dissimulação, adulação, hostilidade, ou indiferença — é um dado fundamental da análise que diz muito sobre relações de desigualdade e dominação. Mas seria um engano igualmente ingênuo reduzir a realidade àquela dimensão que diz respeito a nossa presença. Ousamos imaginar que existe vida social além da situação pesquisador- pesquisado e — quem sabe — além da relação dominante-dominado (ou, pelo menos, algo que não se explica só em função dela). A relação entre iguais também nos interessa e o método etnográfico tem a pretensão de ir atrás dela. (FONSECA, 1998, p. 65).

Durante todo o tempo de pesquisa não foi possível pensar o trabalho em campo sem pensar as questões éticas implicadas, desde a inserção, interação entre pesquisadora e catadores, observações, leituras, pensando a minha presença no local, não desejando de forma alguma trazer algum prejuízo para as pessoas. Busquei ter em mente a responsabilidade que requer uma pesquisa, certificando-me de que os catadores e catadoras tinham conhecimento da pesquisa, pensar sobre os limites do trabalho de campo, suas possibilidades e possíveis implicações. Sem a observação destes aspectos, a pesquisa se tornaria inviável. Já no momento da inserção, uma das preocupações minhas foi de compartilhar que o objetivo da pesquisa não era intervir pensando mudanças ou reivindicações políticas objetivando melhorias para as pessoas envolvidas, mas que estas poderiam se dar de forma indireta com a

pesquisa. No tempo em que realizei a pesquisa de campo, procurei permanecer o máximo de tempo possível, convivendo em diferentes dias e turnos de trabalho e, inclusive, em períodos de intervalos para o almoço e lanches.

Assim, a etnografia se constituiu como uma opção pelos aspectos importantes da observação e descrição detalhada que a caracterizam. Considerei estas fundamentais para a compreensão das vivências e experiências, que se dão no mundo da vida, no mundo do trabalho, no mundo do entretenimento e lazer e que somente foi e é possível compreender os contextos das catadoras a partir desses aspectos. Diz Laplantine que

a etnografia é a coleta direta, e o mais minuciosa possível, dos fenômenos que observamos, por uma impregnação duradoura e contínua e um processo que se realiza por aproximações sucessivas. Esses fenômenos podem ser recolhidos tomando-se notas, mas também por gravação sonora, fotográfica ou cinematográfica. (LAPLANTINE, 2007, p. 25).

1.3 Observação participante

Desde que nascemos já nos constituímos como observadores. O mundo ao nosso redor está cercado de elementos dignos de registros pela sua importância. O ato de observar passa a ser algo praticamente inconsciente na maior parte do tempo de nossas vidas. Faz parte das relações. Na pesquisa, no entanto, somos conduzidos a refletir sobre esse ato e de sua importância no processo. Tal ato toma um novo sentido, pois não consiste em apenas olhar, mas examinar com cuidado, prestar atenção focada e com objetivos para a realidade que se deseja conhecer. Inseridos no campo de pesquisa, a observação participante requer um certo tempo, um certo envolvimento para uma descrição maior dos fenômenos que se percebe e compreensão da realidade pesquisada. Considero que a pesquisa participante junto com outras pessoas pode se apresentar como espaços de aprendizagens para todos os seus integrantes. Para tal, para que aprendizagens aconteçam em outros espaços, não tradicionais, é importante que as relações sejam permeadas de respeito, de compreensão, afetividade e de percepção do valor do outro na relação. Ninguém vive sozinho. A vida só faz sentido na relação.

Para realizar a pesquisa com as catadoras, já vivi a possibilidade de observar desde a minha primeira visita à usina onde estas fazem a reciclagem. Após o pedido de consentimento para a realização da pesquisa junto ao coordenador da COOMCAT, Fagner, marquei por telefone uma entrevista com um coordenador da usina para o primeiro contato. Era apenas uma entrevista com o catador Luiz (Branco), para conhecer o local, expor o projeto e ver a possibilidade de pesquisa. Não bastava somente desejar estar ali para fazer a pesquisa.

Precisava ser aceita pelas pessoas que trabalhavam na usina e conseguir me vincular. Muitas observações dignas de registro já tiveram início ali. Tive dificuldade de localizar o galpão onde as catadoras trabalham porque está localizado numa parte mais baixa e não era visível da entrada principal. A minha ida se deu logo após um dia de chuvas e havia muito barro no local em razão do trânsito contínuo dos caminhões e máquinas. Antes de chegar ao galpão, tive que contornar um depósito de lixo enorme. O cheiro era muito forte. Até aquele momento, lixo pra mim só era um problema quando o caminhão não passava nas ruas do bairro onde eu moro para o recolhimento.

Naquele dia, tive uma pequena noção do que seria a vida urbana sem este tipo de serviço e pensei na importância da reciclagem. Quanto tempo ainda levaria até a população ter consciência e formar novos hábitos em relação ao lixo. Senti de longe o mau cheiro exalado pelo lixo depositado. Uma dezena de garças sobrevoava o local e se misturavam junto ao lixão à procura de algum alimento. Passei pelo depósito até chegar ao galpão. O catador Luiz, carinhosamente chamado de Branco, vem ao meu encontro para me receber. Apresento-me e sou conduzida por Luiz até uma pequena escrivania, uma espécie de escritório improvisado, que fica debaixo do galpão aberto, bem próximo à esteira onde as catadoras trabalhavam fazendo a reciclagem. Ali permaneço por aproximadamente uma hora para um diálogo com Luiz.

Os meus olhos ‘passeavam’ por todos os lugares. Os sentidos pareciam em estado alerta. Havia tanta coisa para ver, para conhecer. Olhava para as catadoras na esteira na expectativa de que alguma olhasse em minha direção e eu pudesse então cumprimentá-la, educada e amorosamente. Senti-me muito frustrada neste dia. Desejava conseguir algum vínculo já no meu primeiro encontro com elas. Elas estavam ocupadas com a reciclagem, o que é óbvio. E o que significava a minha presença naquele momento para elas? Inúmeras eram as perguntas que me fazia. Como eu conseguiria realizar uma pesquisa com um grupo de catadoras que não pareciam perceber a minha presença no local? Como conseguir a minha inserção neste campo de pesquisa? Seria aceita pelas catadoras? Como conseguiria me vincular? Eu era uma estranha naquele lugar? A sensação foi de que a minha presença estava interferindo de alguma forma no comportamento das catadoras.

Nesse sentido, pensava que teria que aguardar algum tempo, talvez semanas e/ou meses, até conseguir um bom vínculo de confiança entre pesquisadora e grupo de catadoras para que pudesse ousar um pouco mais na pesquisa, tirando fotografias e, inclusive, realizando algumas pequenas filmagens. No entanto, já na minha terceira visita como observadora participante,

fui surpreendida com o pedido da catadora Ângela, ao me solicitar que tirasse algumas fotografias na usina e que registrasse tudo, contando a realidade das catadoras em Santa Cruz do Sul. Como tinha evitado propositalmente levar algum instrumento para fazer os meus registros, agradei gentilmente, sentindo-me mais a vontade para levar minha máquina fotográfica após o convite da catadora. Recebo dessa catadora algo a ser lido. Ela o dá como um presente e sente necessidade de compartilhá-lo, o que me remete a pensar com Larrosa (2004), ao afirmar que precisamos ler com a ponta dos dedos, com intensidade.

Percebo o pedido como uma forma de comunicação de algo que parece evidente para elas, algo não trivial e merecedor de uma atenção devida. Não seria uma forma de pedir alguma intervenção quando existe um sentimento de impotência ou limitação diante de uma realidade que se coloca como real? Percebo-me de alguma forma sendo convocada a pesquisar e investigar uma realidade que não se apresentava trivial para elas, de algo que não podia permanecer velado e/ou oculto aos olhos de outras pessoas. O desejo de que eu registrasse algumas fotografias com as catadoras na esteira para mim fazia sentido. Esta era a sua realidade cotidiana.

Não precisavam se produzir para esse momento como costumeiramente o fazemos quando tiramos algumas fotografias em ocasiões importantes. Elas estavam prontas para tirar as fotos. E eu me perguntava: tirar fotos em meio ao lixo? Ângela consegue fazer desse momento algo divertido e diz “Olha! Ninguém esqueceu o perfume?”; “Olha o sorriso!”; “Eu quero *aparece* no teu livro!”. O que poderia significar o *estar no livro* para alguém que sonhou com livros, com a sala de aula, mas a vida, o mundo em que vivemos, lhe deu outro destino? O que estaria sendo trazido à memória de Ângela naquele momento? Que sentimentos e/ou vivências estariam se passando em seu espírito? Como poderia ter acesso a esse mundo de Ângela, não visível aos meus olhos enquanto pesquisadora, mas certamente tão rico em conteúdos?

O pedido da catadora Ângela contribuiu para inúmeras interrogações e inquietações que me acompanharam ao longo da pesquisa participante. No *estar com* as catadoras, foi necessário sensibilidade para observar, refletir e compreender aspectos que se colocavam como problema, dificuldade e/ou algo novo, surpreendente. Ao se fazer pesquisa, falar das ciências sociais é difícil porque

são ciências que têm por objeto fenômenos que não podem ser descritos formalmente. A física fala de coisas que estão por trás dos corpos, que estão por trás dos objetos. Mas, se você faz uma sociologia que ignora as pessoas humanas, que ignora o fato de que os seres não são feitos só de carne e sangue, mas também de espírito, que existem sofrimentos, infelicidades, se

fazemos uma sociologia puramente abstrata, puramente demográfica, puramente quantitativa, perdemos algo absolutamente essencial. (MORIN, 2001, p 71-72).

Para os antropólogos Malinowski e Boas, defensores da pesquisa de campo e conhecidos como os criadores da *observação participante*, esta era vista como um modo de pesquisar que coloca o pesquisador no meio da comunidade que está estudando e deseja conhecer. Como a pesquisa do tipo etnográfica exige um trabalho de campo e este já se apresentava como possibilidade, eu tinha ainda um obstáculo a vencer: sentir-me aceita pelas catadoras. Não sabia quanto tempo levaria até conseguir êxito nesse sentido. Muitas vezes, pode ser necessário um bom tempo de permanência em campo até conseguir uma aceitação pelos participantes, o que requer cuidado, habilidade e sensibilidade nos contatos e nas relações de vínculos que vão sendo estabelecidas. Cláudia Fonseca refere que

a etnografia está calcada numa ciência, por excelência, do concreto. O ponto de partida desse método é a interação entre pesquisador e seus objetos de estudo, 'nativos em carne e osso'. É, de certa forma, o protótipo do 'qualitativo'. E – melhor ainda – com sua ênfase no cotidiano e no subjetivo, parece uma técnica ao alcance de praticamente todo mundo, uma técnica investigativa, enfim, inteligível para combater os males da quantificação. (FONSECA, 1998, p. 58).

O meu trabalho como observadora já tinha começado desde o momento em que entrei no local e fiz a descrição do local, dos cheiros, das pessoas, das ações, dos fatos, das formas de linguagem e expressões que me permitem visualizar a realidade que desejo estudar. A partir do momento que consegui me inserir no espaço e me sentir aceita, tornei-me uma observadora participante. Não era uma observadora que olhava de fora a realidade das catadoras no local de pesquisa. Passei a fazer parte ativa do grupo. Trabalhava com elas na esteira, ao lado delas, desejando, durante o tempo em que estivesse com elas, ter vivências que me permitissem chegar o mais perto possível das vivências das catadoras, para compreender a sua realidade de vida.

1.4 Entrevista

A partir do final do século XIX, as técnicas de pesquisa começaram a se desenvolver com alguns antropólogos como o naturalizado norte-americano Franz Boas (nascido na Alemanha), o polonês Bronislaw Malinowski e o americano Lewis Henry Morgan, que realizaram inúmeros estudos sobre as sociedades tradicionais. Dentre os diversos métodos e/ou técnicas de coleta de dados na pesquisa científica, a entrevista é uma das formas que possibilita uma maior interação entre pesquisador e pesquisado(s) e é muito usada objetivando

conseguir informações ou coletar dados que não seriam possíveis somente pela pesquisa bibliográfica e pela observação. Haguette (1997, p. 86) define a entrevista como um “processo de interação social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado”. Através da entrevista, o pesquisador pode colher dados objetivos e subjetivos. Os dados subjetivos para obtenção de informações relacionadas com vivências que remetem às crenças, valores, atitudes, ideias e opiniões dos pesquisados são mais fáceis de conseguir através da entrevista.

Dentre os diversos tipos de entrevista, optei pela semiestruturada, desenvolvida a partir de questões norteadoras, previamente definidas, visando retratar as experiências e vivências das catadoras para as finalidades a que se propõe a pesquisa (MINAYO, 2007). No entanto, as entrevistas não seguiram uma padronização de questões pré-elaboradas. Tinha por objetivo a entrevista como mais um meio de compreensão e de conhecimento, valorizando a fala, o discurso dos entrevistados ao relatarem suas experiências, vivências, ideias e mesmo fazendo a suas próprias leituras de suas realidades. O *estar com* as catadoras no campo de pesquisa e ter a experiência de trabalhar na esteira foi fundamental para perceber que muito elas teriam a compartilhar a partir de suas experiências e vivências como catadoras. Senti, porém, a necessidade de obter mais dados sobre suas experiências e vivências e busquei consegui-las através da entrevista. Assim, ao coletar as informações,

parte-se do pressuposto metodológico de que o sujeito-colaborador sabe desta experiência, já que a vivenciou. O pesquisador se propõe, portanto, a aprender com quem já viveu ou vive a experiência sobre a qual ele quer aprimorar seus conhecimentos. (MOREIRA, 2004, p.451).

Optei por fazer uma entrevista com cada catadora que trabalhava na esteira durante o tempo em que estive no campo de pesquisa. Ao todo, foram dez catadoras. Foi explicado o motivo e o objetivo da pesquisa para que cada catadora pudesse entender do que se tratava e ter possibilidade de escolha em participar ou não. Havia a opção, na minha pesquisa, de manter em anonimato todas as catadoras entrevistadas e o sigilo das respostas. No entanto, considerei cada catadora como participante da pesquisa, sendo sujeitos de suas práticas e pensamentos, sujeitos de suas escolhas e histórias de vida, propiciando elementos ricos para o delineamento da pesquisa etnográfica a que esta se propõe, sendo que nesta abordagem o sujeito é reconhecido e visto em um contexto de vida que envolve experiências individuais e coletivas. Os demais catadores e entrevistados representantes das entidades que compõem o COOMCAT e FACS, citados nesta pesquisa, também são identificados pelos nomes próprios, com a sua permissão.

Pelo vínculo estabelecido entre pesquisadora e catadoras durante o tempo que realizava minhas idas ao campo para as observações, senti-me à vontade em convidá-las para a entrevista. Elas sugeriram que as entrevistas acontecessem em suas casas. E eu desejava conviver mais com elas para ver, me aproximar e afastar para me emocionar, poder gravar para escutar novamente, rir com elas em outros espaços e me surpreender, talvez, diante do que não fosse possível em outros espaços. Ao convidá-las, aceitaram prontamente e observei que aguardavam com certa ansiedade esse dia. Telefonei para cada uma delas, agendando dia e hora para a entrevista. Algumas catadoras chegaram a telefonar-me um pouco antes do horário para se certificarem de minha ida as suas casas. A pergunta era: “Você vem hoje pra minha casa? Eu estou esperando!”.

Ser recebida em suas casas foi para mim, enquanto pesquisadora, uma experiência muito gratificante. A técnica da entrevista dá liberdade de escolha ao pesquisador e pesquisado do espaço para o diálogo. Para uma leitura com sensibilidade e da valorização do humano, o diálogo que acontece entre as partes envolvidas na entrevista transcende os objetivos apenas da pesquisa. A possibilidade da casa dá ao pesquisador elementos importantes porque permite conhecer a realidade de vida da entrevistada. A entrevista permite ouvir, compreender e acolher o que é dito e não dito, para descrevê-lo. E ressignificar o diálogo pode ser descrito como uma leitura de um texto que é dado para ser lido além do visível.

Quanto à obtenção dos dados na entrevista, havia uma incógnita. Ela não tinha como objetivo prever informações e/ou buscar verdades que pudessem surgir a partir desses contatos. Para tanto, a escolha de uma entrevista semiestruturada teve como finalidade não fechar perguntas e possibilitar às entrevistadas ampliarem suas ideias e sentirem-se livres para comunicar os seus pensamentos, sentimentos e vivências. Conforme Brandão (2007, p. 26), “eu tenho um roteiro, mas o meu principal roteiro é minha sensibilidade, a minha vivência. Eu tenho a impressão que o melhor mestre de cada um de nós é cada um de nós”.

A entrevista serviu como dispositivo potencializador e provocador para que, em um determinado momento/espaço, a pesquisadora tivesse acesso a informações referentes às identidades e aprendizagens do grupo estudado e que fazem parte das conversas cotidianas, do espaço de trabalho e outros locais frequentados pelas catadoras e dos quais a pesquisadora não participa e/ou não teve acesso pelas próprias limitações no processo de pesquisa. Devido à organização do trabalho das catadoras na usina, ao pouco tempo disponível entre os intervalos de trabalho e a não interferência na rotina de trabalho, considerei mais apropriada a realização

da entrevista em outro espaço, sendo que o grupo de catadoras considerou o ambiente doméstico o ideal para esta atividade.

Para cada catadora, como gesto de reconhecimento e de carinho pelo tempo que dedicariam para a entrevista, levei uma cuca e/ou bolo e mais um belo conjunto de toalha de banho e de rosto escolhido com muito carinho e embrulhado como presente. Recebiam o presente e demonstravam alegria e gratidão pelo gesto. Como cada catadora entrevistada era presenteada no dia da entrevista, elas já sabiam de sua surpresa e aguardavam com certa ansiedade aquele momento. Percebia em seus rostos uma alegria enorme no momento da chegada em suas casas. Estavam compartilhando comigo um espaço íntimo de suas vidas. Como pesquisadora, como humana, esses momentos me propiciaram vivências muito ricas de aprendizagens, de uma abertura maior para a expressão de sentimentos e pensamentos, de escutar o que não escutaria em outros espaços.

Todas as entrevistas foram gravadas com a autorização de cada catadora e transcritas posteriormente. Ficou acordado que se houvesse qualquer conteúdo que não gostariam tornar público, o seu desejo seria respeitado. Optei por gravar as entrevistas para não precisar interrompê-las em seus relatos e poder fazer releituras posteriormente. Outros aspectos que considero favoráveis com a gravação das entrevistas: a) detalhes ficam preservados; b) a possibilidade da verificação do tom de voz para expressão de vivências e experiências; c) se ganha tempo para mais informações; d) a pessoa entrevistada não precisa responder por escrito.

Expliquei para cada catadora a razão de estar fazendo a entrevista e procurei deixá-las tranquilas, muito à vontade, para responderem às questões e falarem de suas vivências e experiências como catadoras. Procurei respeitar a história de vida de cada entrevistada, seus afetos, sentimentos, crenças, atitudes, pensamentos e valores.

1.5 Diário de Campo

Para que os dados da pesquisa recebessem a devida atenção, além da observação participante como técnica fundamental, adotei como recurso auxiliar imprescindível o meu diário de campo. No contexto da observação participante, além de participar das atividades com as catadoras, fazendo a reciclagem do material, pude atuar como observadora, prestando atenção em detalhes, procurando ver e ouvir, para conseguir fazer da forma mais fiel possível os registros das informações que eu considerava pertinentes. Geralmente, os registros eram

feitos à noite, após a saída de campo e com as informações ainda bem presentes em minha memória. Além dos registros das observações e experiências vistas ou escutadas nos dias em que permanecia no local, também anotava as minhas próprias experiências e vivências. Experiência para Larrosa (2002, p. 21), "é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca". Larrosa (2002, p. 27) diz ainda que "a experiência e o saber que dela deriva são o que nos permite apropriar-nos de nossa própria vida".

O diário de campo se constituiu, durante o processo de pesquisa, como um instrumento fundamental e imprescindível para expressar pela escrita as experiências que vivi em campo, registrando os fatos observados, sem negligenciar as impressões e sensações que causaram em mim. No tempo em que transcorre a experiência de campo até a descrição de dados e leituras para a sua compreensão, acontece, conforme Fonseca (1998), uma série de etapas que viabilizam a passagem entre a experiência de campo e as interpretações analíticas. Ou seja, para dar corpo a este elo perdido, desdobra-se o método etnográfico em cinco etapas: 1) estranhamento (de algum acontecimento no campo); 2) esquematização (dos dados empíricos); 3) desconstrução (dos estereótipos preconcebidos); 4) comparação (com exemplos análogos tirados da literatura antropológica) e 5) sistematização do material em modelos alternativos. Segundo Larrosa,

existem elementos da voz, precisamente os que não se podem articular, o gemido, o sussurro, o balbucio, o soluço, talvez o riso, que não se podem escrever, que necessariamente se perdem na língua escrita, assim como se perdem também os elementos estritamente musicais, como o ritmo, o sotaque, a melodia, o tom. (LARROSA, 2004, p. 39).

Na usina há expressões, gestos, sons e movimentos que expressam uma abundância de vida no local. Palavras escritas não conseguiriam ou não conseguem dar conta da dimensão das inúmeras vivências. Procurarei, no entanto, compartilhar algumas experiências que me marcaram. Chamou minha atenção, nesta primeira visita, a intensidade do trabalho, dos movimentos, pessoas e máquinas. Nesse dia, não ouço as vozes das catadoras. Ouvia-se praticamente só o barulho da esteira e da carregadeira trazendo o lixo para perto da esteira. As catadoras concentradas em recolher o material que, mais tarde, elas me descrevem não como lixo, mas como mina de ouro.

Luiz conta que muitos que entram na Cooperativa para trabalhar permanecem apenas alguns dias. Ficam até quinze dias e porque não aguentam o cheiro e não gostam do trabalho, não retornam mais. Neste dia, como também nos outros dias da minha presença no local, vejo mulheres separando alguns objetos como cobertores, acolchoados, peças de roupas e

estendendo-os atrás de si, sobre armações de ferro. Somente depois de um tempo vim a compreender que elas estendiam esse material para que secasse, pois estavam úmidos devido ao contato com o material do lixo. A cena pode ser comparada ao que se vê quando se está diante de algum varal improvisado e cheio de roupas de cama, mesa e banho. Observo o detalhe e, não me contendo, pergunto para Luiz pelo material sobre as proteções de ferro na esteira e atrás das catadoras. Ele me diz que junto com o lixo vem muito material aproveitável, vem muitos produtos ainda em condições de uso e cada catadora que separa o material pode ficar com o que encontrou. Nesse momento da fala, Luiz conta com certo orgulho que mobiliou a sua casa com produtos encontrados no lixo, na usina, inclusive forno elétrico, ventilador e sofá.

Durante a entrevista, Luiz, respondendo ao meu questionamento diz: “Às vezes, tem pessoas que me conhecem e me ligam me perguntando se não quero um sofá porque estão trocando esses por novos. Pra mim tem lixo que é luxo. O que é lixo pra uns pode *servi* de luxo pra outros. Eu mobílei toda a minha casa com o que vem do lixo e é coisa boa. Tem até coisa nova que nunca foi usada”. Essas palavras de Luiz me inquietaram e eu queria compreender porque alguns têm falta do básico para a sua sobrevivência enquanto para outros sobra tanto que podem colocar fora, não somente coisas usadas, mas também objetos ainda não usados. Que mundo é esse em que vivemos todos nós? Como jogar fora em tempos onde há tanta desigualdade social e muitos morrem de fome em nosso próprio país? Onde está a educação ecológica, ecossistêmica e de vida? Confesso que aprendi muito com o Luiz e com as catadoras.

Constato que, na usina, o envolvimento com o trabalho e com a vida tem uma característica muito peculiar pela paixão com que as atividades se apresentam e sendo esta expressa de forma intensa em quase tudo o que ali se faz. Tomei o máximo de cuidado possível para o devido distanciamento sempre que se fez necessário. Procurei tornar estranho aquilo que me era familiar, o que exigia de mim um esforço e aprendizagem. Bianchi (1999, p. 121) considera que “a pesquisa é ao mesmo tempo objeto e sujeito, e não se pode evitar o caráter intersubjetivo de todo relacionamento do homem com o homem”. Enquanto fui prosseguindo com a pesquisa buscando delinear caminhos, acertando por vezes e, por outras, errando, lembrei-me das palavras de Gandhi (1985, p. 67): “acho que vai certo método através das minhas incoerências. Creio que há uma coerência que passa por todas as minhas incoerências assim como há na natureza uma unidade que permeia as aparentes diversidades”.

Nesse sentido, para prosseguir em meus estudos na pesquisa e pensar um caminho assertivo, observava o quanto precisava de boas e muitas leituras, que me levavam a novas reflexões. Tinha a impressão de que cada vez eu sabia menos diante das “janelas” que se abriam ao conhecimento. Para compreender a realidade de vida das catadoras, precisava pensar sobre o contexto sócio histórico de uma forma mais ampla, dialogar com diferentes áreas do conhecimento e o cuidar em desenvolver as reflexões a partir das abordagens teóricas que tomei como alicerce para a construção desse projeto. Foi necessário perspicácia para que o foco não fosse desviado para coisas mais inusitadas no contexto, em detrimento de observações mais profundas que pretendia investigar.

Como caminho trilhado, a inserção semanal no campo de pesquisa possibilita uma seleção de fatos interessantes, merecendo um cuidado especial para uma descrição com sensibilidade dos fenômenos observados no diário de campo. Mesmo que se tente abstrair um fato para pensá-lo, ele não está desconectado de um contexto. Pode-se pensar um universo de elementos não visíveis, mas escondidos e/ou velados e que afetam o que foi extraído para ser descrito e interpretado. Geertz (2008, p. 19) cita a pesquisa antropológica mais como sendo “uma atividade mais observadora e menos interpretativa do que realmente ela é” e na descrição etnográfica, “[...] o que chamamos de nossos dados são realmente nossa própria construção das construções de outras pessoas, do que elas e seus compatriotas se propõem”. Toda inserção em um campo de pesquisa tem as suas peculiaridades e na pesquisa não se pode cometer imprudências gerando resistências.

Estabelecido o vínculo e sentindo-me aceita pelas pessoas que trabalhavam na usina de materiais recicláveis, a alegria foi intensa e, ao mesmo tempo, sentia-me impactada pelo que já podia ser observado nessas visitas. Devo admitir que após o afastamento do local, tive a feliz ideia de pensar sobre a possibilidade de participar das atividades desenvolvidas pelas catadoras por um dia na semana e pelo período de um ano. Pensei que a permanência por uma longa temporada em campo poderia ser um aspecto favorável para uma boa vinculação, para um sentimento de pertencimento ao grupo e revelação de dados para descrição e compreensão, o que não conseguiria de outra forma.

O processo de inserção com tudo o que envolve esse momento da pesquisa – contatos, vinculação, inquietações e observações – já merece os devidos registros no Diário de Campo com uma descrição atenta e pormenorizada dos aspectos marcantes para evitar a perda de dados que podem se constituir como fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa. Observando esses aspectos associados às leituras realizadas e à identificação com a forma de

fazer pesquisa, acrescentando-se a isso o diálogo com a minha Orientadora, estava tudo contribuindo para que a pesquisa viesse se delinear numa abordagem etnográfica e fenomenológica. E, obviamente, mais as inúmeras leituras de autores que considerei de grande importância para um olhar mais amplo quanto à compreensão dos dados da realidade de pesquisa. O *estar com* as catadoras, em uma participação observante – realizando as atividades no lixo e com o lixo – foi fundamental para a obtenção de dados que merecessem atenção para o registro no diário de campo.

A *con-vivência* com as catadoras durante o período de trabalho, o *estar com*, desempenhando atividades ao lado delas, nos intervalos para os lanches e almoços, sentando e andando juntas, participando em reuniões com as catadoras, rindo e brincando, criando cumplicidades, vendo e ouvindo relatos de suas histórias de vida foram momentos que marcaram e que podem se assemelhar a uma sala de aula fora de quatro paredes. Larrosa (2004) refere que esta construção requer uma leitura atenciosa do texto/contexto e deve ser feita com delicadeza. Aprender não apenas com a racionalidade, mas com a emoção, os sentimentos, com um corpo, numa tentativa de integrar os dados obtidos a partir de interpretação, reflexão e relação com leituras de diversos autores.

2 VIVÊNCIAS DE UMA PESQUISADORA EM CAMPO: UMA EXPERIÊNCIA NECESSÁRIA

Isto quer dizer que eu sou o meu próprio corpo, não posso sair dele, pô-lo fora de mim para o perceber como objeto. Ele está comigo e não diante de mim, ele é o hábito primordial que condiciona todos os outros hábitos; ele é a virtualidade, a possibilidade de todas as atualidades. É o meio pelo qual acedo ao mundo e aos outros. Condição de visibilidade, ele é também e sempre, já visível e tocável. (MERLEAU-PONTY, p.145).

Penso que escrever sobre as vivências em campo se constitui numa das tarefas mais difíceis. Para que compartilhá-las? Não sem propósito. O tempo de pesquisa, de idas e vindas, de inquietações, provocações, alegrias e espantos, mobilizaram-me de tal forma que já não sou mais a mesma. O tempo do relógio, dias e semanas, parecia estar em outro ritmo. Registrar ideias e pensamentos, realizar entrevistas, transcrevê-las, para, finalmente, escrever a dissertação. Este, confesso, foi um dos momentos mais difíceis. Deveria escrever numa linguagem acadêmica, como exige a academia? Quem se daria ao trabalho de ler um trabalho tão extenso em dias onde quase ninguém mais tem tempo? Meus avaliadores, integrantes da Banca, certamente sim. E quem mais? E aquelas pessoas, com quem tanto aprendi, catadoras(res), iriam ler esta pesquisa? Penso que não seria um texto prazeroso para ser lido em suas poucas horas de ‘folga’, quando existem outros tantos afazeres. Confesso que tive vontade de escrever duas dissertações: uma acadêmica e outra em forma de um pequeno livro, com uma escrita mais agradável e acessível, produzido especialmente para os catadores.

Desejo compartilhar um pouco de minhas vivências enquanto estive no campo de pesquisa. É um olhar meu, enquanto pesquisadora, sobre as minhas vivências em diferentes momentos com as catadoras. Foi com elas que estive a maior parte do tempo, vivido intensamente. Restam as lembranças, fotografias, pequenas filmagens, conversas, os registros e muitas cenas guardadas de forma bem viva em minha memória. A pesquisa deu-se com um corpo que percebe, sente, pensa e sabe. Era necessário, num primeiro momento, me familiarizar com a vida no local, o jeito de ser e expressar das pessoas para compreender a sua linguagem.

Conforme Benjamin (1992, p. 177) linguagem “é toda e qualquer comunicação de conteúdos” e “todas as linguagens comunicam a si mesmos” (BENJAMIN, 1992, p. 179). Para Merleau-Ponty (1999), observa-se que a palavra não tem significação. Ela apenas

anuncia e representa o sentido do pensamento. A significação é constituída pelo pensamento e emprestada à palavra no momento da comunicação. Refere Merleau-Ponty (1999, p. 240-241) que:

A palavra ainda está desprovida de uma eficácia própria, desta vez porque é apenas o signo exterior de um reconhecimento interior, que poderia se fazer sem ela e para o qual ela não contribui. A palavra não é desprovida de sentido, já que atrás dela existe uma operação categorial, mas ela não tem esse sentido, não o possui, é o pensamento que tem um sentido, e a palavra continua a ser um invólucro vazio (...), a linguagem é apenas um acompanhamento exterior do pensamento.

Tinha que passar por tudo que passei para ser. Tinha um enorme apetite de saber o que me levava a ler. Tinha curiosidades. Não acreditava no que estava fazendo e nem que estava ali. Via-me em meio ao lixo e era um mundo que não tinha nenhuma semelhança ou relação com o mundo da academia e o mundo em que vivia. Estava ali para estudar e compreender uma sociedade tão próxima e, ao mesmo tempo, tão distante e tão diferente da nossa realidade. Falar desse mundo em que vivemos e pelo qual somos corresponsáveis é uma tarefa muito difícil. Vivemos nele e parece difícil ou até não desejável viver fora dele, mesmo sabendo que é necessário repensarmos o que estamos construindo em relação ao futuro da Humanidade.

Estava presente, ou procurava estar, com todo o meu ser. Por vezes, minha mente era levada para lugares longínquos. Os barulhos, conversas entre catadoras e o chamar meu nome me faziam retornar. A importância da atenção ao corpo, salientada por Merleau-Ponty é reiterada por Nóbrega:

A dimensão expressiva do corpo é enfatizada por Merleau-Ponty como comunicação da realidade sensível, dimensão poética da corporeidade comunicada por meio do gesto. Por meio do logos sensível, estético, coloca-se a experiência perceptiva como campo de possibilidades para o conhecimento, investida de plasticidade e beleza de formas, texturas, sabores, odores, cores e sons. O corpo e o conhecimento sensível são compreendidos como obra de arte, aberta e inacabada. (NÓBREGA, 2008, p. 147).

O início do projeto e, depois, a entrada em campo, trouxeram-me inúmeros questionamentos. Não tinha muito tempo disponível devido ao meu trabalho como psicóloga numa clínica e ao trabalho com Orientação Educacional numa escola privada, além das aulas noturnas semanais ministradas em um curso técnico. Tinha consciência de que deveria me dedicar intensamente para fazer um bom trabalho, o que não é algo fácil quando se trata de pesquisa. Decidi-me *lançar no precipício* sem ter certezas de onde iria parar ou onde iria chegar. Estava abarrotada de dúvidas. Percebi, logo de início, que o objetivo foi tomando outros desenhos, o título já não condizia mais com o que planejava. Era como se estivesse diante de uma mata densa que oferecia caminhos, mas eu teria que descobrir os meus.

Quando tomei contato com os(as) catadores(as), convivendo horas, dias e semanas junto deles, a vida tomou outro sentido, passei a vê-la com outros olhos. Os cheiros passaram a ter outros cheiros e significados. Minha família já não me via mais reclamar de algumas coisas. Passei a viver novas aventuras e a ter novas histórias para contar. É um mundo que está ainda bem presente em minha mente. Foram tempos vividos intensamente. Hoje relembro histórias contadas, experiências vividas, cenas assistidas e rostos de pessoas. Já me percebo em outro tempo, fazendo as narrativas de histórias vividas. Refere Ricoeur (2000, p. 192) que “Entre vivir y narrar existe siempre una separación, por pequeña que sea. La vida se vive, la historia se cuenta”. Experiências estão deixando de ser comunicadas. Quem pode afirmar que experiências/vivências narradas não são ciência?

Neste capítulo procuro trazer alguns relatos de experiências que me marcaram significativamente como pesquisadora em campo, durante o tempo em que estive trabalhando lado a lado com as catadoras. Se não forem registrados, serão esquecidos.

2.1 Ritual de aceitação: entrando para o grupo

Era apenas uma estranha no grupo de catadoras. Alguém que tinha as suas intenções, mas ainda não conhecidas. Por mais que tentasse explicar, as perguntas eram: Pesquisar o quê? Para quê? Quem é você? Vem de onde? Quanto tempo vai ficar conosco? Apesar de meus esforços para dar explicações, percebia em seus rostos que não havia sido muito feliz nas respostas. Havia dúvidas. Quando falei que não queria dividir com elas a renda no final do mês e que trabalharia sem remuneração, sem receber nada em troca, percebi que o impacto foi diferente. Eu estaria somando ao grupo já que seguidamente alguma catadora faltava por motivo de saúde ou familiar. No meu primeiro dia de trabalho com as catadoras, estávamos todas no galpão, enorme, construído pela Prefeitura Municipal e doado para a COOMCAT. Estávamos ali em função de a esteira de triagem dos materiais não estar funcionando naquele dia.

Todas as mulheres se acomodaram ao redor das montanhas de lixo depositado por caminhões. Havia perguntado por telefone se teria material como luvas e avental para mim, e disseram que sim. No dia, entretanto, percebi que algumas usavam avental e outras não. Não consideravam o material com que iriam trabalhar tão sujo, por se tratar de doação de empresas. Era, no entanto, uma mistura de materiais sólidos como arquivos, jornais, revistas, restos de cozinha e outros. Tudo vinha misturado e fazia dias que estava ali. Eu permaneci em

pé para decidir o que fazer. Estava sem luvas. Todas se puseram a trabalhar e vi que Odete que estava próxima a mim trabalhava sem luvas. Perguntei a ela se não há nenhum receio de trabalhar no lixo sem proteger as suas mãos ao que responde: “não dá nada”. Perguntei para ela quanto tempo já trabalhava assim e ela respondeu-me: “mais de um ano e nunca deu nada”. Indaguei se por acaso não teria na usina um par de luvas para mim. Ela, em seguida, aparece com uma lata enorme que continha algum produto e esvaziada, tornou-se depósito de luvas usadas. Sua origem? Ninguém saberia dizer. Poderiam ser de um laboratório de empresa, de um hospital ou de outro lugar qualquer. Digo para Odete ‘Mas são luvas usadas!’ ao que responde novamente “Não dá nada!”.

Naquele momento, ali entre as catadoras, tive que tomar uma difícil decisão: ou abandonaria tudo e voltaria equipada na semana seguinte, ou decidiria trabalhar sem luvas cuidando ao máximo para não me contaminar com algum produto ou, ainda, usaria as luvas da lata trazidas por Odete, especialmente para mim, mesmo sem saber a sua origem. Olhava para as luvas e olhava para o lixo, fazendo este movimento por diversas vezes até me decidir pelas luvas. Olho novamente para Odete e digo “Quem poderia ter usado essas luvas? Algum médico? Algum enfermeiro? O que será que estavam fazendo quando usaram essas luvas?” Preocupada, sinto necessidade de me certificar ainda de algo para o qual eu já sabia a resposta e pergunto novamente “Será que uso?” e ela me responde novamente sorrindo e se dirigindo até a sua posição de trabalho “Não dá nada!”. Naquele dia fiz algo que nunca tinha feito até então: usei luvas usadas sem saber a sua origem e me pus a trabalhar com elas. Devo admitir que o pó do lixo mais os cheiros típicos causaram uma vontade enorme de coçar o nariz, mas devido ao uso dessa luva em especial, tive que me conter por toda aquela manhã.

2.2 No café com as catadoras

No meu primeiro dia debaixo do galpão, o mesmo dia da história das luvas, as catadoras falam, riem, se movimentam de vez em quando, erguendo-se de seus ‘banquinhos’ e continuam em atividade. Chega o horário do intervalo da manhã. Ondina diz que está com fome, muita fome e pergunta que horas são. Não consigo pensar em comida. Os muitos cheiros do lixo já “saciaram” a minha fome. Não consegui compreender naquele momento como podiam sentir fome e comer em meio ao lixo. São nove horas e trinta minutos, ao que todas se levantam para um lanche rápido. Vamos até um local próximo, apenas alguns metros

distante do lixo, onde há algumas cadeiras retiradas do próprio lixo e um balcão suspenso onde guardam o seu lanche. Ângela diz que posso me servir com café.

O tempo desse intervalo é de apenas quinze minutos para que a produção não tenha perdas. Não levei nada para o meu lanche neste dia. Algumas trouxeram café preto de casa em suas pequenas térmicas e algum pedaço de pão e outras trouxeram bolachas e alguma fruta. Ângela logo me convida para tomar um café com elas. Uma catadora me traz uma xícara. Dirijo-me até uma térmica e pergunto: posso me servir? Ao que Jane responde “esse é meu” e Ângela, uma das catadoras e coordenadoras da usina, responde em seguida “aqui tudo é coletivo”. Logo entendo a mensagem: cada uma traz o seu lanche com o café, suco ou refrigerante. Vou até a tábua onde está colocado o material e olho para o estado da xícara. Limpo-a com as mãos, agora sem as luvas. Minha mente fértil viaja por aquele galpão lembrando-me dos roedores que ali circulam (o cheiro já confirma a presença desses animais no local), demais insetos e outros possíveis animais. Nesse momento já não tenho mais vontade de tomar café, mas não posso fazer feio. É meu primeiro dia e eu sou alvo de seus olhares. Sou uma estranha e querem me conhecer assim como eu a elas. Lembro-me das palavras de Odete – “Não dá nada!” – e disfarçadamente passo novamente a minha mão sobre a parte superior da xícara, procurando tirar qualquer sujeira, evitando qualquer contaminação por contato com a minha boca. Sirvo o café e sento com elas. Tomado o café, sou orientada a deixar a xícara na cozinha. Lavo-a e deixo-a na “cozinha” improvisada. Uma área aberta no galpão e bem próxima aos depósitos de materiais. Encostado na parede, um armário velho, provavelmente oferta do lixo. As prateleiras forradas de jornal amarelado pelo tempo e um tanto seboso pela exposição ao ambiente. Algumas xícaras estão viradas com a borda para baixo. Olho para aquele armário da cozinha improvisado no galpão e me pergunto “Como tu conseguiste tomar o café?” e lembro-me novamente das palavras de Odete: “Não dá nada!”

Diante daquele armário velho, qualquer sussurro ou mover de folhas me faria estremecer. A realidade era chocante. As xícaras estavam todas ali, uma ao lado da outra. A água escorrendo sobre o jornal velho e seboso que umedecia e secaria com o tempo. Para que ainda usar panos de prato? O vento, naquele galpão amplo, circula livremente. Pássaros sobrevoam aos pares por sobre as divisórias talvez à procura de alimento ou talvez em busca de um espaço para um possível ninho em época de acasalamento. O lugar mais se parece um labirinto feito para brincar de esconde-esconde. Crianças adorariam conhecer esse lugar e gastar algum tempo se divertindo. Armários velhos, estantes, cadeiras, mesas, sofás e outros tantos objetos podem ter a sua utilidade para alguém. A oferta é grande e o espaço é amplo

para o seu depósito. Olha-se para todos os lados e enxerga-se que o progresso visitou a muitos. Produtos que eram perfeitos, todos extraídos da natureza e, sem poder retornar a ela, buscaram o seu destino, sendo amontoados e corroídos pelo tempo até que apareça algum interessado ou, ainda, até serem levados ao depósito no aterro sanitário. Uma vez ou outra, alguma catadora, após a entrada de algum caminhão na usina, passeia por essa fonte de ampla riqueza que consegue exibir objetos usados com entalhes em madeira, perfeitamente polidas, porém gastos pelo uso e pelo tempo. São produções de uma indústria tenaz que já não conta o tempo e nem o valor. O homem de hoje já não cultiva o que não pode ser abreviado. Enquanto contemplo, absorta em meus pensamentos, sou interrompida por uma voz que chama pelo meu nome. É Ângela me convidando para ir com elas até a esteira que, a esta altura, já tinha sido consertada. Meus olhos se perdem pelo galpão de milhares de metros quadrados e se voltam, pela última vez, novamente para aquelas xícaras, quando sou tomada em meus pensamentos por algo que não sei se escrevo, mas a minha intuição diz que sim. Através da leitura de jornais observei que, quando da inauguração do galpão, autoridades ilustres estiveram presentes naquele lugar e, dentre esses, vi também pessoas da área da educação. Uma pergunta quase estúpida me invade a mente: teriam tomado café esses ilustres convidados naquele dia, também nessas mesmas xícaras?

Envolta em meus pensamentos e buscando concentrar-me, tento acompanhar as catadoras até o velho galpão onde trabalham cotidianamente na esteira. Elas parecem estar com pressa, principalmente Ângela, com perfil de liderança. Sua voz firme e forte convence tanto que obedeço quase que involuntariamente. Não conhecia a sua cultura, seus hábitos, seus planos e intenções. Como ovelha silenciosa, sigo-as até o meu novo local de trabalho. Não sabia que neste dia ficaria definida a minha posição junto à esteira até a minha despedida ou saída do campo de pesquisa.

2.3 Na esteira, catadoras forjando os limites de uma pesquisadora

Sou de um tempo em que a educação ainda era severa, pais muito exigentes, preocupados com o futuro de seus filhos. Sua voz se fazia ouvir e todos ficavam atentos, o piscar dos olhos trazia um conteúdo muito claro colocando limites e bastava olhar para eles que sabíamos exatamente o que fazer. As brincadeiras eram comuns entre as crianças. Os adultos brincavam muito pouco com seus filhos. Na usina, percebe-se um trabalho que exige muito das catadoras. Sem o equipamento adequado, tendo que realizar a maioria das

atividades de forma manual, o cansaço é evidente. Percebe-se durante o trabalho que as catadoras brincam umas com as outras, dizendo palavras animadoras, emitem sons que parecem carregar consigo um peso que precisa ser eliminado, tornando a atividade mais leve. É comum ouvi-las cantarem. O rádio está sempre ligado e em um volume quase insuportável para quem trabalha perto dele, como era o meu caso.

Na usina, o cheiro do lixo é intenso, muito forte. Parece impregnar em minha pele e roupas. Subo para a esteira e Ângela me explica como reciclar o material. Dá orientações para Rosane me auxiliar sempre que necessário. Cada trabalhadora se posiciona e a esteira é ligada. Por vezes, o material para ser selecionado vem aos montes, chegando a transbordar pelas laterais da esteira. O cheiro é muito forte. Chega a repugnar. Olho para as mulheres e as vejo concentradas em suas atividades.

Na minha primeira experiência na esteira não possuía nenhum equipamento de proteção individual (EPI), já que o catador Luiz Carlos Nunes, mais conhecido como Branco, disse-me que tinham todo o material de proteção necessário. Rosane havia sido encarregada por Ângela para me dar as instruções referente a seleção do material. Não conhecia muitos produtos e necessitei de auxílio para fazer a triagem de forma correta. Estava atenta para fazer a seleção da melhor forma que conseguia, não trocando o material na hora de lançar nos *bags*. Ocupada com o trabalho, procurando ser aceita pelo grupo de catadoras, tinha que dar o melhor de mim. Não sabia que elas tinham tramado algo para mim. Eu selecionava os materiais, lançando-os nos *bags* quando, de repente, fui surpreendida por um saco que deixaram passar, de propósito, para mim. Ficaram cuidando para ver se eu abriria. Peguei o volume e ao puxá-lo caiu um gato morto já de alguns dias, roçando meus braços. Minha reação, ao tocar no animal morto foi espontânea: dei um grito ficando com as duas mãos para o alto. É uma sensação muito ruim pegar um bicho morto quando não se espera. Olhei para elas e todas riam. Parecia que estavam comemorando o acontecido. Depois contaram que deixaram passar propositalmente para mim. Não fiquei chateada com nenhuma delas. Logo entendi que precisava passar por alguns testes, talvez alguns rituais de ingresso. Se fosse aprovada, faria parte do grupo.

Eu revelaria um pouco de mim diante da morte que passava a minha frente. Queriam me conhecer e me surpreender. Uma situação quase que limite para conhecer os meus limites. Depois desse dia, muitos outros animais mortos passaram pela esteira. Não sentiram mais necessidade de me surpreender. Havia sido aprovada.

2.4 A experiência do encontro de dois mundos diferentes

Na sociedade atual, existe uma grande preocupação com a questão ambiental devido ao crescimento econômico. A partir da produção dos bens pelo capital, temos vários tipos de resíduos, dentre os quais, os sólidos, agrícolas, industriais, da construção, hospitalares, resíduos químicos e radioativos. Existe uma preocupação sobre o destino final dos rejeitos, uma questão que preocupa e mobiliza a população. Muitas pessoas vêm conhecer a usina devido a sua divulgação junto aos meios de comunicação. Escolas vêm com seus alunos para o conhecimento das atividades de reciclagem na usina objetivando a educação ambiental e realização de trabalhos sobre o tema.

A parceria que existe entre as instituições, empresas e pessoas da sociedade civil, como integrantes do FACS e Cooperativa, atrai muitas pessoas a conhecerem a usina. Certo dia, trabalhando na esteira, no período do intervalo da manhã, observei pessoas estranhas no local. Logo consegui identificá-las como sendo visitantes da Prefeitura e alunos de alguns cursos da Universidade. Algumas dessas pessoas presentes davam orientações aos catadores sobre cuidados necessários para sua saúde, cuidados no contato com o lixo. Alertavam sobre os riscos que as atividades na usina ofereciam aos trabalhadores do local. A linguagem usada pelos visitantes não era do universo dos catadores. Era uma linguagem repleta de termos técnicos, específica da academia. Enquanto expunham as informações, os catadores, sentados sobre os *bags* faziam o seu lanche da manhã. Os olhares dos alunos visitantes pareciam de assombro ao verem catadores(as) comendo em meio ao lixo e a cheiros fortes.

Os próprios catadores, quando entrevistados e perguntados sobre o seu primeiro contato com o lixo na usina e qual a impressão que tiveram, compartilharam suas percepções. Ondina descreveu da seguinte forma

Na usina, eu me apavorei. Eu disse: que fedor. Aquele cheiro ruim de lixo. Tu entra lá dentro e tu sente aquele fedorão de lixo. Aí tu fica apavorada. Aonde que eu vim me meter. Mas depois foi tranquilo. Hoje, adoro trabalhar no lixo.

A catadora Jane conta que “foi difícil porque eu era nojenta de estômago e depois me acostumei. A necessidade me obrigou e daí fui me acostumando e ficou bom”. Ângela lembra e diz “no momento em que eu olhei me apavorei. Era um galpão e o lixo todo ali, no chão. Não tinha piso e aquele monte de mulher ao redor e aquele fedorão. Aí eu disse vamos encarar”.

O cheiro do lixo, ou os cheiros, é sempre muito forte, desagradável ao nosso olfato, quando ainda não acostumados. Alunos e professores que acompanhavam os grupos

circulavam pela usina. Seus olhares pareciam demonstrar um misto de sentimentos que ousou descrever como sendo de curiosidade, de assombro, nojo e admiração. Entre as catadoras na esteira, eu prosseguia com a seleção dos materiais. Em nenhum momento fui apresentada pelas catadoras como pesquisadora aos visitantes. Tinha solicitado as mesmas que não falassem para os visitantes o motivo da minha presença no local nos dias em que eu estava em campo. Assim, estes poderiam ficar à vontade enquanto caminhavam pela usina e eu me sentiria mais livre para observar e conhecer. Percebi que as visitas à usina eram momentos ímpares por oportunizarem a observação do comportamento e reações dos visitantes diante dos catadores e o contato com o lixo. Nesse dia, em especial, os alunos caminhavam por entre os *bags* e fardos de papelão, de garrafas PET, latinhas e plásticos empilhados pelo chão. Paravam para conversar e comentar algo que lhes chamava a atenção. Registravam com máquina fotográfica. Faziam pequenas filmagens. Nesse dia, a catadora Vera foi chamada para uma pequena reportagem. Vera tinha consigo informações e conhecimentos que são do domínio dos catadores. Enquanto ela compartilhava as informações, tudo era registrado. Todos os visitantes em pé, a cercavam para ouvir o que tinha a dizer.

Não havia cadeiras e nem bancos para alguém sentar. Os *bags* repletos de materiais e outros sendo preenchidos, pilhas de papelão e plástico espalhados pelo chão colocavam-se como uma opção. O vento circulava debaixo daquele telhado espalhando cheiros que vinham não se sabe de onde. O barulho da esteira ligada não permitia que se ouvisse a conversa de Vera com os visitantes. Enquanto observava o grupo atento, olhei para Vera e percebi que estava concentrada no seu falar. Havia um mundo de experiências a ser compartilhado e Vera tinha algo a ensinar e dividir com alunos de uma Universidade e seus professores.

Por alguns momentos, os materiais passavam na esteira sem que eu percebesse. Meus olhos estavam em outro lugar, a alguns metros da esteira. A vontade era de estar ali para onde meus olhos me conduziam. Vera cursou até a 4^a série do Ensino Fundamental e tem nove anos de experiência como catadora, pode contar desde o início a história dos catadores em Santa Cruz do Sul. Acompanhou a trajetória no começo, quando formaram a Associação Ecológica de Catadores e de Materiais Recicláveis (AECMR) neste município. Vera chamava atenção pela forma como falava. Não falava apenas com a boca. Todo o seu corpo se dava a ler. Havia um brilho em seus olhos enquanto falava. Todos olhavam para ela e permaneciam em silêncio. Vez ou outra, Vera, com seu belo rosto moreno que trazia as marcas da experiência, era interrompida para um questionamento ao que respondia gentilmente.

Ao terminar a sua entrevista, Vera se dirige até a sua posição na esteira. Nesse momento, não resisto e desço. Aproximo-me da jovem que está com uma filmadora na mão e pergunto qual o curso e objetivo de sua visita. Ela responde amavelmente e percebo que ela fica um pouco incomodada com a minha curiosidade e a forma como me dirigi a ela e retorna perguntando sobre mim. Digo à jovem que sou uma estudante e que estou realizando uma pesquisa. Não satisfeita, continua insistindo e pergunta “de que curso?” e ao responder para ela que estou fazendo uma pesquisa com as catadoras como estudante do Mestrado em Educação, a estudante fica tão surpresa que chama suas colegas próximas a ela para comunicar o fato. Ela logo quis registrar com a filmadora. Pedi que não me filmasse e não registrasse a nossa conversa por não me sentir muito à vontade com os meus trajes de catadora. Receava sair em algum noticiário local e ser reconhecida.

Após reflexão sobre o ocorrido, percebi que Vera sentiu-se honrada e reconhecida com a filmagem. Vera não sentiu vergonha e tampouco demonstrou constrangimento durante o tempo em que estive com o grupo visitante. Não estava preocupada com a sua aparência. Estava orgulhosa e feliz em falar. O que levaria uma catadora que, junto com outras catadoras, submetidas as mais duras condições de vida, muitas vezes não percebidas e reconhecidas, a falar com tanta naturalidade e espontaneidade de seu trabalho, de suas conquistas, sonhos e projetos? Pessoas que ficavam à margem, hoje demonstram superação, ação e coragem. Diz a catadora Erilda, 58 anos e seis anos na reciclagem:

Quero dizer pras pessoas que não tenham vergonha dos catadores. Que é uma profissão digna como qualquer outra profissão. Assim como uma pessoa que trabalha num escritório, que trabalha num Banco. Hoje, eu tenho orgulho de ser catadora. Tenho orgulho das minhas companheiras catadoras. Que todos aprendam a experiência que eu tive. Que é maravilhosa. Quanto mais gente puder se juntar a nós e nos ajudar, melhor. Quanto mais catador tiver, melhor vai ser pra nós e pro Meio Ambiente. A Natureza agradece.

3 RECICLANDO PARA TRANSFORMAR A VIDA: CONTANDO A HISTÓRIA DA COOPERATIVA DE CATADORES

O rico possui grande quantidade de coisas supérfluas, que não necessita e que são, logo em seguida, abandonadas e desperdiçadas, enquanto milhões de homens morrem de fome. Se cada um conservasse apenas o necessário, não faltaria nada a ninguém e cada um se contentaria com o que tivesse. (GHANDI, *Cartas ao Ashram*, p. 44).

Enquanto a vida se tece e é tecida, se faz necessário uma abertura para o mundo que produzimos, nós e todos os que nos cercam, para que possamos compreendê-lo e conhecê-lo, nos movendo para uma vida que conduza a um mundo mais digno, mais humano e que possa ser desfrutado por todos. Precisa-se de uma sensibilidade para perceber movimentos que produzem vida. Ninguém vive sozinho. O Princípio Biocêntrico considera as interações, as conexões que existem em todo o sistema vivente. Nesse movimento de perceber a Vida como centro, o olhar se desloca para algo surpreendente que vem acontecendo no município de Santa Cruz do Sul onde inúmeros catadores(as), engajados(as) em um processo de aprendizagens e de mudança de vida, se constituem como agentes transformadores de suas realidades de vida.

As promessas de emprego, em tempos em que este se torna um elemento cada vez mais raro, contribuíram para que muitas pessoas deixassem suas residências em seus municípios de origem e migrassem de diversas regiões do Estado do RS, como o Vale do Rio Pardo, as regiões Noroeste, Centro Serra e Centro, com a esperança de uma vida mais fácil em terras desconhecidas. Dentre os municípios das regiões citadas temos Cruz Alta, Salto do Jacuí, Sobradinho, Barros Cassal e Rio Pardo. Alguns deixaram parte de sua família para trás, já outros vinham com toda a família, pequena ou extensa, em busca de um emprego. Santa Cruz do Sul, município localizado numa região central do RS, conhecido pelo cultivo do fumo, atraía e continua atraindo muitas pessoas, se apresentando e sendo apresentada como um lugar agradável de morar e com promessas de garantia de trabalho, o que na prática social traz as mais diferentes fotografias.

As famílias oriundas desses municípios e que conseguem aqui chegar são acolhidas, na sua maioria, por gente simples e com histórias quase sempre parecidas. São pessoas sem vínculo empregatício nos municípios onde saíram. Todos os relatos de suas experiências nos remetem, em sua origem, a uma história de violência: ficar à margem da sociedade, o que significa a experiência de viver em uma pobreza extrema. Suas palavras vêm, muitas vezes,

carregadas de um peso, de uma dor, sentidos somente por quem teve a vivência. É um povo que vem com a esperança de mudanças e se movimenta para transformar o que tem e adquirir o que ainda não tem. Pessoas que são colocadas à margem e, na solidariedade, buscam fortalecimento de laços entre os membros do grupo para resistir e lutar contra as pressões externas e por sua própria sobrevivência. Na maioria das vezes, são acolhidas por outra gente simples, estranhos a elas, mas ao mesmo tempo tão próximos em suas vivências e experiências. Repletas de solidariedade e cheias de compaixão, com as vivências ainda bem vívidas em suas entranhas, são estas as pessoas que conseguem estender as mãos para alcançar algum alimento que sacie famintos, cansados, desabrigados e sobrecarregados. Sobrecarregados de quê? De opressão? Pela exclusão? Pela miséria deles ou de outros? Quantas interrogações e quantas possíveis respostas?

A maioria dos catadores e catadoras entrevistados vêm de famílias extensas. Ainda muito cedo, alguns com idade de aproximadamente dez anos, já iniciavam as suas atividades de trabalho, tendo que auxiliar os pais para aumentar a renda familiar. Até chegarem à catação, todos os entrevistados já haviam tido experiências com inúmeras outras atividades como serviços domésticos, babá, faxineira, cortador de grama, safrista, biscate, peão, servente de pedreiro, etc. A maioria tem suas casas instaladas em bairros da periferia, longe do centro das cidades, dificultando a locomoção, já que dinheiro para ônibus é algo raro. Tinham de vencer inúmeros obstáculos até conseguir um trabalho para a sua sobrevivência. Bordieu refere que

os que não possuem capital são mantidos à distância, seja fisicamente, seja simbolicamente, dos bens socialmente mais raros e condenados a estar ao lado das pessoas ou dos bens mais indesejáveis e menos raros. A falta de capital intensifica a experiência da finitude: ela prende a um lugar. (BORDIEU, 1997, p. 164).

Alguns catadores, deparando-se com dificuldades que a situação econômica e social lhes impôs, perderam também seu espaço na vida do campo e, vislumbrando novas possibilidades de trabalho, deixaram os seus municípios de origem em busca de emprego. A realidade que lhes fora apresentada parecia ser tão promissora, mas ao chegar a Santa Cruz do Sul, muitos se deparavam com um quadro desolador. Diante da necessidade de sobrevivência que se impunha, perante as dificuldades de emprego e de trabalho e como único caminho viável, algumas pessoas encontraram na catação uma alternativa de trabalho e de renda. Ao iniciarem nesta atividade, estes trabalhadores não tinham recursos e nem ferramentas adequadas como carrinho e/ou carrocinha para transportar os materiais.

Na aquisição da primeira carrocinha, os catadores juntaram o pouco que tinham para a compra dessa ferramenta, indispensável para o recolhimento do material nas ruas, sendo o valor dividido entre os mesmos. As dificuldades contribuíram para uma afinidade e organização maior do grupo de coleta de materiais recicláveis pelas ruas da cidade de Santa Cruz do Sul. O pequeno grupo de catadores, vivenciando as dificuldades, que eram muitas, e sentindo a vulnerabilidade econômica e social, percebeu a necessidade da criação de uma associação para o seu fortalecimento.

Assim, em Santa Cruz do Sul, como explicitado pelo catador Fagner Antônio Jandrey, um dos coordenadores da COOMCAT e integrante do MNCR, cria-se a Associação Ecológica de Catadores e de Materiais Recicláveis (AECMR) no ano de 2003, resultado da união de forças. Essa Associação, funcionando por vários anos no Bairro Avenida, foi transferida posteriormente para o Bairro Faxinal e, em sua última mudança, para o Bairro Dona Carlota, mais precisamente no ano de 2010. Em meio às dificuldades, observam-se múltiplas manifestações de luta pelos direitos humanos, mobilizações coletivas para transformação das adversidades vindas dos catadores como categoria que sente na própria pele as consequências da exclusão do mundo do trabalho. Em meio às adversidades, dificuldades e necessidades, se originam forças potencializadoras para criação do novo. Ao pensar os catadores vindos de uma realidade de trabalho (quando esta existia), em que os direitos mais básicos lhe eram negados e, agora, na catação, mesmo que sob condições mínimas de vida, é surpreendente perceber a presença de movimentos e ações geradoras de mudança. Diz Melucci:

A ação coletiva de um movimento é resultante de objetivos, recursos e limites, isto é, uma orientação finalizada que se constrói por meio de relações sociais no interior de um campo de oportunidade e de vínculos. Os atores constroem a sua ação através de investimentos organizados: definem, isto é, em termos cognitivos, o campo das possibilidades e dos limites que percebem, ativando ao mesmo tempo as suas relações para dar sentido ao seu agir comum e aos objetivos que perseguem. (MELUCCI, 2001, p. 46).

Durante todos esses anos de atividades na AECMR, muitas pessoas procuraram uma oportunidade de trabalho junto à mesma, mas saíram por razões diversas. No entanto, nos deparamos com um número reduzido que decidiu permanecer. São os catadores e catadoras que pude entrevistar. Conforme as entrevistas, as dificuldades sempre foram muitas. Para conseguir uma vaga, cada candidato passava por uma avaliação que se estendia por um período de três dias, sendo avaliado por alguns catadores mais antigos com um maior conhecimento dos processos e dos materiais. Quando aprovado(a) pela equipe, o(a) candidato(a) à vaga de catador(a) tinha a sua oportunidade de trabalho garantida. Na Associação, a reciclagem acontecia em um galpão. O lixo (em média, dois caminhões por

semana) era trazido por um caminhão de uma empresa que fazia a coleta e que depositava o material todo misturado no chão. Não tinha piso. Geralmente eram mulheres que ficavam em volta daquele monte de lixo e faziam a seleção. O material trazido pelo caminhão para ser reciclado era pouco e havia a necessidade de aumentar a renda dos catadores e catadoras, levando-os para as ruas da cidade com um carrinho para fazer a coleta de materiais de lixeiras e, eventualmente, de algum material largado pelas calçadas. Além disso, coletavam em empresas, levando o material recolhido até o galpão.

Paralelo às atividades da AECMR, algumas pessoas, moradoras deste município e inquietadas com a ausência de coleta seletiva do lixo na cidade, sentiram-se mobilizadas a fazer algo para mudar essa realidade. Decidiram agendar uma data para discutir a possibilidade da criação de um fórum que debatesse com toda a comunidade do município a coleta seletiva solidária e a reciclagem de resíduos sólidos em Santa Cruz do Sul. Assim, uma primeira reunião ocorreu em maio de 2009, comparecendo representantes de diversas entidades do município. Foram convidadas inúmeras entidades para essa reunião, não faltando, obviamente, representantes da COOMCAT. Neste ano de 2013, o FACS, que continua atuante e contribuindo muito para a Cooperativa de Catadores, completa quatro anos de existência. Desde a sua criação oficial, em maio de 2009, vem realizando encontros regulares para tratar de assuntos pertinentes à Coleta Seletiva Solidária em Santa Cruz do Sul e Cooperativa, dialogando com os catadores e realizando debates para, juntos, conseguir pensar formas de enfrentamento das dificuldades que se colocam e que fazem parte do processo.

Não se pode deixar de registrar que a AECMR realizava movimentos por diversos anos junto à PMSCS. A coleta seletiva solidária já era uma proposta da Associação antes de se tornar cooperativa. Os catadores realizavam enfrentamentos e faziam suas reivindicações, porém, geralmente sem êxito, por serem considerados agressivos em suas formas de organização – chamados, inclusive, de ‘baderneiros’. Mas, com a criação do FACS e a soma de forças, a realidade começa a tomar outra configuração no município. Foram muitas horas de reuniões com os representantes do FACS para que avanços pudessem ser vislumbrados e para que, objetivamente, a realidade da então Associação – atualmente COOMCAT – pudesse passar por alterações que gerassem mudanças positivas.

Durante as reuniões do FACS, começou a se pensar sobre que tipo de coleta seletiva deveria ser implantado no município. A troca de experiências dos catadores da AECMR do município com outras localidades do Estado foi fundamental para que se convidassem alguns

representantes dessas outras experiências de coleta seletiva para ser compartilhadas e discutidas com a finalidade de avaliar qual seria a melhor alternativa viável. Em Santa Cruz do Sul, vinha acontecendo uma coleta seletiva pela empresa CONESUL, que recebia pagamento da Prefeitura pelos serviços e que foi considerada não adequada pelos integrantes do FACS, que manifestaram preocupação quanto ao contrato que a Prefeitura mantinha com esta empresa.

Ainda como AECMR, os catadores já manifestaram interesse na gestão da usina de materiais recicláveis que vinha sendo gerida desde 1998 pela empresa CONESUL. Com o apoio do FACS, e objetivando avançar nas negociações diante das demandas legais que se colocavam para que o projeto da Coleta Seletiva Solidária se efetivasse – o que incluía a contratação de mais catadores –, a Prefeitura exigiu que a AECMR se transformasse numa cooperativa, surgindo assim a COOMCAT, em julho de 2010. Para os catadores, essa foi uma conquista significativa para uma categoria de trabalhadores que vem lutando em defesa do trabalho, da geração de renda para os menos favorecidos economicamente e da sua inclusão socioeconômica, sem citar a importância que tem este projeto para a preservação da natureza. Além desses aspectos, este projeto contribui ainda para que o município de Santa Cruz do Sul se apresente como modelo de gestão dos resíduos e se mostre como referência estadual e nacional.

De AECMR para COOMCAT, algumas mudanças logo puderam ser sentidas, como: a) relação de confiança que se intensifica entre catadores e o pessoal da Prefeitura; b) são respeitados e reconhecidos como gestores; c) observa-se que os catadores são os maiores interessados para que o projeto de Coleta Seletiva Solidária e de Reciclagem de Resíduos Sólidos obtivesse êxito. Com o diálogo entre os integrantes do FACS – fórum que tem a participação de catadores –, a ideia da coleta seletiva foi-se configurando. A Prefeitura solicitou a elaboração do Projeto e colaborou, inclusive, com a Cooperativa e o FACS na construção do mesmo. Em dezembro de 2012, a COOMCAT, demais parceiros e comunidade puderam comemorar o início da Coleta Seletiva Solidária em Santa Cruz do Sul. Além do brilho já habitual neste mês que remete ao espírito de Natal, Santa Cruz do Sul recebeu uma nova vibração nas ruas, com alegria e com cor de patriotismo, quando vinte catadores saíram uniformizados e identificados por crachás. Empurravam seus carrinhos padronizados pelas ruas da cidade para coletar e dialogar com a população sobre a maneira correta de fazer a separação do lixo em suas casas e empresas. Foi um momento de encontro, de firmar compromisso entre catadores e moradores e de conhecer quem são estas pessoas que apenas

buscam ser reconhecidas como profissionais e ser tratadas com dignidade e respeito. Nesse momento, a experiência piloto da Coleta Seletiva Solidária está acontecendo em três bairros e deve abarcar toda a cidade até o ano de 2014 e incluir mais 100 catadores no programa. Para a COOMCAT, sempre houve o desejo de conseguir integrar os catadores que trabalhavam com a coleta seletiva nas ruas da cidade com o processo de triagem e reciclagem na usina a fim de agregar valor ao material.

A valorização e o reconhecimento dos catadores também passam pelo pagamento de seus serviços prestados à comunidade. Nesse sentido, valores e detalhes do pagamento foram estabelecidos e acordados por meio de um contrato de prestação de serviços entre a COOMCAT e a Prefeitura Municipal de Santa Cruz do Sul. A formação foi outro aspecto importante e não negligenciado na fase da implantação da Coleta Seletiva, sendo que vinte catadores participaram de um curso de capacitação que os habilitou para o desempenho das atividades. A COOMCAT participou do processo de conscientização dos moradores através da distribuição de panfletos informativos e indo de porta em porta para explicar o processo da Coleta Seletiva Solidária e a sua importância na atualidade quando se joga no lixo o que não é lixo. Reconhecer no lixo valor é ter outras concepções do mundo e da natureza, como cita Lévi-Strauss, que não via o ser humano como um habitante privilegiado do universo, mas como uma espécie passageira que deixará apenas alguns traços de sua existência quando estiver extinta. Enquanto humanos habitantes deste universo, não temos o direito de achar que podemos fazer o que a nossa vontade egoísta nos impõe muitas e muitas vezes. Diz esse autor:

Antes, o mar nos entregava nas praias os frutos de milhares de anos de agitação e nos apresentava uma exposição de arte surpreendente em que a natureza se declarava de vanguarda; mas hoje, com o atropelo das multidões, o litoral só serve como um lugar para a exposição de lixo. (LÉVI-STRAUSS, 1961, p.?).

Atualmente a COOMCAT permanece com a sua sede no Bairro Dona Carlota, município de Santa Cruz do Sul/RS, local onde também funciona a Usina Municipal de Triagem de Resíduos Sólidos. Os avanços conseguidos a partir de um trabalho em parceria e que vem sendo realizado pelos cooperados, tanto na Coleta Seletiva Solidária quanto na Usina de Triagem de Resíduos Sólidos, chamam a atenção da sociedade para a importância do cuidado que o homem precisa ter para com a Natureza, sem a qual não sobreviverá.

3.1 A Usina Municipal de Triagem de Resíduos Sólidos

A Usina Municipal de Triagem de Resíduos Sólidos está situada na Rua Victor Frederico Baumhardt, 2015, Bairro Dona Carlota, próximo ao Distrito Industrial, em Santa Cruz do Sul, desde julho de 2010, época em que foi aprovado em sessão ordinária na Câmara Municipal de Vereadores o projeto de lei autorizando o repasse da Usina Municipal de Reciclagem aos catadores organizados nesse município. A usina vinha sendo administrada pela empresa CONESUL desde o ano de 1998. Com a transferência de gestão – da Prefeitura para os catadores –, estes trabalhadores e trabalhadoras ficaram responsáveis pela administração da Usina, gerindo a operacionalização desta em relação à triagem, classificação e seleção dos resíduos recicláveis.

A partir de uma lei sancionada pelo Município, a Administração Municipal concretizou um termo de cooperação com a entidade jurídica dos catadores (COOMCAT), repassando para a organização dos catadores os mesmos recursos financeiros que eram repassados à empresa que realizava a reciclagem para a organização dos catadores. Com a divulgação do Projeto da Usina junto à comunidade local, algumas empresas, conscientes da importância do trabalho que vem sendo desenvolvido pelos catadores, têm solicitado a presença desses profissionais em suas empresas para fazer o recolhimento e carregamento do material reciclável que já destinam para a usina. Outras empresas trazem até a Usina o material reciclado em caminhões, contribuindo dessa forma com a inclusão socioeconômica desses trabalhadores, sem falar da sua contribuição para o meio ambiente.

Ao lado da usina, onde vem sendo desenvolvida a triagem e reciclagem há vários anos, a Prefeitura Municipal - braço que se estende na rede de apoio - construiu em 2010 o Pavilhão Municipal de Reciclagem, com 2.612m², passando o prédio para a Cooperativa com o objetivo de unificar a triagem da Cooperativa com as operações da usina e receber o lixo de toda a região. Todos os dias chegam aproximadamente 80 a 100 toneladas de material na usina. Desse montante, cerca de 100 toneladas passam pelo processo de seleção por mês. O restante do material é encaminhado ao aterro sanitário em Minas do Leão. Com a aprovação da lei, em agosto de 2010, que institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS), demarcando o fim dos lixões (depósito de resíduos a céu aberto) até o final de 2014, a COOMCAT e a rede de apoiadores têm consciência de que o encaminhamento do lixo do município para o aterro está com prazo delimitado.

Na Usina Municipal de Triagem de Resíduos Sólidos de Santa Cruz do Sul trabalham,

no quadro de pessoal, 18 catadoras, 11 catadores, 2 secretárias, 4 vigilantes, 3 motoristas, 1 operador de máquinas, 1 borracheiro, 1 mecânico, 1 taquaireiro, 3 preenseiros, 1 balanceiro, 1 auxiliar de caminhão e 1 Coordenador geral da COOMCAT e MNCR. Como maquinário, a usina dispõe de 1 pá carregadeira, 2 esteiras (uma em funcionamento e 1 para ser montada no galpão da coleta) e 6 prensas. Como veículos, dispõe de 1 caminhão com caçamba e 1 truck. Entre outros equipamentos, 1 gaiola, 1 relógio-ponto, 2 computadores, 2 impressoras, 1 máquina de beneficiamento de PET (em fase de conclusão), 1 fragmentadora de papel, 1 balança digital, 1 balança rodoviária (esta em fase de negociação com a Polícia Federal para a obra civil, mas já comprada), 2 balanças manuais, 1 palete e 1 empilhadeira (equipamento doado por uma empresa).

Reciclando, os catadores que trabalham na usina evitam que muitos materiais venham a ser depositados no aterro sanitário, reduzindo, assim, a exploração dos recursos naturais. Com as suas atividades, incentivam a participação da comunidade local na solução de problemas ambientais e sociais no transcorrer da produção de novas matérias-primas, como o consumo de energia elétrica e água, além de propiciarem a geração de novos postos de trabalho e renda para muitas pessoas.

Fagner Jandrey, atualmente um dos coordenadores da COOMCAT, militante e coordenador local do MNCR, desde que iniciou suas atividades como catador logo conheceu o movimento dos catadores e sentiu necessidade de participar do mesmo. Desde o ano de 2003 vem participando de eventos a nível estadual e nacional. Vários catadores que trabalham na usina também participam do movimento, tanto através de reuniões do FACS e em eventos no Estado quanto de participações em encontros promovidos pelo MNCR em outros Estados. Essas experiências que acompanham os catadores são muito positivas, fortalecendo esses profissionais que trabalham na usina e na Coleta Seletiva Solidária e também fortalecendo a COOMCAT. Esta, dia a dia, continua em processo de crescimento, em busca de melhorias. Enfim, a história continua sendo escrita em Santa Cruz do Sul.

3.2 Catadores(as) da COOMCAT participando do MNCR

Desde a sua organização como Associação de Catadores em Santa Cruz do Sul, essa categoria de trabalhadores percebeu a importância de sua participação no MNCR. Integrados ao movimento, os catadores participam de eventos regionais, estaduais e nacionais para refletir sobre as vitórias já alcançadas, bem como lutar por reivindicações no que diz respeito

à organização dos catadores, ao processo de politização e ao reconhecimento enquanto trabalhadores e cidadãos. A sua participação em reuniões e movimentos facilita o crescimento da consciência crítica desta categoria, fortalece seu poder de reivindicação e os prepara para adquirir mais poder na sociedade em que estão inseridos.

Em dezembro de 2012, alguns cooperados foram a São Paulo na terceira edição da ‘ExpoCatadores’, que reuniu catadores de todo o país, além de outros setores sociais. Esse evento reuniu 7.500 pessoas em três dias e teve como objetivo a apresentação de novas discussões e diversas experiências focando a sustentabilidade. Nas palavras da catadora Ondina:

Eu já fui pro Paraná. Fomos pra São Paulo como catador agora no mês de dezembro, eu, a Grazi, a Elisa e o Sidnei, nosso motorista de coleta. Apreendi muito com os outros catadores lá fora. Eu conversei muito com colegas de outros estados. A gente trocou muita experiência. Eu olhei um vídeo lá no último dia e me interessei. Parei na frente do telão. Olhando aquele vídeo ali, eu disse, tinha mais uma mulher do meu lado e eu perguntei: “De onde vocês são?”, e ela respondeu: “Nós somos do Acre. E a outra, eu acho que era da Bahia”. Eu disse pra elas: “Mas que legal”, e elas disseram: “Mas nós, na nossa cidade não temos esteira. Trabalhamos todos em volta do lixão. Eu conheci muita gente. Fiz muita amizade e aprendi muito.

O dia 13 de junho de 2013 é mais um dia que ficará na lembrança da grande maioria dos membros da COOMCAT. Neste dia aconteceu o Encontro Estadual de Catadores do Rio Grande do Sul, em Canoas, como realização do MNCR. O encontro teve como objetivo o debate sobre políticas de resíduos sólidos e a organização socioeconômica dos catadores em economia solidária. Além desses aspectos, o evento buscou proporcionar intercâmbios e a integração entre os catadores, os governos, os apoiadores, os parceiros e os financiadores dos projetos desenvolvidos junto aos catadores. Temas importantes foram tratados, como a luta contra a incineração dos resíduos e os avanços pela inclusão dos catadores na cadeia produtiva dos materiais recicláveis. Nas palavras da catadora Rosane:

Sempre é muito bom ir nesses encontros. Eu procuro ir em todos que eu posso. A gente se diverte muito desde o momento que saímos todos juntos no ônibus e também na volta. A gente brinca, conversa, canta. E lá no evento, é muito bom. A gente conhece muita gente e aprende muito.

Conforme os relatos das catadoras em suas entrevistas percebe-se a importância desses eventos realizados pelo MNCR e o quanto se constituem como espaços de politização para os catadores. Na participação em reuniões locais junto com os parceiros, ao exporem as suas ideias, percebe-se a evolução que vem tendo vários membros da COOMCAT pelo seu envolvimento e comprometimento com as questões relacionadas à categoria e no que diz respeito à conservação do meio ambiente. Nas palavras de um dos parceiros, Sr. Rossato: “Eu fiquei impressionado com a evolução que a Ângela teve. Quando vi a Ângela pela primeira

vez, maio e junho do ano passado, ela tinha dificuldade pra falar, e agora se expressa com espontaneidade e com uma profundidade nas colocações que ela faz que eu fiquei admirado”. Outro parceiro que observou a evolução da catadora Ângela foi o Sr. Alberto Heck, Secretário do Meio Ambiente, no encontro em que foi oficializado o serviço da CSS, em novembro de 2012. Refere-se à catadora Ângela, dizendo: “Ângela fala com coração, com sentimento, mas fala com muita propriedade, com muita responsabilidade e diz coisas que fazem sentido”.



Ângela participando em reuniões do FACS

Alcindo Heck, ao citar o gerente do Banco do Brasil, que o antecedeu em sua fala, comentou: “O Alcindo disse assim: ‘A gente precisa se apoderar, e nós, nos movimentos sociais, falamos do apoderar e do empoderar também, e é isso que o grupo conseguiu fazer. Esse grupo é uma associação transformada em cooperativa para mostrar a sua força. Essa transformação, visível na vida de muitos cooperados, é fruto de uma caminhada, de um tempo de persistência e comprometimento com a vida, consigo mesmo e com o próximo’”.

Assim, o MNCR como um movimento social que vem organizando os catadores e catadoras de materiais recicláveis no Brasil há mais de 10 anos, buscando a valorização destes

e reconhecendo esses trabalhadores enquanto cidadãos, tem a sua importância e o seu papel para a transformação da sociedade em que vivemos. Esse movimento tem como objetivo principal a garantia do protagonismo e independência de sua classe, visando contribuir para a construção de sociedades mais justas e sustentáveis a partir da organização social e produtiva dos catadores de materiais recicláveis e suas famílias, orientados pelos princípios que norteiam sua luta (autogestão, ação direta, independência de classe, solidariedade de classe, democracia direta e apoio mútuo), estejam eles em lixões a céu aberto, nas ruas ou em processo de organização.

Para os membros da COOMCAT, parceiros e comunidade local, o dia 18 de outubro de 2012 ficará registrado na história. Nessa data ocorreu o Encontro Estadual de Catadores em Santa Cruz do Sul, no auditório central da Universidade de Santa Cruz do Sul. No evento estiveram presentes catadores e catadoras de materiais recicláveis de todo o Estado do Rio Grande do Sul. Além disso, contou com a presença de diversas autoridades dos governos federal, estadual e municipal, bem como entidades de apoio aos catadores, para discutirem os principais temas do cenário nacional dos resíduos sólidos. Entre esses, as políticas públicas já conquistadas pela categoria, além de sua inserção socioprodutiva na cadeia da reciclagem. Na programação também estava contemplada a cerimônia de entrega de caminhões à COOMCAT, adquiridos junto ao Governo Federal. Nessa mesma cerimônia foram entregues também os diplomas de conclusão do curso de formação Cataforte* II, referente a alguns catadores da cooperativa local que concluíram um curso de capacitação.

A entrega dos caminhões foi muito comemorada pelos catadores e catadoras da COOMCAT. Esses veículos vieram para potencializar as condições de trabalho, consolidar as políticas públicas e mostrar o reconhecimento que os parceiros têm pelo trabalho que vem sendo desenvolvido pelos catadores, conforme Fagner Antônio Jandrey, um dos coordenadores da COOMCAT e militante do MNCR.

*Cataforte - Em sua primeira fase, o CATAFORTE constituído a partir de Convênio TEM/Senaes – Fundação Banco do Brasil Nº 003/2007, alinhado ao processo de estímulo à constituição e fortalecimento de empreendimentos solidários, teve como finalidades a realização de processos articulados de formação social, profissional, política e cultural dos catadores de materiais recicláveis, disponibilização de assistência técnica para empreendimentos autogestionários de catadores; estímulo à formação de redes de cooperação entre os empreendimentos econômicos solidários, e demais ações.



Catadoras na entrega dos caminhões à Cooperativa em Santa Cruz do Sul

3.3 Na reciclagem com os(as) catadores(as)

Em fevereiro de 2012 conheci a Usina de Reciclagem de Resíduos Sólidos em Santa Cruz do Sul. Sabia de sua existência e sempre tive curiosidade em conhecê-la. Como nasci na zona rural, meus pais já tinham o hábito de fazer a seleção do lixo e todo o material orgânico ia para a horta da família, onde havia uma composteira. Recordo-me que era este um dos lugares favoritos meu e de meus irmãos. Lá catávamos minhocas para alguma pescaria e fazíamos aventuras comuns da infância. Algum material recolhido do lixo era incinerado e outros, que ofereciam riscos maiores à saúde e ao ambiente, como recipientes vazios de agrotóxicos, eram encaminhados a entidades no município que já tinham consciência ambiental. Mesmo não tendo o privilégio de frequentar a escola, meus pais tiveram o cuidado de conversar com os filhos sobre os perigos que ofereciam os agrotóxicos que guardavam dentro de galpões com portas sem trancas. Sabiam que os filhos eram curiosos por natureza e que em algum momento poderiam mexer nesses produtos.

Gostaria de observar que esses venenos e outros produtos usados para o cultivo do fumo eram financiados pelas indústrias do fumo da região. Assim, muitos agricultores, quando não lhes é fornecida a informação adequada sobre os riscos desses venenos para a família, animais e meio ambiente, estão sujeitos a inúmeros danos. Voltando à questão do perigo que esses venenos ofereciam, meus irmãos e eu tínhamos muito medo das imagens de caveira sobre os invólucros e não conseguíamos tocar nesses produtos. Bastava saber das notícias de vizinhos internados por motivo de intoxicação em épocas de colheita do fumo, quando alguém era vítima do efeito causado por resíduos que ficavam nas folhas que tinham que ser apanhadas

dos pés de fumo na lavoura, ou, até mesmo, quando alguém de minha própria família era a vítima. Tínhamos consciência do perigo, e o que mais nos incomodava era ver, pelas laterais das estradas, quando íamos a pé os quatro quilômetros até a escola, latas e sacos vazios de venenos jogados ao ar livre, oferecendo inúmeros riscos.

Hoje, adulta e com filhos criados, a realidade do mundo que me cerca parece não ter mudado muito. Ainda tenho visto, infelizmente, pouco cuidado em relação ao lixo que é realmente lixo, ou seja, que contamina e mata. Bem, e o que isso tem a ver com a usina? Penso que foi a imagem e as memórias de minha infância, boas e preocupantes, que despertaram em mim o desejo de pesquisa e de conhecer as pessoas que trabalham com o lixo e o local para onde foi e ainda vai grande parte do lixo produzido na região. Algumas coisas na vida nos marcam mais e outras nem tanto. O dia que conheci a usina ficará em minha memória. Não posso dizer que conheci as pessoas porque, naquele dia, além do vigilante que explicou onde ficava a usina, somente um catador conversou comigo.

Foi no início de fevereiro de 2012, logo depois de um dia de chuva. O céu ainda estava nublado. Consegui o endereço com Fagner Jandrey, um dos coordenadores da COOMCAT. Percorri 8,5 quilômetros desde o centro da cidade até chegar ao local informado. Sabia que ficava próximo a uma escola municipal e parecia não chegar nunca até ela. O alívio e a alegria foram enormes quando avistei a escola. Passei por ela procurando alguma placa sinalizadora da usina. Nenhuma sinalização. Retornei e procurei informar-me com um vigilante que avistei em uma propriedade à beira do asfalto para conseguir informações mais exatas. Para minha surpresa, eu estava no portão da usina. Após ter explicado o motivo da minha presença ao vigilante, ele abriu o portão e entrei de carro. Como a minha visita ocorreu logo após um dia de chuva, havia muito barro pelo caminho que levava até o galpão, dificultando a passagem. Logo na entrada, deparei-me com um prédio pequeno de tijolo à vista, onde se localiza o escritório, a cozinha e banheiros masculino e feminino. Inserida nesse ambiente, durante a primeira visitação causou-me desconforto a quantidade de plásticos espalhado pela grama, terreno baldio e pelo caminho, não dando uma boa impressão. Além disso, era fétido e desagradável o odor que se alastrava por toda a área da usina.

Aos fundos, mais para a direita, há um prédio enorme, construído pela Prefeitura Municipal, local onde é depositado o material que vem para reciclagem, bem como o material já selecionado trazido por empresas parceiras. Aproximei-me um pouco mais do local, mas não vi nenhuma pessoa e retornei até o vigilante, procurando saber o caminho do galpão, onde o pessoal estaria trabalhando. Ele, então, apontou um caminho mais para a esquerda. Como a

usina não era visível da entrada, segui o caminho enlameado indicado, passando ao lado daquela ‘montanha’ de lixo, local onde os caminhões largam os detritos para triagem.



Depósito do lixo que vai ao aterro sanitário

O aspecto não era nada agradável, apesar do verde que amenizava o impacto. Uma espécie de garça branca, talvez umas vinte, sobrevoava o local, e algumas assentavam sobre o lixo em busca de alimento, que ali era farto. A minha presença não parecia incomodá-las. Estava ansiosa e com expectativas pelo encontro com as catadoras. O prédio antigo, ‘o galpão’, como é chamado, fica em um lugar mais baixo, não permitindo ser vista da entrada. Somente após a passagem pelo lixão, consegui enxergar a usina, um prédio velho, bastante alto e com telhado de zinco, que ficava do lado esquerdo. Chegando à usina, tinha, à minha direita, uma linda paisagem, com um verde exuberante, que parece ser mata nativa. No galpão, mulheres trabalhavam ao redor da esteira que fica a uns dois metros e meio do chão, fazendo a triagem de resíduos sólidos.



Usina de reciclagem

Fui recebida pelo Luiz, que se apresentou como Branco e convidou-me para ir até o seu ‘escritório’, uma pequena mesa com cadeiras recolhidas do lixo, ainda em bom estado, sendo muito útil naquele espaço. Enquanto explicava o motivo da minha visita, meus olhos passeavam pelo galpão. O cheiro era muito forte. Luiz ofereceu-me um café e eu agradei. Ele tomou o seu café e comeu as suas bolachinhas naturalmente, como alguém que estava com muito apetite. Pra mim, uma ‘estrangeira’ no lugar, não conseguia ainda elaborar o comer em meio ao lixo. O cheiro forte, proveniente do chorume, me causou náuseas, uma sensação de embrulho em meu estômago. Enquanto conversava com Luiz, meus olhos se dirigiam para a esteira. Desejava ver o rosto das mulheres. Devo confessar que não vi nenhum rosto voltar-se para mim naquele dia. Saí de certa forma frustrada do lugar. Pensei: “Estaria interferindo e atrapalhando o serviço delas?”. “Estaria tomando o tempo de Luiz com a minha entrevista?”. “Estariam as catadoras com vergonha de mim e/ou me viam como uma especuladora, uma intrusa?”. Estaria eu, de alguma forma, transmitindo, com a minha presença, uma impressão de algo que não tinha consciência?”. “Perante elas, estaria representando algum papel?”. “Poderia se passar em suas mentes uma imagem que eu pudesse ter e/ou fazer delas como

catadoras?”. “Como elas se sentem trabalhando nesse lugar?”. Eram tantas as perguntas que surgiam em minha mente...

Parada ao lado de Luiz, refleti por um momento sobre a minha presença. Como poderiam existir cenários e realidades tão contrastantes? O que poderia passar em suas mentes sobre a minha presença e intenções naquele lugar? O fato de chegar de carro, enquanto elas, provavelmente, vinham a pé até a usina, parecia intimidador. A roupa que vestia não era um traje para se trabalhar com e no lixo, e era diferente das vestimentas das catadoras. Senti-me muito mal, queria estar perto, mas sentia-me longe delas. Havia um abismo entre nós. Não houve aproximação, nem pelo cumprimento. No entanto, parada no mesmo lugar, em minha mente viajei, e muito, por mundos muito diferentes, tentando compreender, buscando possíveis pontes, mas sem êxito diante de abismos* criados pelo próprio homem, habitante deste universo.

O barulho da esteira despertou a minha atenção para o cenário à minha frente. Contemplei, no final da esteira, um caminhão velho parado, caindo sobre ele todo o material que passava pela esteira e que não era recolhido pelas catadoras. Quando o caminhão chegava à sua carga máxima, o motorista dava o sinal e uma catadora logo desligava a esteira. O motorista dirigia o caminhão até um local próximo no pátio da usina, onde lançava todo o material recolhido. Enquanto o caminhão não retornava, as catadoras esvaziavam sacos enormes, que ficavam suspensos debaixo da esteira, para onde jogavam os materiais recolhidos. Ajudavam os homens na organização do espaço, esvaziavam os tambores com produtos recolhidos e as catadoras fumantes aproveitavam também esse tempo para acender um cigarro. Assim que o caminhão retornava vazio, todo o processo continuava e elas voltavam rapidamente à sua posição na esteira. Parada, enquanto conversava com Luiz, que falava com muito orgulho da usina, observei que às costas das catadoras havia uma grade de ferro que, aparentemente, tinha como finalidade trazer certa segurança para elas. Sobre essas grades estavam estendidas peças de roupas e vários cobertores retirados do lixo para secarem ao vento e serem levados ao final do dia.

*Abismos - Distância que separa realidades e mundos de vida diferentes.



Catadoras fazendo triagem na esteira



Peças recolhidas da esteira para uso pessoal

Graziela, secretária da Cooperativa, chega quase no final de nossa conversa. Ela logo pede desculpas por não ter avisado Luiz acerca da minha visita ao local. Graziela observa que faltam catadoras na ponta da esteira e pergunta para Luiz, que se dirige para Ângela, perguntando-lhe pelas duas catadoras ausentes neste dia. Naquele momento, percebi que já tinha passado uma hora desde a minha chegada e pensei que convinha que me retirasse do local para não interferir nas atividades de produção na usina. Essa era a minha impressão e não sei explicar bem o porquê. Por um momento, perguntei-me *quem sou eu?* Imaginei como seria a minha vida se tivesse que passar alguns anos ali, naquele lugar, junto à esteira, junto ao lixo e a uma infinidade de cheiros e coisas, catando para buscar o meu sustento e o de minha família. Como seria trabalhar em um dia frio, com chuva, ou até mesmo em um dia de calor intenso, sob um telhado de zinco? Quanto tempo conseguiria trabalhar neste lugar sem adoecer ou sofrer algum acidente?

Enquanto estava ali, percebi a aproximação de dois cachorros. Perguntei para Luiz se esses animais eram da usina ou de alguma pessoa que trabalhava ali, e ele me disse que não. Disse que praticamente moravam ali. Vinham todos os dias em busca de alimento e já estavam acostumados com os catadores. Havia muitas coisas que meus olhos queriam ver e tinha que prestar atenção também nas palavras de Luiz. Senti-me incomodada com as moscas que batiam em meu rosto. Busquei afastá-las com as mãos, não querendo chamar muita atenção. Luiz parecia estar acostumado com o ambiente, não se incomodando com a presença desses insetos. Enquanto ele atendia ao telefone, eu observava o pessoal trabalhando: as mulheres todas na parte superior, ao redor da esteira. Dois homens trabalhavam na prensagem do material reciclado, fazendo os fardos de garrafas PET e papelão. Eles organizavam ainda a parte de baixo, juntando os fardos prontos e varrendo o material esparramado pelo chão. Na parte de cima, perto da esteira, havia outro homem trabalhando com uma taquara comprida, empurrando o material trazido por uma pá carregadeira para ser colocado sobre uma esteira

que levava todo o lixo até a esteira maior onde trabalhavam as catadoras. Quando algum lixo ficava embolado, o homem que tinha a taquara subia na esteira e empurrava o material ou com a taquara ou com os pés, ajudando no deslocamento do lixo. Às vezes o material vinha aos montes e acabava transbordando, caindo ao chão. A esteira ligada, sempre em movimento, exigia das catadoras um ritmo intenso. Elas recolhiam o máximo possível de material. O que era selecionado e retirado era fonte de renda praticamente certa.

Na usina de triagem, junto aos fardos de materiais reciclados e muito lixo esparramado pelo chão, as catadoras trabalham intensamente quando a esteira está programada numa velocidade maior. Os movimentos dos braços se agitam para apanhar os materiais que passam por sobre a esteira. Selecionam o máximo do material aproveitável da esteira, esvaziam os *bags*, fazem fardos, prensam, esvaziam tambores, carregam caminhões com os fardos, varrem o chão e organizam o espaço do galpão. Enquanto reciclam, seus filhos, que ficam em casa, são lembrados a todo instante. Falam de seus estudos, problemas com a escola, dificuldades, vivências e seus nomes são citados como se estivessem ali, bem próximos a elas.

3.4 O local de convivência



Intervalo para o almoço

Logo após a entrada principal da usina há um pequeno prédio de tijolo à vista que compreende um escritório, os vestiários masculino e feminino com banheiros e a cozinha. Esse pequeno prédio é praticamente todo cercado por uma boa sombra e, à sua frente, vê-se um gramado enorme com algumas poucas árvores. A grama verde se estende em um espaço amplo, fazendo uma bela paisagem. Por vezes vê-se um funcionário da Prefeitura cortando a grama, deixando o lugar ainda mais bonito. Duas goiabeiras enormes chamam a atenção em épocas de frutificação. A natureza, sábia, além de uma bela sombra consegue também saciar a fome de muitos que ali trabalham. Seus frutos são servidos como sobremesa para muitos. Ângela, uma senhora beirando seus 50 anos, de uma habilidade invejável, não media esforços e, quando via, lá estava ela, em uma das pontas de um dos galhos mais altos da goiabeira. Ela dizia: “As melhores estão sempre bem em cima e eu vou apanhá-las”. Voltava com uma sacola cheia de goiabas. Distribuía algumas para os colegas e o restante, é claro, levava para seus filhos, um menino de dezesseis anos e uma menina de nove.

Logo pela manhã, quando os catadores e catadoras chegam à usina, é ali, nesse pequeno prédio, o lugar em que se cumprimentam e em que as primeiras notícias ‘circulam’. Aqueles que chegam de bicicleta as encostam numa lateral da parede, ou então as deixam debaixo de árvores. Demonstram agilidade em seus movimentos. Parece ser um momento descontraído. Alguns falam em tom de voz alto e forte, fazendo-se ouvir ao longe. Outros são mais moderados. Trocam suas roupas por uniformes de trabalho e deixam suas refeições já prontas em pequenas viandas na cozinha. A pontualidade é algo excepcional. Aqueles que venceram uma caminhada de uma hora a pé, desde suas casas até a usina, parecem estar com uma energia e ânimo ainda fora do comum.

O dia começa animado. Todos sabem que terão uma longa jornada de trabalho pela frente. Enquanto os homens se dirigem aos seus postos de trabalho, Ângela começa logo animando as colegas com palavras de incentivo: “Vamos lá pessoal!”, “Vamos pra luta que o dia promete!”. Enquanto caminha, seus olhos passeiam rapidamente por todos os lados da usina, como se estivesse em busca de algo. Sua sensibilidade e percepção são de uma polidez tremenda. Consegue ver coisas que outros não veem. Está sempre muito atenta a tudo. As demais catadoras, enquanto caminham até o galpão conversando animadamente, movem seus olhos para a ‘montanha’ de lixo, que a essa hora do dia já recebeu cargas com toneladas de lixo, podendo oferecer também algum produto ‘novo’, que venha ao encontro de alguma necessidade. Algumas chegam a subir no depósito, e seus olhos parecem acertar em cheio algo que merece atenção. Em meio ao lixo, algum produto é recolhido e exibido quase que

como um troféu, um bem de valor. Muitas vezes o achado é comemorado por quem o achou como também por todo o grupo de catadoras.

Enquanto caminham para o galpão com botas ou um tênis velho nos pés, as catadoras vão ajeitando o seu avental, carregando luvas em suas mãos e um pequeno lanche para o café da manhã. Precisam se manter acordadas e atentas no trabalho, numa jornada que se estende de segundas às sextas feiras, das 7h30 às 12h e das 13 às 17h18. O tempo que permanecem na esteira parece não coincidir com o tempo do relógio. Em pé, defronte à esteira em movimento e trabalhando intensamente, a sensação, em alguns dias, é de que o relógio funciona em um ritmo bem mais devagar. Quando alguém dá o sinal para o final do expediente, ao meio dia, ou desliga a esteira, é um momento de alegria. Ouvem-se expressões como: “Vamos almoçar!”, ou então “Hora da boia!”. Rapidamente deixam a esteira para o almoço. Luiz e Vera almoçam em um prédio antigo ao lado do galpão da reciclagem. Ali, montaram uma pequena cozinha. Alguns poucos que moram próximo à usina vão para suas casas, enquanto os demais permanecem juntos no pequeno prédio onde fica a cozinha e o refeitório.

Na hora do almoço, a fome e o intervalo de apenas uma hora para a retomada das atividades de trabalho faz com que todos deixem os seus postos de trabalho o mais rápido possível. Ao lado do pequeno prédio de tijolo à vista, cadeiras de praia, ofertadas pelo lixo, são espalhadas debaixo das árvores. O almoço parece ser mais saboroso neste ambiente ao ar livre. Alguns não se importam com a comida fria e a comem assim mesmo. O horário do almoço é o horário da conversa, do riso, da brincadeira, da confiança e da indignação, do trabalho, de falar sobre as dificuldades, do ‘jogar conversa fora’, falar de conquistas, dos maridos, das esposas e, principalmente, dos filhos, das suas travessuras e assuntos relacionados à escola. Esse último é praticamente cotidiano. Os filhos recebem destaque especial.

As catadoras falam com orgulho de seus filhos. Podem não estar fisicamente juntos, mas a preocupação é visível. Todas têm o seu celular e exibem com certo orgulho os seus aparelhos, dos mais baratos e simples aos mais caros e sofisticados, encontrados em meio ao lixo. Alguns são encontrados sem defeito nenhum; outros apenas sem bateria. As catadoras que têm filhos pequenos em casa ou na casa de um parente ligam para ver como eles estão e para conversar um pouco. Dão orientações necessárias em relação às tarefas escolares e outros encaminhamentos. Falam com orgulho de seus filhos, e seus rostos adquirem um brilho especial enquanto estes são o alvo da conversa. Por vezes, algumas elevam a sua voz para serem ouvidas. Um dia, Ângela se dirigiu para mim e disse: “Eu não pude estudar, mas quero

que meus filhos estudem”, e continuou dizendo: “Se eu pudesse, participava de todas as reuniões no colégio dos meus filhos. Sinto muito não poder ir sempre”.

Enquanto almoçávamos, vi que Odete tinha o hábito de se sentar mais afastada do grupo na hora do almoço. Podia pegar o seu pedaço de carne com as mãos (quando tinha um pedaço de carne). Muitas vezes não havia carne, ou apenas um pouco de molho. Na verdade, havia muitas vezes somente uma quantia que desse um sabor de carne, e essa era uma realidade, praticamente, de todos os catadores e catadoras. Enquanto almoçam juntos do lado de fora, Ondina prefere ficar no refeitório. Perguntei a ela se não queria se juntar a nós para almoçarmos juntos, e ela respondeu: “Gosto de comer tranquilamente e em silêncio”. Todos a respeitam. Após o almoço, ela senta sozinha em algum banco para descansar, ou então se junta aos demais até voltar ao trabalho. Liane e Rosane são irmãs gêmeas. Elas preferem sentar debaixo das árvores na hora do almoço. As suas risadas contagiam o ambiente e, mesmo quando tomam a iniciativa de varrer e passar um pano na cozinha, refeitório, corredor e banheiro, ouve-se alguma melodia em seus lábios.

Certo dia, sentada debaixo das árvores, junto com os catadores e catadoras no horário de almoço, percebi que Ângela queria me contar algo. Falou de dificuldades que enfrentou alguns dias antes e da ajuda que recebeu das colegas catadoras. Contou que ficou uma semana sem almoço e sem dinheiro para comprar o básico para fazer as refeições. Não tinha dinheiro nem para o gás, que havia terminado. Seus filhos foram socorridos por uma de suas irmãs, que mora próxima à sua casa e que dava as refeições para eles enquanto ela ia para a usina sem se alimentar. Ao meio-dia, sem nada para comer, as demais catadoras perceberam a sua situação e dividiram o seu almoço com Ângela, cada uma dando uma pequena porção do pouco que traziam de suas casas. Ao narrar, Ângela se emociona. Parece haver uma mistura de sentimentos de tristeza, dor e indignação. Trabalhar e não ter o básico para sobreviver. E Ângela diz: “É terrível trabalhar e não ter para dar para os filhos”. Durante o tempo em que estive na pesquisa de campo houve realmente alguns meses que resultaram em uma renda mensal muito baixa. Em um determinado mês houve um pagamento de R\$ 140,00, e, em outro, R\$ 310,00, o que confirma as dificuldades enfrentadas e contadas pelos catadores e catadoras.

4 NARRATIVAS E APRENDIZAGENS

Neste capítulo descrevo fragmentos de entrevistas realizadas com os catadores/catadoras, que contam como se deu a sua inserção nessa atividade. A partir dos relatos percebem-se vivências e experiências marcantes que mudaram a vida desses trabalhadores. Em sua maioria, o que *se dá a ler* através das narrativas são vivências de sofrimento em situações de desemprego, permitindo pensar a realidade percebida pelos sentidos e ‘perceber o mundo em que vivemos – o todo, esse grande contexto em que a vida acontece’, conforme Fritjof Capra (1996, p. 12).

4.1 Catadores narrando trajetórias de vida

Sobreviver em meio às adversidades nunca foi fácil e o humano, um ser complexo, traz inscrito em algum lugar do seu ser registros de força e de movimentos de vida potencializadores de mais vida, seja ela uma força interna ou externa, individual ou coletiva. É ali, na usina, no cotidiano, enquanto desenvolvem as suas atividades de reciclagem dos resíduos sólidos que se dão as interações entre os trabalhadores. Um espaço em que compartilham informações, experiências e vivências, tornando-o educativo. De acordo com Lisboa:

A atuação na atividade de reciclagem de resíduos sólidos, ao constituir um vínculo de trabalho (triagem de resíduos), produz também um espaço educativo, que pode ser visto como não-formal ou informal, de acordo com as características perpassadas nos diferentes processos pedagógicos, entrelaçado à constituição da identidade de catador e reciclador no lócus de atuação. (LISBOA, 2009, p. 108-109)

No dia em que ouvi a história de Jane, uma revolução silenciosa ocorreu no âmago de meu ser. Esforcei-me para conter as lágrimas. Tinha que dar fim à entrevista. Jane, mãe de seis filhos, dos quais apenas dois moram com ela hoje, vivia em Cruz Alta. Ficou viúva, ainda jovem, de Aldori, seu primeiro esposo, pai de seus três filhos mais velhos, que faleceu de um tumor no cérebro. Depois de um tempo, em um novo relacionamento, agora com Joel (primo de Aldori), Jane teve mais três filhos. Alguns anos de convivência e Joel também adoeceu, vindo a falecer devido a problemas pulmonares. Era fumante. Jane batalhou muito para criar seus filhos. Sem emprego, foi em busca de uma oportunidade de trabalho em Sobradinho, levando três de seus filhos mais jovens consigo. Nesta cidade trabalhou numa fábrica de calçados.

Ao saber da oportunidade de trabalho nas fumageiras, veio com seus filhos para Santa Cruz do Sul. Ao pisar em solo santa-cruzense, a realidade se mostrou desfavorável para Jane, ficando quatro meses desempregada. Ao narrar sua história, seu semblante fica sério, tenso, algumas rugas já visíveis em seu belo rosto moreno. Jane parece vivenciar algo que lhe é difícil até lembrar. Ao perguntar para ela se lembrava de alguma coisa, Jane responde:

Nesse tempo, quatro meses desempregada, morando com três dos meus seis filhos aqui, sem dinheiro para aluguel e nem comida. Eu já pensei até em matar eles e depois me matar. Sei lá o que eu ia fazer. Eu me lembro. Você sabe, pagando aluguel, não é fácil (silêncio).

Recordar parece ser muito doloroso e Jane logo fala de seus filhos que, naquele momento, foram a razão de continuar viva e não desistir: “Mas eles são uns filhos que não incomodam. Se tu deres um pão pra eles comerem, está bom. Se tu deres um café, também está bom. Não te exigem nada. Eles não abrem a boca pra nada”.

Após quatro meses de desemprego, um vizinho a comunica de que na usina de materiais recicláveis estavam precisando de pessoas para trabalhar no galpão para a seleção dos materiais. Nesse momento, junto com outras catadoras, Jane começa no galpão, local em que é depositado o lixo que vem em caminhões. O material não vem reciclado, selecionado. É um trabalho que exige muito da catadora, tanto do seu físico quanto do seu emocional. É um trabalho muito difícil e muito árduo. Só quem já entrou em um galpão e trabalhou com a seleção de materiais pode compreender um pouco dessa realidade.

A convivência com as catadoras na esteira e, em alguns momentos, no galpão propiciou certa cumplicidade entre elas e a pesquisadora. Essa cumplicidade foi favorável ao momento em que as entrevistas ocorreram na casa das catadoras. A catadora Odete, 39 anos, esperava ansiosamente pelo dia em que eu faria a visita a sua casa. Como não conhecia o bairro em que ela morava, necessitei de sua ajuda por telefone para localizá-la. Odete vive uma união estável com João há 20 anos. Ele é pai de seus dois filhos, que não moram mais com o casal. Odete já é avó de dois netos, um de cada filho. Odete foi uma catadora que me marcou muito pela sua bondade. Sem nenhuma formação para iniciar minhas atividades na usina junto à esteira e não conhecendo muitos materiais, tendo dificuldade para fazer a seleção, encontrei em Odete uma excelente professora. Ela me dava as orientações que precisava de forma alegre e cativante. Nunca a vi mal-humorada em todo o tempo que permaneci com as catadoras para realização da pesquisa de campo. Também nunca se queixava de nada. Era surpreendida com seu cantarolar, com sua forma meiga de oferecer algum alimento, alguma fruta que trazia de casa para o lanche do dia.

A catadora Odete tem o 2º ano do Ensino Fundamental I e diz sentir por não ter estudado mais. Deixou de estudar por apresentar dificuldades de aprendizagem: “Eu tive dificuldades pra aprender. Eu sinto falta do estudo. Eu não estudei. Nesses dias eu estava dizendo para o João: ‘Eu acho que vou voltar a estudar’. Mas é muita coisa pra cabeça da gente. Acho que é difícil pra minha cabeça. Eu já não aprendia antes”. Odete trabalhava numa fumageira fazia oito anos quando esta foi transferida para outro município da região central do RS, deixando-a sem emprego. Odete diz que não quis se mudar para outro município. Após um tempo sem emprego, recebeu convite de um catador, o Luiz Carlos Nunes (o Branco), para fazer um curso de formação de catadores numa escola pública próxima à sua casa. Esse curso acontecia aos sábados e domingos, e teve a duração de seis meses. Fagner Jandrey, um dos coordenadores da COOMCAT e também integrante do MNCR, foi quem ministrou o curso. Percebia nas explicações de Odete, ao solicitar seu auxílio em relação ao material, que ela tinha um bom conhecimento dos materiais. A realização do curso foi um dos fatores fundamentais para esse conhecimento. Antes de fazer o curso de formação, Odete já trabalhava como catadora com carrinho nas ruas da cidade, junto com seu esposo, nos períodos do ano em que não atuava como safrista. Segundo conta, teve uma ocasião em que ela e seu esposo não conseguiram emprego e se sustentaram com a coleta de materiais recicláveis nas ruas:

Não tinha serviço. Eu não conseguia serviço e ele também não. Aí nós nos sustentamos seis meses direto só do material reciclado. Só da rua. Nós vendíamos para os atravessadores. Aí um dia a gente ia trabalhar pra comprar comida. Outro dia, a gente trabalhava pra pagar a água. No outro dia, a gente trabalhava pra pagar a luz. Assim nós fizemos, seis meses direto. De manhã e de tarde. A gente saía quinze para as sete da manhã e voltava às cinco, seis, sete horas da tarde. A gente ficava o dia inteiro na rua ajuntando. A gente almoçava no mato. E os filhos ficavam sozinhos, em casa. O Jardel tinha uns doze anos e a Jaqueline tinha sete anos. E, às vezes, o Jardel ia junto com nós e a gurua ficava em casa sozinha.

Na visita à sua casa para a entrevista, Odete conta que a propriedade foi adquirida pelo casal, que não precisam pagar mais aluguel, o que traz uma satisfação, um sentimento de orgulho e uma economia por se tratar de uma despesa mensal a menos. Odete demonstra ser uma pessoa muito organizada, boa administradora, cuidadosa nas relações e ações. No dia da visita, falava muito em sua neta, filha de seu filho mais velho, que estava com dois meses de vida, e que ainda não a conhecia e também não tinha visto nenhuma fotografia da *netinha*, como a chamava. Desejava muito visitar seu filho em Porto Alegre, que não via há um ano e dizia sentir muita saudade. Odete conseguiu viajar em fevereiro de 2013 a Porto Alegre para realizar um sonho seu: conhecer sua neta e nora. Seu esposo não pôde acompanhá-la nesta viagem.

Foi em um dia nublado, o céu estava para chuva, que fui fazer a entrevista com Ângela, uma catadora que tem uma história que impacta. Natural de Rio Pardo, ela vem de uma família de quatorze irmãos. Hoje tem cinquenta anos, mora com Ari, que também trabalha na Usina. Tem dois filhos: Daniel, de 16 anos, “fruto de uma produção independente”, conforme enfatiza, que criou sozinho até a idade de três anos, e, também, uma menina, Pâmela, de nove anos, filha de seu relacionamento com Ari, com o qual vive há mais de 10 anos. Ângela conta que conheceu Ari numa casa de recuperação para dependentes químicos: “Passei muito trabalho com o Ari por causa do álcool. Agora, já não bebe mais. Eu sei o que é bebida porque também tive problemas sérios com o álcool”. Ângela diz com alegria que a casa em que mora é de sua propriedade e foi herança de sua mãe. Começou a trabalhar aos dez anos de idade de doméstica para ajudar a sua mãe e saía para trabalhar com ela. Cuidava de crianças. Trabalhou como doméstica, safrista e no cultivo de milho e fumo em lavouras de terceiros. Muitas vezes, deixava seus dois filhos sozinhos em casa, mesmo pequenos, para suprir as suas necessidades básicas.

Ângela, sentada em um pequeno sofá protegido por uma capa de cor roxa, mãos entrecruzadas como se estivesse fazendo uma oração, olha em direção ao céu nublado e escuro, nuvens carregadas de chuvas, seu olhar se perde e parece buscar na memória lembranças de um passado distante e ao mesmo tempo tão perto. Perguntei para ela como foi que começou como catadora:

Foi um dia que marcou bastante pra mim. Eu estava numa situação bem difícil. O Ari estava desempregado. Ele fazendo bico. Cortava grama. Isso era final de ano. E eu estava bem desesperada. Eu não sabia o que eu ia fazer pra poder dar uma comida melhor pra eles no final de ano. Eu estava triste e foi quando a minha cunhada passou aqui na frente de casa e me chamou. Eu fui lá pra ver o que ela queria e ela disse: “Tá disposta a trabalhar?”. Bah! Parece assim que o mundo se abriu pra mim. Foi o dia mais feliz da minha vida.

Desde então faz oito anos que trabalha como catadora. Ângela diz não esquecer esses dias, que foram de muitas dificuldades e de muita dor por não ter como comprar o alimento para os filhos e de ver seus filhos com fome, pedindo comida e não ter o que dar para eles. Diz Ângela: “Minha filha, quando tem fome, revira a casa procurando alguma coisa pra comer. Eu não posso ver isso. Eu posso ficar até sem comer, mas eles não”.

Ângela tinha que começar logo, mas não sabia onde deixar a sua filha, que ainda não tinha dois anos de idade na época. O Bairro Menino Deus, onde Ângela mora, se situa praticamente do outro lado da cidade, a uns bons quilômetros do galpão onde começaria a trabalhar, fazendo a seleção do material. Um trabalho que, no princípio, era apenas um teste:

Tudo era difícil. Minha filha ainda muito pequena. Eu não tinha como ir até o local, mas eu pensei: “*Até de noite eu vou dar um jeito*”. Corri aqui na vila, consegui uma bicicleta emprestada. Pedi pra minha irmã reparar a minha filha pra mim. E no outro dia, às sete e meia, eu estava lá. Foi aonde eu conheci a reciclagem.

Liane foi a primeira catadora que entrevistei. Marcamos um horário por telefone e ela me aguardava ansiosamente para nosso encontro. Como não consegui chegar no horário porque estava procurando um presente para levar como uma forma de demonstrar um pouco do meu carinho e da gratidão pela entrevista, liguei para confirmar a minha ida à sua casa. Liane é uma pessoa muito amável e simpática. Vem de uma família de seis irmãos e estudou até o 3º ano do Ensino Fundamental I. Sua casa fica nos fundos da casa de seus pais. Tem três filhos. A mais velha mora com seu companheiro, em outro bairro. Os dois mais jovens ainda moram com Liane. Todos os anos, Liane trabalhava em fumageiras durante alguns meses. Como o pai dos filhos não mora com Liane e não a ajuda financeiramente, sentiu necessidade de trabalhar também nos meses em que não atuava como safrista. Em momentos de necessidade, era socorrida pelos pais, que moram próximos. Seus filhos também são cuidados por eles, quando Liane está no trabalho, o que a deixa tranquila nos momentos em que está fora de casa. Recebeu convite de Ângela, que mora no mesmo bairro, para trabalhar na então Associação de Catadores. Conta que não havia muito trabalho para as catadoras na Associação, porque recebiam somente dois caminhões com lixo por semana. Assim, no período de safra do fumo, trabalhava em fumageiras. Quando a Associação se tornou Cooperativa, passou a trabalhar somente com a catação.

Ao entrevistar Sueli, tinha diante de mim uma mulher magra, de estatura baixa, rosto fino e com a falta de alguns dentes na arcada superior. Ela sentou, cruzou os braços sobre a mesa e ali permaneceu até o final. Tinha um olhar triste e com uma expressão de cansaço. Falava em tom de voz baixo e respondia somente ao que é perguntado. Quando escuto a história de Sueli, percebo que não é sem motivo o que vejo. Sua história é uma história de muito sofrimento, dificuldades e muita dor. Sueli já tinha trabalhado na zona rural e também como safrista. Estava desempregada. Conta que chegou até a usina através de um convite feito pela catadora Ângela. Antes de iniciar a minha pesquisa de campo, Sueli já trabalhava na usina, mas teve que afastar-se por sete meses devido a um grave acidente de moto sofrido por seu esposo e sua filha de 17 anos no início de fevereiro de 2012. Neste acidente, pai e filha perderam a perna esquerda acima do joelho. Sueli precisou sair da usina para cuidar do esposo e filha. Perguntei a ela se recebeu alguma ajuda nesse tempo e Sueli diz que apenas recebeu

uma visita de uma assistente social em sua casa e uma entrevista com uma psicóloga do hospital no primeiro atendimento.

A catadora Sueli, desempregada e carente de recursos, procurou auxílio junto à Prefeitura Municipal e, segundo ela, não obteve respostas positivas. Todos os pedidos foram negados. Foram dias de peregrinação que geraram dor e mais sofrimento ainda. Havia duas pessoas acidentadas na casa e mais um filho pequeno que dependiam praticamente em tudo de Sueli. Enquanto fala, seu pequeno e aparente corpo frágil parece se encolher cada vez mais. Olhos fixos em um ponto distante. Seu rosto magro e judiado pelas agruras da vida deixa a sensação de que, por um momento, ela já não mais está ali na entrevista. Enquanto narra o que passou, tenho a impressão de que a sua vida lhe passa como um filme diante de seus olhos. Ali estou perante essa pequena mulher, aparentemente tão frágil, mas, ao mesmo tempo, tão forte e persistente diante das situações da vida que a convocam a agir.

Sueli não desistiu em sua busca até que conseguiu uma sessão de fisioterapia na universidade local. Para as viagens às sessões semanais, ainda hoje continua pagando um táxi, que lhe custa R\$ 25,00 por semana. Esperava conseguir uma ambulância para levar esposo e filha para as consultas e tratamento, mas não obteve êxito. Diz que buscou ajuda em órgãos públicos, mas não conseguiu nenhum auxílio. Com nenhum membro da família empregado e sem poder suprir as necessidades básicas de sua família, Sueli conta que tinha vontade só de dormir e entrou numa depressão. Atualmente a filha já está com prótese, mas o esposo ainda não. Sueli e Marli são irmãs, moram lado a lado e ambas trabalham na usina. Diz Sueli:

Eu só tive ajuda dos meus parentes: mãe, pai e irmã. Não fossem eles, não sei o que seria de mim. Ajuda de psicólogo pra guria, só tive uma vez, lá no hospital. A assistente social veio na minha casa, mas nunca me ajudaram. Lutei pra conseguir, porque ela teve que fazer fisioterapia. Eu fui lá, corri atrás, pedi ambulância pra buscar e levar ela pra UNISC, mas não consegui. Sempre tive que pagar táxi pra ela e até hoje ela ainda faz uma vez por semana. Eu pago 25 reais só de táxi por semana. Não consegui ajuda da Prefeitura e nem para o meu esposo. Se não fosse a ajuda do meu pai e mãe e de minha irmã, a gente passava fome”.

Entrevistei Fagner Jandrey, atualmente comprometido com os movimentos e lutas dos catadores, próximo a um cruzamento de ruas no Bairro Goiás, o primeiro local de transbordo* de materiais logo que teve início a Coleta Seletiva Solidária, em dezembro de 2012. Tínhamos agendado um horário para a entrevista. Fagner já estava no local, conversando com alguns

* Estação de Transbordo é uma unidade do sistema de gestão de resíduos, administrado pela COOMCAT, que tem a função de otimizar o sistema logístico de coleta domiciliar. Para tanto, armazena temporariamente os resíduos coletados pelos catadores com seus carrinhos nos bairros e transferidos em um veículo com maior capacidade de transporte até à Usina.

catadores que se organizavam para sair com seus carrinhos para a coleta. O trânsito nas ruas atrapalhava um pouco a entrevista. Fagner cedeu à entrevista de forma gentil. Contou que era morador de Barros Cassal, região norte do estado, onde morava com a sua família. Veio para Santa Cruz do Sul, em 2000, com expectativas de conseguir emprego. Ao chegar com a sua família no município, ficou três anos sem emprego. Conseguiu trabalho numa casa de jogos, mas permaneceu por pouco tempo. Morando em Santa Cruz, conheceu alguns catadores, estabeleceu uma afinidade e começou a trabalhar com eles: “Eu comecei a trabalhar com catação da mesma forma que todos, por necessidade, por não conseguir nenhum outro tipo de emprego”. Assim que iniciou nessa atividade, soube também do movimento de catadores, que já fazia um trabalho em Santa Cruz do Sul no ano de 2003. Desde então, Fagner, com a formação de 2º Grau, está na função de coordenador da COOMCAT, é membro do MNCR (atuando a nível estadual e nacional) e integra o FACS.

Durante a entrevista, o celular toca e Fagner, muito educado, pede licença para atender. Em seguida, relata que começou com a catação na rua. Os catadores não tinham nem o carrinho para fazer a coleta. As dificuldades eram muitas e, para a aquisição de um carrinho, alguns catadores juntaram o pouco que ganhavam com a catação. Tudo era muito difícil. Enxergando além, percebeu a necessidade de ‘lutar’ por melhorias da categoria:

E aí eu comecei a trabalhar e conheci o movimento, a participar das lutas. A gente começou a se organizar aqui também para buscar melhores condições. No início a gente não tinha nada. Já tinha uma ocupação histórica que faz parte da História dos catadores desde 2001. E aí a gente começou a lutar por espaço, começou a lutar por carrinho. O primeiro carrinho que conseguimos, a gente fez um racha. No início a gente trabalhava só com um carrinho na rua coletando o material. A gente passou momentos bem difíceis. Tinha semanas que a gente trabalhava a semana toda e ganhava vinte, trinta reais. Mas, fomos indo, discutindo, buscando melhorias. Então, é uma característica do pessoal daqui, dessa organização, que desde o início nunca parou de se mobilizar. Desde 2003 até agora, teve um processo de mobilização e luta constante. Nunca se deixou morrer esse espírito, essa chama de luta.

4.2 Quando o lixo não é lixo

O lixo é um material mal amado. Todos desejam dele descartar-se. Até pagam para dele se verem livre. (CALDERONI, 1997, p. 25).

Em um país em que impera a desigualdade social, muitos precisam encontrar outras formas de sobrevivência. Nesse contexto, catador é o sujeito que tira do lixo o seu sustento. Devido às muitas dificuldades, os catadores sentiram a necessidade de apoio, de trabalharem em grupo e de se fortalecerem. Buscaram, para tanto, organizar associações e cooperativas, e

vêm prestando um serviço inestimável à população, já que esses materiais coletados vão evitar o consumo de recursos naturais esgotáveis. Longe de uma vida fácil, percebe-se, na convivência com os catadores, uma jornada de trabalho diária muito árdua. A renda obtida com a reciclagem é limitada e, muitas vezes, não supre o básico para a sobrevivência. O lixo, destino do que é descartável para a sociedade, se constitui como lugar onde se trava, a cada dia, uma batalha de sobrevivência para muitos. Quem não encontrou outra opção de vida e tem uma relação cotidiana com o lixo, extraindo dele o que precisa para a sobrevivência, não vê apenas um depósito de toneladas de resíduos, mas riqueza e vida.

Conheci Ondina, 49 anos, no meu primeiro dia de contato com o lixo na esteira. Quando cheguei à usina, logo cedo pela manhã, fui recebida por esta senhora de pele morena clara e sorridente. Gentilmente me recebeu e me deu as informações que eu precisava. Essa simpática senhora trabalha na reciclagem há três anos. Aos dezessete anos, ficou mãe de seu primeiro filho. Viveu por muitos com o pai de seus seis filhos, do qual está separada há alguns anos. Atualmente mora com sua filha caçula, de 17 anos. Natural de Monte Alverne, interior de Santa Cruz do Sul, trabalhava na lavoura. Estudou até a 4ª série. Faz 28 anos que mora na cidade. Antes de trabalhar na usina, Ondina atuava na área da limpeza, numa empresa de segurança e em fumageiras. Estava desempregada quando recebeu o convite para trabalhar na usina com a reciclagem.

Ondina diz que já criou seus filhos e que somente uma filha ainda mora com ela. Não tem casa própria. Mãe e filha moram numa casa nos fundos da casa de sua irmã. Todos os dias caminha por uma hora até chegar à usina. Ondina é uma senhora vaidosa, sempre bem vestida e unhas bem pintadas. Enquanto trabalha, Ondina geralmente fica em silêncio. Suas mãos habilidosas fazem a reciclagem e recolhem da esteira o que não é lixo, deixando o produto sobre uma grade, em algum lugar próximo do chão ou dentro de um tambor para ser levado ao final do dia. Na esteira, fico impressionada com a habilidade da catadora e com a sua força. Os sacos são abertos com rapidez e a seleção do material acontece em segundos. Seus olhos parecem acertar em cheio o que precisa ser recolhido.

Certo dia da minha pesquisa trabalhando com as catadoras, Ondina pediu-me carona após o expediente. Carregava duas sacolas enormes de plástico e cheias com produtos recolhidos da esteira. Uma delas continha um lindo tapete, que foi colocado em sua casa. Tinha ainda guardado no vestiário uma enorme TV em preto e branco, que ainda funcionava, e desejava levar para sua casa. Perguntada sobre o que significava o lixo para ela, Ondina relatou: “Uma fonte de renda pra mim e pra todos que trabalham lá dentro. Isso ali (se

referindo à usina) é uma mina de ouro. Se souber trabalhar ali dentro, é uma mina de ouro”. E continua:

Eu já tirei bastante coisa do lixo. As panelas que eu tenho é tudo *reciclation*. Cobertor, cobertor novo. A roupa que eu estou usando é do lixo. Essa rasteirinha. Me visto dos pés à cabeça e só com coisas do lixo. Acha que eu estou mal vestida? Eu levo sacolas de roupas e dou para os parentes conhecidos, dos pés à cabeça. Vem roupa nova com etiqueta e tudo. Eu tenho torradeira que é lá do lixo, ventilador. Ih! É tanta coisa. Só comida não pego não. Tenho nojo.

Ondina diz que retira do lixo aquilo que precisa. Quando ela mesma não tem necessidade, sempre há uma outra pessoa que pode precisar. A sua pergunta para mim, “acha que eu estou mal vestida?”, remete a inúmeras interrogações. É como se buscasse compreender a leitura que eu faço de seu mundo, que é também o meu mundo. Percebe-se em Ondina uma sensibilidade com a vida e com o outro. *Estar com* ela é sentir-se mexido. Percebe-se uma conexão em tudo o que diz e faz, tanto no mundo interior como no mundo que a cerca:

Os objetos que povoam nossos sonhos são, da mesma forma, significativos. Nossa relação com as coisas não é uma relação distante, cada uma fala ao nosso corpo e a nossa vida, elas estão revestidas de características humanas (dóceis, doces, hostis, resistentes) e, inversamente, vivem em nós como tantos emblemas das condutas que amamos ou detestamos. O homem está investido nas coisas, e as coisas estão investidas nele. (MERLEAU-PONTY, 1948, p. 24).

Marli, 32 anos, é uma jovem senhora, de agradável aparência e muito simpática. Nasceu em Sobradinho e, desde criança, trabalhava na lavoura, ajudando seus pais e irmãos. Os pais exigiam muito dos filhos quando pequenos. Tinham que ajudar em todos os serviços domésticos e do campo. Quando adulta, veio morar em Santa Cruz do Sul. Marli é irmã de Sueli. O esposo de Marli trabalhava com construção, mas ficou sem serviço. Marli foi avisada pela irmã que havia trabalho na usina para ela. Aceitou o convite e permanece até hoje. Diz que precisa trabalhar para ajudar o esposo nas contas da casa. Tem dois filhos na escola, que precisam de roupas e material escolar. Marli descreve o lixo como sendo uma coisa boa:

Eu vejo lixo como coisa boa. Pra gente, o lixo é coisa boa. O lixo não é só lixo. Ele tem bastante coisa boa. Tem coisa que não precisava tá no lixo. Roupas, assim, eu trago bastante. É roupa boa. É roupa melhor que muita que a gente tem em casa. Daí eu pego e trago. Brinquedos pras crianças eu trago bastante. Quando as gurias acham e não serve pra elas, elas me dão’.

Marli percebe o lixo com outros olhos. Lixo não é só lixo. As mãos e dedos que mexem diariamente na esteira conseguem fazer leituras com profundidade sobre a vida e a sociedade em que vivemos. Diz Larrosa (2004, p.18) que “é a vida em sua totalidade, e não só a inteligência, a que interpreta, a que lê. Mais ainda, viver é interpretar, dar um sentido ao

mundo e atuar em função desse sentido”. A recicladora percebe coisas lançadas no lixo ainda em condições de uso. Como podemos entender a experiência e/ou vivência de Marli se não passamos por ela? Ela faz uma leitura de uma dimensão afetiva. Refere Merleau-Ponty (2006, p. 436) que “para que percebamos as coisas, é preciso que as vivamos”. Marli não precisou de anos de formação para ver que há algo errado com os valores existentes na humanidade, valores contraditórios e contraproducentes.

No meu primeiro dia de pesquisa de campo presenciei uma cena que me impactou. Estávamos em um grupo de sete mulheres, trabalhando no galpão, fazendo a reciclagem de materiais. Estávamos sentadas em cima de latas e caixas forradas com papelão, ao redor de depósitos de lixo deixado pelos caminhões. Enquanto reciclávamos o material, ouviam-se diversos sons. Não de rádio. Eram sons humanos, que denotavam um conteúdo na sua expressão. Ouvia-se ora por uma trabalhadora e ora por outra. Logo que uma emitia algum som, outra lhe dava uma interpretação e o grupo parecia aprová-la. Pareciam ser sons de estímulo, de quebra do silêncio, de incentivo, de estar vivo. Em meio aos sons, ainda desconhecidos para mim, ouviu-se de repente um som diferente, de comemoração. A catadora Rosane localizou um pacote de farinha de trigo de 5 kg fechadinho no meio do lixo.

Naquele momento, todas se ergueram para ver o achado. Pareciam curiosas e, ao mesmo tempo, alegres. Sentada entre elas, também estava curiosa. Rosane estava com o pacote em suas mãos e chamou Odete. Esta se aproximou e disse: “Como podem colocar isto no lixo?”. Pode parecer apenas um pacote de farinha com 5 kg, mas, para elas, era um esbanjar de um conteúdo tão precioso e indispensável para o dia a dia de sua família. Ondina logo pediu para olhar a validade do produto. Constava dezembro de 2010 e estávamos em fevereiro de 2012. Algumas trabalhadoras se aproximaram do pacote e olharam seu estado. Observaram que havia uma abertura em uma das pontas, e logo uma identificou como sendo obra de ratos. Odete, ainda com o pacote em suas mãos, contemplou o volume e disse: “A farinha está branquinha ainda”, passando o dedo indicador da mão direita na farinha e levando-o até o nariz, para verificar seu estado. Após uma rápida análise, levou o pacote consigo, como alguém que ganhou um prêmio, e, voltando-se para as colegas, disse: “Vou fazer uns bolinhos pros meus filhos”.

Um alimento jogado fora, não se sabe por quais razões, e que se torna um achado que vem para saciar a fome de outros. Um produto com prazo de validade vencido, mas que precisa ser ignorado para que possa ter a sua finalidade: saciar a fome de quem tem fome. Esta cena causou e causa em mim um mal-estar. Que mundo é esse em que vivemos, eles e

eu? Estou entre dois mundos. Vivo num mundo que esbanja e estou nesse momento com pessoas que vivem com a falta, talvez até do mínimo necessário para o suprimento de o que é básico para a sua sobrevivência. Observo em seus olhares e falas expressões que denotam indignação e mal-estar diante de um quadro real.

Ainda impactada com a cena, volto à minha posição de trabalho. Novamente, um grito de achado. Desta vez é Ondina que encontra algo. Ela ergue um pacote de ração de galinha misturado com milho quebrado. Ondina logo pergunta se Vera tem galinhas em casa, e ela responde afirmativamente, sendo-lhe repassado, de mão em mão, o saco com o conteúdo. Existe solidariedade nesse gesto. Cenas dessa espécie foram inúmeras vezes presenciadas por mim enquanto estive no campo para a realização de minha pesquisa. Essas imagens, bem gravadas em minha memória, me fazem pensar em Merleau-Ponty, quando diz:

Objetivamente, você aceita a miséria e a exploração, já que não se junta àqueles que as recusam sem qualquer ressalva. – Eles dizem que as recusam, acreditam recusá-las. Mas será que as recusam objetivamente? (...) Não se está quite com a miséria só por ter saudado a revolução. Ela não nos pede apenas a nossa boa vontade e nossa escolha, mas também nosso conhecimento, nosso trabalho, nossa crítica, nossa preferência, nossa presença inteira. (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 307).

Uma das questões que se coloca para nós, quando refletimos sobre a desigualdade social, é a transformação dessa realidade. Seria isso possível no mundo como ele está organizado? Temos plena consciência dessa realidade? E o que temos feito até aqui viabiliza mudanças? De que forma(s)? Para a compreensão da desigualdade social, como decorrência do efetivo processo de modernização e desenvolvimento econômico a partir do séc. XIX, gerando diferenças sociais, miséria, fome, desemprego, baixa escolaridade, exclusão social e tantos outros aspectos, fenômenos que estão tomando dimensões maiores, esses não podem ser entendidos fora do contexto. Para Capra (1996, p.45), “os sistemas vivos são totalidades integradas cujas propriedades não podem ser reduzidas às de partes menores”. O autor nos desafia a atualizar a nossa maneira de pensar a realidade e nos coloca a possibilidade de enxergar com outros olhos o mundo em que vivemos. Buscamos não julgar o que vemos, mas compreender. Compreender a desigualdade social, o mundo como está organizado, é conhecer a própria vida que vivemos. Faz-se necessário, para tanto, um despojamento de ideias já preconcebidas para a possibilidade de novas leituras. Diz o pensador que

isto sabemos. Todas as coisas estão ligadas como o sangue que une uma família. Tudo o que acontece com a Terra, acontece com os filhos e filhas da Terra. O homem não tece a teia da vida; ele é apenas um fio. Tudo o que faz à teia, ele faz a si mesmo. (CAPRA, 1996, p. 7).

Esse todo é o grande contexto em que a vida acontece. Inserido nele, o ser humano afeta e é afetado pelas relações. As diversas formas de injustiças sociais em todos os segmentos da sociedade e em todas as suas dimensões estão se tornando cada vez mais comuns, e inúmeros podem ser os fatores que contribuem. O que estaria levando ao aumento da desigualdade social? Seria uma crise ética? O intenso convite ao consumo? A urbanização acelerada? Seria a falta de amor, palavra que parece tão banalizada, mas tão profunda de sentido? Gandhi questionava a civilização consumista. Ele refere que “os sistemas econômicos que negligenciaram fatores morais e sentimentais são como estátuas de cera: parecem vivas e, no entanto, falta a elas ser de carne e osso”. E complementa:

Duvido que a idade do aço seja um progresso em relação à idade da pedra talhada. Não tenho preferência nem por uma nem por outra. É à evolução da alma que devemos consagrar nossa inteligência e todas as nossas faculdades. (GANDHI, 1985, p. 86).

4.3 Catando entre os fios da identidade: mãos que se encontram

Paulo Freire (2008, p. 30) observa que “o homem está no mundo e com o mundo”. Tem a sua responsabilidade pelo mundo, pela perpetuação da realidade como ela se apresenta, bem como pela sua transformação. Vivemos em uma realidade de consumo e as relações que permeiam todo o nosso modo de ser e de viver remetem à competição, concorrência e exclusão. Existe uma concepção de que o homem basta a si mesmo, que é preciso possuir, dominar e conquistar sempre. Aquilo que pode ser pesado, quantificado, parece receber mais atenção e maior valor. Faz-se necessário, em nossos dias, a consciência do compromisso com o outro, deixando o egoísmo e individualismo. Ter atos responsáveis. Ser presença no mundo, deixando-se afetar e afetando. Mover-se no mundo, sentir-se parte dele e ter consciência de sua ação, sabendo refletir sobre si e acerca de sua ação sobre o mundo, não de forma coercitiva, mas espontânea, criativa. Signor (2004, p. 21) diz que “o real de verdade está além da pele, mas não sem a pele. Isso quer dizer que é possível tocar a identidade na pele se o toque tiver sensibilidade para isso”. Os catadores, ao narrarem suas trajetórias de vida, nos falam de seu mundo, sua cultura, valores, sociedade e da forma como se estabelecem as suas relações nesse meio, conforme Lisboa (2009, p. 101):

Nesse processo de construção de uma identidade narrativa, percebemos, enfim, duas relações importantes para análises no campo social: primeiro, que os sujeitos ao narrarem-se, revisitam os elos estabelecidos entre o passado e o presente, construindo um inventário dos laços que são formados ao longo de sua trajetória. [...] em segundo lugar, ao narrar-se o sujeito manifesta uma (re)construção da trajetória histórica e cultural de determinado grupo ao qual relaciona um pertencimento, referindo aos processos constitutivos de um *modus operandi* de determinado grupo social com o qual manifesta algum tipo de associação (neste caso, os grupos de recicladores).

Ao realizar as entrevistas com as catadoras, percebe-se que o sentimento de pertencer a uma cooperativa traz novos significados. Muda a relação com o trabalho e com as pessoas. Muda a forma de olhar para a vida e de perceber o mundo. Elas se reconhecem como trabalhadoras. Estabeleceu-se um vínculo com uma organização, consoante podemos perceber em um dos depoimentos: “Depois que entrei pra Associação e entrei pra usina, nossa vida melhorou cem por cento. Antes eu estava desempregada. Agora eu já adquiri muitas coisas desde que eu entrei na usina”. Fazer parte da Cooperativa, de um grupo de trabalhadores de materiais recicláveis, e reconhecer-se catador, superando sentimentos de injustiças, de estereótipos, de estigmas e rótulos, contribui para o prestígio do catador e para a garantia de uma posição social na sociedade. Além disso, cria sentimentos que potencializam os trabalhadores para novos movimentos e ações e para a transformação de suas realidades, afetando e constituindo a identidade. De acordo com o que professora Melucci,

a possibilidade de distinguir-nos dos outros deve ser reconhecida por esses “outros”. Logo, nossa unidade pessoal, que é produzida e mantida pela auto identificação, encontra apoio no grupo ao qual pertencemos na possibilidade de situar-nos dentro de um sistema de relações. A construção da identidade depende do retorno de informações vindas dos outros. Cada um deve acreditar que sua distinção será, em toda oportunidade, reconhecida pelos outros e que existirá reciprocidade no reconhecimento intersubjetivo. (MELUCCI, 2004, p. 45).

É horário do almoço. Todos sentados debaixo de árvores para a refeição. Conversam em tom de voz alto. Liane almoça com certa pressa. Precisa ligar para a sua mãe para saber como está o filho de apenas 10 anos que ficou em casa. Está no horário de o filho ir para o colégio, e algumas recomendações são necessárias. Coisas de mãe. Há, porém, um problema: Liane não tem créditos no seu celular para fazer a ligação. Nesse momento, prontamente e de forma espontânea, Ângela toma o celular que traz no bolso da jaqueta e o empresta para Liane. Outro dia é Ângela que não tem créditos em seu celular e Liane, ou Rosane, ou outra catadora empresta o seu celular. São gestos de bondade e de solidariedade muito comuns na convivência com as catadoras e catadores.

Na usina, todas as mulheres ocupadas com a seleção do material. A esteira, regulada numa velocidade acelerada, transporta o material, que vem todo misturado. De repente, vêm

espigas de milho verde, que passam por mim e por Odete, que trabalha do outro lado da esteira, quase na minha frente. Odete está ocupada e com as mãos cheias de material, mas sua voz está livre para gritar e pedir: “Alcance-me o milho”, para a colega Ângela. Esta responde prontamente, alcançando meia dúzia de espigas, que vão servir uma refeição na casa da catadora. Liane separa o milho, que será levado no final do dia, e volta para a esteira, que continua transportando o material. Desta vez vêm algumas peças de roupa, e Liane as examina para verificar o que pode ser útil para ela. Separa o que lhe serve e alcança as demais peças para a sua irmã, Rosane, que é mãe de dois meninos, 17 e 11 anos. Rosane separa com carinho e coloca em algum lugar próximo da sua posição de trabalho. De acordo com Signor,

a realidade mais real é inatingível por estes olhos, estes dedos. Para se chegar a ela é necessário que intervenham outros olhos, outros modos de tocar. É outra maneira de aprender a ler. (...) Estes outros olhos têm a capacidade de ler dentro, além da palavra, mas não sem a palavra. (SIGNOR, 2004, p. 78).

Rosane trabalhava do meu lado na esteira. Era vaidosa. Suas unhas sempre bem pintadas. O rádio, também como oferta do lixo, estava sempre em volume alto. Enquanto trabalhava, acompanhava cantando as letras ou as cantarolava de memória. Quando precisava me dirigir a ela, minha voz tinha que se sobressair ao volume do rádio. Um dia precisei de uma faca para cortar as sacolas plásticas que vinham sobre a esteira, porque minhas mãos estavam doloridas de tanto fazer força para rasgá-las. Disse a ela que traria uma faca de casa na semana seguinte e ela, mais do que rápido, virou-se para a mesa que ficava atrás de si e alcançou-me uma faca. Depois percebi que ela tinha uma coleção de facas guardadas; todas retiradas do lixo. Estava sempre disposta a ajudar. Foi para ela que Ângela pediu que me ensinasse como fazer a seleção do material.

Nas minhas idas à usina, junto à esteira, foram inúmeras as vezes que presenciei catadoras recolherem roupas, eletrodomésticos, eletrônicos, perfumes, desodorantes, cremes, esmaltes e bijuterias. Frascos contendo um resto de perfume ou desodorante eram esvaziados sobre seus corpos. Muitas vezes eu era atingida por jatos lançados com movimentos intensos, ficando minha roupa impregnada pelos cheiros. A combinação de cheiros parecia não se adequar. Quando os diferentes cheiros se misturavam, causavam uma sensação estranha. Rosane gostava de esmaltes e recolhia todos os frascos que continham alguma quantidade razoável e em condições de uso. Suas mãos também se estendiam em direção a Odete e a Liane, que trabalhavam do outro lado da esteira. As ofertas dificilmente eram rejeitadas por aqueles a quem era oferecido algo.

Seguidamente era encontrado algum celular em bom estado. Quando a pessoa que encontrava o aparelho já tinha o seu, ou o levava para casa ou o dava para uma colega. Acessórios, como carregadores e baterias, eram retirados em quantidade. Tudo era guardado e, quando vinha um aparelho incompleto, logo estava funcionando. Era interessante a habilidade no processo de montagem. Muitas vezes me ofereciam algo retirado do lixo. Percebi que me davam com carinho. Era uma forma de me presentear. No início, era tudo muito estranho, mas, com o tempo, procurei compreender a relação que tinham com o lixo.

Era comum ver catadoras irem para casa levando alguma sacola com materiais selecionados durante o dia por elas ou recebido de alguma colega. Certo dia fui surpreendida por Odete, que me alcançou um par de sandálias e, numa outra ocasião, por Rosane, que me alcançou um par de tamancos muito bonitos e em bom estado. Agradei gentilmente e, ao conferir o número, percebi que não conseguiria usá-los, porque eram de número menor. Sentiam-se livres para dar e para receber. Seus olhos dos sentidos e da alma não parecem amortecidos e nem contaminados pela sociedade moderna ou pós-moderna para seguir padrões e comportamentos impostos. Para vivenciar outras realidades, com outras formas de expressão e de vida, faz-se necessário transpor fronteiras, permitir-se ir além e despojar-se de preconceitos.

Podiam, com seus gestos, muitas vezes cobrir a pele de uma colega. Quando não chegavam a tocar a pele, conseguiam tocar além dela. Tinham uma sensibilidade para ver e sentir. O gesto de estender mãos que carregavam algo para oferecer não era um movimento no vazio. Havia beleza no gesto. Havia vida. Compreender essas mulheres catadoras em seus gestos é buscar compreender a sua identidade. Não é possível ver a identidade, somente entendê-la. Falar de identidade é falar de vida, de movimento, de emancipação, de autonomia e liberdade. Para Ciampa (1984), não existe uma identidade dada pela natureza. A identidade é um processo que é construído e conhecido pela ação, pelo movimento, ou seja, através da atividade do indivíduo. Outra importante concepção de identidade, para esse autor, é a psicossocial. A identidade com caráter de metamorfose, ou seja, as mudanças ocorrem constantemente, o que, entretanto, não aparece. A aparência da identidade é de algo que não muda.

Góis (1995) refere identidade como o sentir a vida, ou sentir-se vivo, como presença, como vivência biocêntrica, expressão natural e espontânea da vida acontecendo como singularidade, como autopoiesis particular (si mesmo) da autopoiesis universal. É sentir-se vivo e de forma integrada com o outro – um semelhante a mim – e com o Universo. A

identidade se dá numa relação intensa de vida, em um encontro consigo, com o outro e com o mundo. O humano traz em si um potencial de vida que lhe possibilita múltiplas escolhas e realizações. É um ser com autonomia, com singularidades, com liberdade para escolhas e decisões. É uma semente que traz em si um potencial de vida com capacidade de se expandir. Assim como a semente necessita de nutrição, vínculo e crescimento para a sua sobrevivência, também o humano é uma semente com tais necessidades. É a vivência primordial do sentir-se vivo que fortalece e possibilita o desvelamento da identidade.

Para Toro (2002), a identidade se manifesta somente na presença do outro, ou seja, na relação. A identidade tem gênese biológica e está representada na identidade celular e em outras formas de identidade psíquica e comportamental. A identidade é pulsante e é expressão de potencialidades. Toro organiza e apresenta as potencialidades em cinco linhas de vivências e/ou canais de expressão: vitalidade, criatividade, afetividade, sexualidade e transcendência, que favorecem o autodesenvolvimento do ser humano. São canais de expressão saudáveis e necessários para o pleno desabrochar da vida do ser humano. Para Menezes (1999, p. 6), “os canais de expressão são necessários para uma identidade saudável”.

Durante o tempo de permanência no campo com os catadores e catadoras, foi possível sentir um pouco a sua realidade de vida, tentar compreender o que dizem, como pensam e interpretam o mundo em que vivem. Este é sentido por elas, muitas vezes, de forma bem cruel. Ali, na usina, homens e mulheres excluídos de formas reconhecidas de trabalho procuram na catação e reciclagem uma forma de reconhecimento de trabalho, ou seja, uma busca de recuperação da identidade de trabalhadores. Eles conseguem ver o que muitos não veem ao transformar o “resto” da sociedade, o “descartável” e as sobras em matéria-prima, em um bem inestimável para si mesmo, para a sua família e para toda a sociedade. Este bem vai contra os princípios da lógica dominante ao fazer do lixo o seu meio de vida.

Em suas narrativas, percebe-se que compreendem as reações que a sua presença provoca em outros quando estes se sentem ameaçados ou incomodados de alguma forma. Percebe-se a sensibilidade de Ângela e a sua consciência em relação ao ser catadora, a sua presença neste mundo e com o mundo. Ângela não esconde que é catadora. Estende o seu braço e aponta para a porta da frente de sua casa e diz: “Tá minha placa ali. Todo mundo que chega na minha porta sabe o trabalho que faço. Então, eu não preciso me anunciar como catadora. Eu já deixo ali. Eu não tenho por que mentir o que eu faço. Minha bandeira tá ali”.



Bandeira do MNCR afixada na porta da casa da catadora

4.4 Dimensões simbólicas que reforçam as posições de desigualdade social

Um aspecto importante no processo de produção e desenvolvimento do capitalismo na atualidade é o avanço tecnológico e científico. No entanto, se de um lado há a exigência de uma mão de obra mais qualificada e com mais escolaridade, de outro existem também numerosas forças de trabalho que passaram a se deslocar e buscar atividades com menor exigência de escolaridade e de qualificação profissional, com baixa remuneração e presença constante de instabilidade, conforme Pochmann (2007). Nesse sistema, nos deparamos com relações de trabalho em que é comum ausência de direitos, trabalhadores que se encontram em situações de desemprego e/ou desenvolvendo atividades de sobrevivência, ou seja, em situações de subemprego. No sistema em que vivemos, nos deparamos com o aumento da exclusão social de uma parcela significativa da população e o aumento da desigualdade social já tão visível em nossa sociedade. O trabalho informal tem se colocado como possibilidade de sobrevivência, sujeitando os trabalhadores a jornadas extensas de trabalho, com condições insalubres e sem o amparo de políticas de previdência.

A necessidade levou trabalhadores a encontrarem no lixo uma possibilidade de sobrevivência. O lixo é percebido como fonte de renda. O setor industrial não receberia os produtos ofertados pela reciclagem se não fosse interessante, gerando lucratividade, para o capital. Para os catadores, o que é descartável e sem aparente valor passa a ser uma opção; um meio de vida para uma parcela da população que foi excluída da sociedade e que ainda não se percebe e se sente incluída. É interessante perguntarmos para algumas pessoas que fazem parte da população mais favorecida economicamente o que significa lixo, ao que prontamente respondem: resto, dejetos, sujeira, sobras, descartável. Qual o destino do lixo? Aqueles que

conseguiram enxergar no lixo uma fonte de renda decidiram ir contra a lógica de que o lixo é descartável, mas, ao mesmo tempo, sentem também vergonha quando trabalham com o que foi descartado. Diz Rosane: “Meus vizinhos nem sabem que eu trabalho na usina. Eu não falo pra eles. Saio bem cedo todos os dias”. A catadora prefere que os vizinhos não saibam a sua profissão e nem o seu local de trabalho.

Jane trabalhava na usina e, com o início da Coleta Seletiva Solidária, em dezembro de 2012, optou por trabalhar nas ruas, com seu carrinho, recolhendo o material. Diz a catadora: “Aqui no bairro onde eu moro, todo mundo se conhece. A gente se cumprimenta, mas, quando eu estou lá, no centro, com meu carrinho, eles nem me conhecem. Fazem de conta que nem me viram, e olha que eles são aqui do meu bairro”. Jane, através dessa atividade, extrai o sustento para a sua família e, como catadora, passa a ser desprestigiada também por aqueles que, assim como ela, estão à margem. Não está revirando lixo. Seu trabalho não é menos digno que qualquer outro. Está ali pela dificuldade de conseguir um emprego formal. A catadora Ângela diz:

A discriminação existe bastante. Minha filha chorou muito no Colégio. Gozavam dela logo que eu comecei a ser catadora. Tinha gozação na escola e até mesmo na rua. Quando meu filho ganhou essa bicicleta que tu viste, eles falavam pra ele que eu juntei peça por peça no lixo e que foi montada. Daí, eu disse: ‘meu filho, tu responde que eu trabalho no lixo, mas que eu posso comprar uma bicicleta pra ti. E daí, tudo que eles ganhavam de novo, pelo fato de eu ser catadora, eles achavam que eu trazia do lixo pra eles. Não, eu sou catadora, mas eu tenho condições de comprar as coisas pros meus filhos.

Ângela fala em tom de voz firme e sua indignação se torna visível quando relata, na entrevista, o sofrimento vivenciado por seus filhos na escola e na rua pelo fato de serem filhos de uma catadora. Ângela sente que seus filhos são discriminados. São identificados pelos colegas de aula e amigos como “filhos de catadora”. A fala de Ângela remete ao conceito que muitos ainda têm da categoria dos catadores. O lixo não é só lixo. Extrai-se dele valor que proporciona meios para aquisição de bens. Os catadores sentem-se humilhados pela forma como são tratados pelos que se consideram economicamente privilegiados. Ângela sente necessidade de confirmar que seu trabalho é assalariado quando diz: “Tu responde que eu trabalho no lixo, mas que eu posso comprar uma bicicleta pra ti”.

Ela trabalha no lixo e este lhe dá recursos: “Era ele aparecer com uma coisinha nova, eles achavam que eu tinha trazido do lixo”. Ângela diz que sente que as pessoas ficam cuidando o seu carrinho no mercado para ver se ela vai pagar. Muitas vezes, antes de chegar em casa, passa em algum mercado para comprar uma erva ou carne, e percebe que as pessoas olham pra ela com olhar estranho. E Ângela continua: “Então, tu sentes. Mesmo tu tendo

dinheiro. Mas tu sentes que eles ficam te cuidando se tu enches o carrinho demais pra ver se tu vai ter como pagar. Se tu compraste aquele tanto, tu sabes o que tu tens pra pagar”.

A catadora conta que a categoria passou por muita humilhação há alguns anos, quando ainda trabalhava na Associação e não tinha o apoio do FACS. Os catadores sentiam-se intimidados porque eram vistos como baderneiros. Hoje, porém, já se pode perceber uma sociedade em transformação. O catador não está totalmente excluído da sociedade. Ele tem acesso se tem como pagar, mas também não está totalmente incluído na mesma sociedade que o exclui(u). Ele não está totalmente fora e nem totalmente dentro. A catadora Ângela observa que, no dia da entrega dos caminhões, em outubro de 2012,

quando houve uma passeata, os policiais abriram caminho. Só de tu veres, os policiais parando a rua pra abrir caminho, ali tu vêes que a sociedade tá mudada. Nas outras vezes, o que acontecia, eles (os policiais) vinham praticamente querendo linchar a gente. E dessa vez não, tu vias eles abrindo caminho pra nós passar com os caminhões. E aí que tu vêes que a sociedade, com essa reunião do FACS, tá mudando bastante, entende? A visão da sociedade com os catadores está ficando bem melhor agora. Só que não tudo. Isso agora com a Coleta Seletiva, esse trabalho que está sendo, acho que o resto vai entrar totalmente do lado dos catadores. E, aí, tu vais poder sair de cabeça erguida.

A catadora Ângela refere que a atitude da Brigada Militar no dia da mudança se deve ao apoio que os catadores estavam recebendo do FACS. Houve mudanças, mas muito ainda precisa ser feito:

Se não tivesse um acompanhante da Prefeitura pra bater na porta, pra ensinar a Coleta Seletiva, tu achas que eles iam abrir o portão pros catadores? Claro que não. Iam achar que é um assaltante. Porque a primeira visão que eles têm quando veem um catador, ou é um bandido ou é um ladrão, nem eles perguntam se a pessoa quer um trabalho ou o que a pessoa quer. É a visão deles.

4.5 Esteira: um lugar só para mulheres?

Na atividade de reciclagem de resíduos percebe-se a participação de um número maior de mulheres. Além do desempenho de suas atividades na reciclagem, observa-se ainda a sua participação em cargos de liderança. Ao adentrar o galpão onde trabalham as mulheres, percebe-se logo, pelo número de mulheres que trabalham na esteira, que existe uma divisão sexual do trabalho, aspectos que remetem a questões de gênero. Na convivência com os catadores, observam-se detalhes de organização do espaço de trabalho e de suas relações no local. Reconhecendo que temos mais mulheres em relação ao número de homens trabalhando na reciclagem, poderia definir-se o trabalho na esteira como sendo uma atividade exclusiva do universo feminino? Segundo Martins (2003), por gênero entende-se:

A atribuição de papéis sociais diferenciados a homens e mulheres nas sociedades dominadas política, econômica e culturalmente por membros do sexo masculino; a construção social de gênero enquanto categoria corresponderia ao acúmulo de pesquisas que vêm tentando desvelar as formas hierárquicas de poder e subordinação determinadas pela diferenças sexuais nas sociedades humanas. (MARTINS, 2003, p. 60).

Desde que nasce, o ser humano é identificado com um determinado sexo a partir de diferenças eminentemente anatômicas presentes e visíveis na corporalidade. A condição identificada como masculino ou feminino perpassara toda a sua vida. Enquanto ser humano, passamos a ser homens ou mulheres e as construções culturais da sociedade que procedem dessa diferença vão revelar inúmeras desigualdades e hierarquias ao longo da história da humanidade, produzindo significados e corroborando para práticas com características singulares. Para Capra

o poder, no sentido de dominação sobre outros, é autoafirmação excessiva. A estrutura social na qual é exercida de maneira mais efetiva é a hierarquia. De fato, nossas estruturas políticas, militares e corporativas são hierarquicamente ordenadas, com os homens geralmente ocupando os níveis superiores, e as mulheres, os níveis inferiores. A maioria desses homens e algumas mulheres chegaram a considerar sua posição na hierarquia como parte de sua identidade, e, desse modo, a mudança para um diferente sistema de valores gera neles medo existencial. (CAPRA, 1996, p. 27).

Bourdieu (2000) discorre sobre a lógica da dominação masculina. Ele parte do pressuposto que a ordem do cosmos é masculina e está inscrita nos corpos de ambos os sexos, não havendo possibilidade de escapar disso, porque o poder se evidencia na natureza biológica mostrando-se como natural, quando na realidade é também um construto social naturalizado. O poder se inscreve em corpos e se torna visível e/ou não nas relações. Para Bourdieu (2000, p. 50), a dominação “é uma forma de poder que se exerce sobre os corpos, diretamente, e como que por magia, sem qualquer coação física” e o “poder simbólico não pode se exercer sem a colaboração dos que lhe são subordinados e que só se subordinam a ele porque o *constroem* como poder.

Na usina de materiais recicláveis, desde a minha inserção nesse local como campo de pesquisa, tenho constatado a divisão sexual do trabalho. Somente mulheres trabalham na esteira fazendo a separação dos materiais. Esta atividade exige muito do físico das mulheres porque permanecem em pé o dia todo, tendo apenas quinze minutos para os intervalos no período da manhã e tarde e, ao meio dia, o tempo de uma hora para o almoço. Elas mantêm-se paradas, praticamente imóveis, mas com seus braços em constante movimento. Dos membros superiores lhes é exigido grande força física, agilidade e habilidade para a seleção dos materiais que passam na esteira em movimento.

Por vezes, a esteira é regulada, acelerando ainda mais os movimentos, o que contribui para o aumento do cansaço das mulheres e elevação da ansiedade por não conseguirem recolher materiais importantes para o aumento da renda dos catadores. Os homens trabalham na operação de máquinas como prensas, carregadeira, trator, caminhões e no conserto destas quando apresentam algum problema mecânico, serviços que exigem uma força física bem maior, como empurrar manualmente com um bastão montões de lixo sobre a esteira, que são previamente depositados ali por uma máquina. Um dos catadores que exerce serviço manual e que exige muita força física é o taquareiro.

Vejam a expressão de uma trabalhadora ao nos dirigirmos para a esteira no meu primeiro dia de trabalho na usina: “trabalhar na esteira é terrível!” O fato de permanecer longas horas em pé e somado a outros fatores como idade, hereditariedade, sexo (devido a fatores hormonais), alimentação, etc., contribui para o surgimento de varizes e o seu agravamento quando não tratadas. Não conseguia compreender a dimensão dessas palavras até ter a minha própria experiência(s) e/ou vivência(s) ao lado delas. Permanecer em pé junto à esteira, trabalhando, uma manhã toda, das 7h30min às 12h, com apenas 15 minutos de intervalo, levou-me a sentir um peso enorme nas pernas pela falta de movimento, tomando todo o cuidado para não me machucar com algum material cortante, somado a outros fatores, é possível imaginar e compreender o que a catadora tentava me dizer naquele momento.

O trabalho de triagem junto à esteira é um trabalho pesado e cansativo. Além do trabalho diário com a triagem, as catadoras carregam pesados *bags*, transportam fardos para pesagem e armazenamento, carregam os caminhões nos dias de venda dos materiais para as indústrias compradoras, trabalham na limpeza e organização do espaço de trabalho. Em relação às diferenças mais observadas nas atividades de trabalho cotidianas na usina saliento a naturalização da triagem como atividade para mulheres. Na usina, esta realidade está inserida dentro do contexto histórico e social da sociedade. As catadoras dizem que conseguem fazer a seleção do material com mais agilidade do que os homens, que prestam mais atenção aos detalhes. Seguindo esse raciocínio, a identidade se forma a partir de um processo de construção que se dá na interação com o outro, considerando as vivências, experiências, tornando-se assim passível de transformações ao longo de nossas trajetórias. Nessa compreensão, Melucci (2004, p. 46) afirma que “a aprendizagem não termina com o fim da idade evolutiva e nas diversas passagens da vida colocamos em questionamento e reformulamos a nossa identidade”.

Na usina, durante o tempo de pesquisa de campo, havia uma média de dez mulheres trabalhando na esteira para a seleção do material. Essas mulheres relatam que precisam trabalhar para o sustento de suas famílias, sendo esta sua a única fonte de renda daquelas que não convivem com um companheiro. A realidade de trabalho das catadoras se torna ainda mais complexa pela dupla e/ou tripla jornada que passam a ocupar: além de cumprirem suas tarefas na usina, cuidam dos afazeres domésticos e dos filhos, acarretando numa sobrecarga de atividades. Dizem que gostam de trabalhar na usina porque ali elas se sentem bem, têm amizade com as colegas. Diz Liane: “Eu gosto, mais de trabalhar na usina do que em casa. No final de semana, já penso em voltar para o trabalho”. Enquanto trabalham, os filhos menores, quando não estão sob os cuidados de parentes, são deixados em instituições públicas onde se desenvolvem projetos que visam principalmente acolher essas crianças. Dessa forma, as mulheres podem conciliar melhor os papéis de mãe e de trabalhadora.

Mormente constituída por mulheres, a COOMCAT surge como um espaço atrativo para a participação das trabalhadoras da usina, propiciando espaços de discussão sobre assuntos relacionados ao trabalho, participação em processos decisórios tendo, inclusive, mulheres como membros coordenadores da Cooperativa, como no caso de algumas que integram a diretoria. Algumas catadoras, de forma voluntária, candidatam-se todos os anos para participação em eventos do MNCR que acontecem em outros estados do país contribuindo para a politização destas trabalhadoras. Ondina é uma das catadoras que viajou para São Paulo em dezembro de 2012. Destaca a entrevistada: “Eu aprendi muito. Hoje todos os materiais, eu conheço. Eu já fui pro Paraná, aprendi com os outros lá fora. Fui pra São Paulo em dezembro como catadora. Muito bom é o que tu aprende!” Nestes eventos, as catadoras interagem, trocam experiências, assistem às palestras, exposições, trazendo consigo novos conhecimentos e vivências. Estas viagens se constituem em espaços de aprendizagens sem as quatro paredes da educação tradicional.

A sua participação em diferentes espaços permitindo experiências e troca de saberes, contribui para a evolução política das catadoras. A tomada de consciência no que tange ao cooperativismo e no que implica ser um cooperativado, saber que seus direitos e responsabilidades são iguais sobre os bens produzidos e sobre perdas, ter consciência sobre a sua inserção na sociedade e da importância de seu papel como cooperativada quanto à solução de problemas sociais através de comunidades de cooperação, caracterizam-se como aprendizagens. Há entre as catadoras aquelas que se destacam pela sua liderança. Ângela vem representando as catadoras na região, no estado e em eventos nacionais. Tem sido

reconhecida, por integrantes do FACS, pela sua evolução política nesses anos que trabalha como catadora e atua em reuniões e eventos. Refere Nogueira (2001, p. 98), “os discursos oferecem uma possibilidade dos indivíduos compreenderem as suas experiências e os seus comportamentos (assim como os dos outros)”. A colega Ondina, quando perguntada sobre o que aprendeu com as suas participações nesses encontros e viagens, responde:

Eu acredito que algum dia eu ainda vou ser uma líder. Eu vou estar em alguma coisa lá dentro. Pra isso eu tenho que prestar mais atenção desde agora no que está acontecendo. Nos lucros que estão saindo lá de dentro da Cooperativa, em tudo aquilo que a gente tira pra pagar as contas. Pra ver se está tudo certo. Se tem coisa errada.

As catadoras aprendem a ser coordenadoras, o que remete à perspectiva da construção social, destacando que as relações de gênero não são naturais, mas uma criação da sociedade. O conceito de gênero identifica as relações existentes como resultado de construções culturais, estabelecendo papéis para homens e para mulheres, conforme Scott (1995). De acordo com Martins (2003):

Na atividade relativamente recente de trabalho organizado em galpões de reciclagem, observa-se que as mulheres se destacam em termos numéricos na composição de uma parte substancial dos grupos, chegando a ter visível participação em cargos de liderança. Contudo, a permanência de diferenças nos rendimentos, a favor dos homens, em alguns galpões, coloca claramente uma questão de gênero e divisão sexual do trabalho. (MARTINS, 2003, p. 60).

No mundo do trabalho, a relação entre mulher e esfera doméstica tem sido marcada por uma enorme dificuldade de desenvolvimento do trabalho feminino fora do espaço doméstico, forçando-as a desenvolverem atividades que, ainda que sejam produtivas, não são reconhecidas como tal, o que contribui para a invisibilidade e ocultamento da mulher como sujeito produtivo. Como resultado, assiste-se a uma brutal desvalorização do trabalho das mulheres, obrigadas a assumirem ocupações nos setores e atividades mais desvalorizadas na divisão social do trabalho. As catadoras dizem que não tem estudo e que é difícil para elas conseguir um trabalho em outro lugar devido a sua baixa escolaridade. A relação da mulher com a esfera doméstica é um dos aspectos que contribuiu para a desvalorização feminina no mercado de trabalho. Isso porque o trabalho doméstico, realizado no âmbito da família, é um trabalho não remunerado por não ter a valorização devida na nossa sociedade. As próprias mulheres, quando não atuantes fora do âmbito familiar, respondem que não trabalham ao serem perguntadas sobre a sua ocupação profissional, o que mostra que elas ainda não têm consciência da importância do seu papel. Assim, não reconhecem todo o suporte necessário e fundamental que dão aos demais integrantes da família, atuantes no mercado de trabalho.

Infelizmente a grande maioria das mulheres ainda assume ocupações e atividades de trabalho mais desvalorizadas na divisão social do trabalho. Muitas vezes, pela baixa escolarização e pela dificuldade de separar a vida familiar da vida laboral, quando ela atua em espaços fora do âmbito doméstico. A mulher, assumindo o papel de dona de casa e de cuidadora dos filhos, muitas vezes, fica impedida de buscar algum trabalho remunerado longe de sua casa, sujeitando-se às remunerações comparativamente mais baixas do que de mulheres com escolaridade maior. As diferenças biológicas que trazemos em nosso corpo e que vêm acompanhadas das marcas culturais têm demarcado as mais variadas distinções entre homens e mulheres. Em nossa sociedade, o homem ou o corpo masculino tem sido tomado como a norma, como sinônimo de humanidade e o corpo feminino é tomado como uma versão menos desenvolvida do masculino como “padrão”, conforme Sayão (2003).

A mulher catadora, em seu trabalho, não está desconectada de construções culturais como o cuidado com o corpo, a beleza, a maternidade, a importância da autoestima e outros aspectos. Ter um corpo é ter uma identidade. O corpo é uma entidade comunicativa. Este corpo que trabalha, dentro ou fora, ele transmite mensagens que podem ser notadas ou não para quem pesquisa. Em situações de tensão, de algum sofrimento pessoal, esse corpo pode se retrair, se isolar, se retirar, silenciar ou não, o que vai depender da singularidade de cada catadora. Em situações mais difíceis, quando tudo indica em seu interior que não há saídas e não encontra instrumentos necessários para dar conta da situação, o corpo é capaz de somatizar.

Na usina, enquanto estive com elas, foi bastante comum observar expressões silenciosas de dor, gemidos, sintomas que são manifestos oralmente e até ausências por se encontrarem impossibilitadas para o desempenho de suas atividades. Ao perceber a realidade que pesquiso, pensando-a, me interrogando constantemente e fazendo questionamentos, inquietando-me e sendo inquietada, percebo que a vida que acontece nesse contexto está de alguma forma implicada com a vida que acontece *fora* dela, ou seja, com a realidade de vida daqueles que se consideram mais favorecidos econômica e socialmente. Capra (1996, p. 15) nos instiga a pensar ao escrever “como descobrir o sentido de nossas vidas sem compreender como a própria vida funciona?” e também refere:

Minha própria experiência é que quanto mais entendemos a grande realidade na qual vivemos, mais humildes nos tornamos. Adquirimos um respeito excepcional por todos os seres vivos - sem qualquer exclusão. Passamos a ter um relacionamento melhor com todos. Desenvolvemos uma nova ética, não nos deixando levar por falsos valores. Conseguimos viver sem ansiedades, com mais flexibilidade e tolerância. Quanto melhor entendemos essa realidade, mais claramente enxergamos

as formas de dar significado as nossas vidas, principalmente através do nosso dia-a-dia. Cada ato nosso, por mais simples que seja, passa a ser vivenciado com uma forte consciência de que ele está afetando a existência do todo em seus planos mais sutis. (CAPRA, 1996, p. 15).

O corpo de um ser humano não encerra somente a dimensão orgânica. É também evento que surpreende, é vivência social, cultural, espiritual e psicológica. É corpo que vivencia como forma de comunicação para si mesmo e para o outro, é inteligente, tece ideias e tem emoções, numa integração entre o sensorio motor dos sentidos à ação. O universo subjetivo, de alguma forma, pode ser lido pelos sinais emitidos pelo corpo (de quem vivencia e, algumas vezes, por quem observa) através dos órgãos dos sentidos. Na usina, pode-se constatar uma riqueza desses sinais a todo momento. Há momentos em que se ouvem catadoras cantando, emitindo sons e palavras de incentivo entre elas, como forma de quebrar o silêncio e monotonia das atividades.

A vida se tece com a presença da identidade, do humano enquanto trabalha. Há gestos que falam de uma sensibilidade difícil de compreender para quem não vivencia o universo da catadora mulher. Com a minha participação observante sou surpreendida, algumas vezes por alguns gestos das catadoras que me fazem percorrer um gelo em minhas vísceras até que eu assimile o que me acontece. Odete trabalha à minha frente e, de repente, encontra um par de sandálias que avalia em boas condições de uso e bonitas, separa-as e as alcança generosamente para mim, oferecendo-as de bom coração. Vejo que há sinceridade em seu olhar e em suas palavras. Esse gesto me emociona. Ela, privada de recursos materiais, pode encontrar algo de valor no lixo e me presentear como forma de gratidão. Esse gesto me faz pensar sobre o significado do lixo para essas catadoras? O que representa? Qual a relação delas com o lixo? Ele é visto e significado da mesma forma pelas pessoas?

Ainda em relação ao corpo, as construções simbólicas que tiveram sua origem nessas concepções sinalizam para uma suposta inferioridade feminina, sendo a mulher vista como possuidora de um corpo mais frágil e com a vocação de ser mãe. Essa concepção contribui para que se reconheça a mulher como ligada ao universo da casa e ao cuidado dos filhos. O corpo está relacionado à reprodução da espécie humana delimitando o espaço da mulher. É vista como cuidadora dos filhos e o homem como o provedor, aquele que é ativo, dotado de força e de conhecimento. Segundo Sayão (2003, p. 123), poderíamos dizer que “os homens estariam na esfera da vida produtiva, enquanto as mulheres na esfera da vida reprodutiva”. Strey nos lembra ainda que:

O cuidado demanda tanto amor como trabalho, tanto sentimento como atividade. Por um lado, contribui para a definição da pessoa e das relações sociais que a integram (produção de identidades). Por outro lado, são partes integrais do processo pelo qual a sociedade reproduz a si mesma e mantém a saúde mental e física de seus componentes (reprodução social). No marco da divisão do trabalho, o cuidado tem consequências particulares para a identidade e atividade das mulheres. Além disso, é um elemento importante para entender a construção social do gênero, já que homens e mulheres se encontram implicados de forma distinta no que culturalmente se define como trabalho e como cuidado. (STREY, 1997, p. 75).

Devido a essa concepção, as mulheres acabavam exercendo atividades pouco valorizadas e mal remuneradas junto as suas casas. No entanto, em nossos dias, com uma maior participação da mulher no mercado de trabalho, essa realidade vem, aos poucos, sofrendo transformações. Nos últimos anos a mulher está mais presente no mercado de trabalho. É um fenômeno mundial e tem ocorrido tanto em países desenvolvidos como nos em desenvolvimento. As narrativas das catadoras trazem uma infinidade de elementos a serem pensados. Há uma riqueza de “matéria-prima”, de informações, que necessitam ser analisadas, pensadas e integradas pelo conhecimento. Este não é um ‘*bag*’ que se avoluma e transfere para um depósito, mas é constantemente revisitado, revisado e reorganizado pelo pensamento humano: um riquíssimo capital à disposição da sociedade para a transformação da mesma.

A usina é mais do que uma usina. Estar com elas é sentir-se em sala de aula. Ao estar com elas, o silêncio, por vezes, é a melhor escolha. Em todos os espaços, na usina, no galpão, trabalhando, andando, sentadas debaixo de árvores ou à mesa no refeitório, em suas casas e tantos outros momentos, sem nenhum modelo de ensino formal e centralizado, houve aprendizagens com o saber das catadoras. Infelizmente muito poucas escolas visitam a usina. Estarmos vivos e aqui, neste mundo, para interagir com outras pessoas é algo fantástico. Trabalhar mais sobre a vida, sobre o valor das pessoas e o sentido de sua presença no mundo e com o mundo as tornaria, certamente, mais humanas e menos egoístas. Talvez tenhamos que aprender mais poesia para desenvolver a sensibilidade. Conforme o pensamento de Morin:

A poesia, que faz parte da literatura e, ao mesmo tempo, é mais que a literatura, leva-nos à dimensão poética da existência humana. Revela que habitamos a Terra, não só prosaicamente – sujeitos à utilidade e à funcionalidade -, mas também poeticamente, destinados ao deslumbramento, ao amor, ao êxtase. Pelo poder da linguagem, a poesia nos põe em comunicação com o mistério, que está além do dizível. (MORIN, 2003, p.45).

O ser humano, ao compreender que se situa em apenas um ponto do Universo e que neste ponto ele não está sozinho, que é apenas uma ‘coisinha’ na imensidão do Planeta, mas cercado de bilhões de pessoas, poderá trazer uma nova consciência sobre o seu valor e o que é a vida no Universo:

Propomos uma educação que se abra a todos, a começar pela inclusão dos até então sistematicamente deixados ao longo de suas margens, e que ela seja pensada, proposta e praticada a partir da condição das classes subalternas e de uma visão de mundo das classes populares. Além disso, é preciso ressaltar que antes de ser uma “fala a” ela seja uma “escuta de”, aberta e atenta a ouvir as culturas às quais se dirige. Dessa forma, pode aprender com elas, tomar os seus símbolos e os sentidos originais como uma fonte prioritária dos conteúdos dos diálogos pedagógicos. (BRANDÃO, 2008, p. 30).

Mesmo que identificados e reconhecidos como aqueles que estão à margem da sociedade e que são destituídos de capital intelectual, necessitamos nos reeducar para ler e apreender pela sensibilidade aspectos de uma visão de mundo e vida que trazem consigo riqueza de conteúdos. Erilda, ao se referir sobre o seu trabalho, fala que o cuidado com o lixo, com o destino que é dado para ele, não é só uma responsabilidade dos catadores, mas de toda a sociedade:

A responsabilidade de cuidar do Meio Ambiente é de todos. Que todas as pessoas aprendam a experiência de cuidar como eu tive. Quanto mais catadores tivermos sobre a Terra melhor. A Natureza agradece porque Nós, catadores, somos a natureza. O que vamos deixar para nossos filhos e nossos netos? Nós somos responsáveis”. (Erilda, catadora e coordenadora da Coleta Seletiva Solidária).

5 PARCEIROS DOS CATADORES COMPARTILHANDO VIDA E CONHECIMENTO

Com a experiência em campo tive a oportunidade de estabelecer contato com membros integrantes do FACS e percebi, em seus relatos, ricas experiências que considero pertinente descrever neste trabalho. Ao longo da pesquisa, buscando compreender a realidade de vida desta categoria de trabalhadores, observei a importância destes representantes de organizações, instituições e da sociedade civil que integram o Fórum (FACS), para a Cooperativa e vida dos(as) catadores(as). Assim, penso ser relevante trazer alguns aspectos relatados e observados ao longo de minha permanência em campo.

5.1 Ações coletivas propiciando aprendizagens

“Não terei medo de ninguém sobre a terra.
 Temerei apenas a Deus.
 Não terei má vontade para com ninguém.
 Não aceitarei injustiças de ninguém.
 Vencerei a mentira pela verdade,
 e na minha resistência à mentira
 aceitarei qualquer tipo de sofrimento”
 (GANDHI)

Existe cada vez mais a necessidade de um olhar atento para o humano. Perceber o humano é perceber a vida. É sentir-se parte e tomar parte. É perguntar-se sobre que mundo está-se criando quando existe um espírito de competitividade, de individualismo, de ganância, de cada um pensar apenas em seu sucesso e em seu crescimento individual, ignorando o outro e sem ter a compreensão do uno ligado ao todo. Desde cedo, o ser humano já apresenta como necessidade básica para a sua sobrevivência fortes laços de solidariedade e relações de cooperação. Onde tem pouco se aprende a dividir. Nos gestos de solidariedade se percebe atos de cooperação, de doação de si para o outro. Diferente da competição, vemos no cooperativismo pessoas trabalhando juntas, objetivando atingir um objetivo comum. Quanto mais prejudicados esses aspectos, mais fora do mundo se é colocado. Cada vez mais pessoas ficam à margem da sociedade, empurradas por relações de poder. Refere Brandão²:

² Palestra proferida pelo Dr. Carlos Rodrigues Brandão em 25 de abril de 2013 na Aula Inaugural do Mestrado em Educação. Tema: “Redes e Possibilidades de Vínculos entre o Ensino, Pesquisa e Extensão na Educação Comunitária”.

Eu fico me perguntando que mundo nós vamos criar se nós começarmos a incutir em nossas crianças desde cedo esse espírito de competitividade, de individualismo, de pensar no meu sucesso, na minha progressão e não olhar a minha volta e não me sentir parte de um todo, crescendo com esse todo.

Tem-se intensificado o individualismo neste século com avanços tecnológicos e com mudanças socioeconômicas. O desvincular-se da solidariedade com o grupo onde o sujeito está inserido, preocupando-se apenas com os seus interesses, impossibilita ver necessidades alheias. Mais pessoas ficam à margem, sujeitando-se ao trabalho precário, buscando a sobrevivência sem ter direitos sociais básicos atendidos. É somente na aproximação, no encontro com a realidade e no diálogo com a população menos favorecida economicamente, conhecendo de perto as formas precárias e desumanas de sobrevivência, que a Educação, em todos os níveis, pode repensar seus currículos, conteúdos e metodologias. Arroyo nos convida a refletir ao dizer que

todo processo educativo, formal ou informal, tanto pode ignorar como incorporar as formas concretas de socialização, de aprendizado, de formação e de formação a que estão submetidos os educandos. Ignorar essa realidade e fechar-nos em “nossas” questões, curriculares e didáticas, terminará por isolar os processos didáticos escolares dos determinantes processos socializadores em que os setores populares se reproduzem desde a infância. (ARROYO, 2013, p. 33).

Faz-se necessário, de um lado, refletir sobre as formas como o capitalismo se impõe tornando precária a vida de muitas pessoas, tornando-as sujeitas a não usufruir dos direitos básicos para a sua sobrevivência. Nas periferias de muitas cidades, bem como nos campos, temos retratos dessa realidade que nos mostram os processos de desumanização. Vemos famílias inteiras vivendo em situações precárias, afastadas por uma distância desejável para um desconhecimento mútuo. De outro lado, percebem-se movimentos sociais, manifestações de luta pelos direitos humanos para superação das dificuldades em que se encontram os mais fragilizados. Uma perspectiva educativa, uma consciência maior e um sentimento de indignação têm movido pessoas a unirem-se para o enfrentamento, superação e transformação da realidade dos catadores em Santa Cruz do Sul. Salienta o técnico Iuri Azeredo que

antes da Cooperativa, antes do Fórum, nós aqui da Universidade já tínhamos um envolvimento. Os catadores organizaram-se em Associação Cooperativa e a sociedade viu que poderia estar ajudando, dando seu apoio.

É preciso um descolamento de nossa realidade, de nosso mundo, para percebermos e compreendermos o diferente. A educação não se dá somente no espaço da sala de aula. Ela existe em todos os espaços, mas é necessário sensibilidade para perceber aspectos não conhecidos e que necessitam ser identificados. Para Freire (1986, p.11), “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”. Conhecer é ler e ler é conhecer. Para a compreensão do contexto

os sujeitos necessitam primeiro fazer as relações entre a realidade e o que se dá a ler. Assim como a leitura pode precisar de ensaios até chegar a um estágio de plena compreensão do que se lê, a leitura da realidade também requer uma sensibilidade na sua percepção para assimilação. Mesmo entre uma categoria de trabalhadores inserida em um mesmo local ou em localidades diferentes, bem como entre trabalhadores de categorias diferentes, sempre há o que aprender. Os conhecimentos divergem, e uns aprendem com outros. Nas palavras do Professor José Schmitz:

O pessoal da Cooperativa daqui já tinha contato com outras Cooperativas do estado e se propôs a trazer alguns representantes para nos contarem um pouco dessas experiências porque aqui eles já vinham com uma proposta de construir uma Coleta Seletiva Solidária em Santa Cruz do Sul, sendo que acreditavam que seria a melhor alternativa.

5.1.1 Fórum de Ação pela Coleta Seletiva Solidária

O Professor José Schmitz comenta que a PROEXT (Pró-Reitoria de Extensão e Relações Comunitárias) liderou, juntamente com a UERGS e os catadores, a ideia de criação do FACS. Desde então, representantes de diversas entidades se encontram e dialogam com catadores e a Prefeitura Municipal, através de representantes da Secretaria do Meio Ambiente, sobre a criação da CSS na cidade:

Na época, já existia aquele movimento da Associação que tinha uma organização e tal, mas o pessoal tinha um enfrentamento muito agressivo e pouco relevante. A gente via que eles não criavam formas de serem ouvidos dentro da Prefeitura. Mas com início dessa discussão, dentro da Universidade e com diversas representações de pessoas físicas e jurídicas ali envolvidas, a Prefeitura começou a ver que tinha que tomar alguma atitude.

O Professor José Schmitz conta que inicialmente foi discutido nas reuniões o tipo de coleta seletiva que gostariam que fosse implantado em Santa Cruz do Sul. Os catadores do município convidaram representantes de outras localidades do estado, como o município de Gravataí, que já tinha experiência na Coleta Seletiva Solidária, para compartilharem conhecimento. Conforme o entrevistado houve momentos de conflitos, de embates e discussões por vezes bastante contundentes nas reuniões logo no início da criação do Fórum.

Observa-se que há uma troca de saberes entre os catadores locais e os de outros municípios, bem como entre estes e todos os demais integrantes do FACS e pessoas da comunidade local. Todos têm algo a aprender e a ensinar. Integrantes de todas as categorias sentam à mesma mesa para um diálogo. Para Brandão, a educação

[...] ajuda a pensar tipos de homens. Mais do que isso, ela ajuda a criá-los, através de passar de uns para os outros o saber que os constitui e legitima. Mais ainda, a educação participa do processo de produção de crenças e ideias, de qualificações, especialidades que envolvem as trocas de símbolos, bens e poderes que, em conjunto, constroem tipos de sociedades. E esta é a sua força. (BRANDÃO, 2007, p. 11).

Esses momentos de diálogo entre os participantes constituem espaços fecundos para aprendizagens. Essa reflexão leva a pensar quanto ainda ficamos limitados no processo da educação pelo fato de a aprendizagem, em nossos dias, ficar muito restrita aos espaços das quatro paredes. As inquietações, dúvidas, curiosidades, oportunidade de ler com o corpo e não somente com os olhos, contato com realidades e troca de ideias com pessoas diferentes, a convivência, etc., são oportunidades e outras formas possíveis para aprendizagens. É ter vontade de aprender. É sentir-se curioso diante da aprendizagem e compreender o seu papel enquanto integrante. É outra relação com o processo ensino/aprendizagem. Vejamos as palavras do técnico Iuri Azeredo:

Particularmente, como profissional e, enquanto técnico da Universidade, pra mim também é algo excelente poder fazer esses diálogos dentro do Fórum, porque a gente lida desde o ativista catador do movimento nacional dos catadores, que tem posições políticas de defesa dos trabalhadores, até o empresário, que tem outra visão sobre a economia, sobre a sociedade e que não tem um posicionamento político mais explicitado. Os catadores não. Eles dizem: “Nós temos estas bandeiras aqui e vamos pra rua e, se precisar, vamos bater panela, vamos bater panela lá na frente da Prefeitura”. E tem as empresas que fazem outro tipo de negociação e estão todos na mesa também com a Prefeitura. Então, nós temos várias posições, perspectivas e modos de ações, sentados juntos, dialogando, trabalhando, para se chegar a uma proposta que contemple vários interesses, mas focados na ideia de Coleta Seletiva Solidaria onde os catadores são os protagonistas. Então, é fantástico poder estar junto numa história que já é uma história mesmo e já virou toda uma trajetória que já fechou 5 anos.

Paulo Freire é uma referência na Educação. Suas obras nos deixaram lições de vida, sendo que muitos dos seus ensinamentos vêm dos movimentos sociais. Somos seres inacabados. Quando nos sabemos como seres inacabados e em processo, percebemos que seria uma imensa contradição se não nos inseríssemos em um movimento permanente de busca, de procura, de conhecer. A sociedade constituída de pessoas em um processo de busca também fez seus descaminhos. Na história do homem podemos chamar isso de desumanização, o que é e pode ser muito trágico para a história das pessoas e da humanidade. Nessa busca do ser mais, do querer mais, muitos foram deixados à margem. Existe uma tendência do ser humano a responsabilizar e acreditar que os que vivem em condições desumanas assim o quiseram e assim vivem porque fizeram as suas escolhas. Sabemos, no entanto, que foram submetidos ao controle das forças perversas do mercado. Paulo Freire tinha uma atenção e uma sensibilidade para compreender os oprimidos e reconhecia e

defendia os movimentos sociais porque via neles o potencial para transformação de suas realidades:

Somente quando os oprimidos descobrem, nitidamente, o opressor, e se engajam na luta organizada por sua libertação, começam a crer em si mesmos, superando, assim, sua “convivência” com o regime opressor. Se esta descoberta não pode ser feita em nível puramente intelectual, mas da ação, o que nos parece fundamental é que esta não se cinja a mero ativismo, mas esteja associada a sério empenho de reflexão, para que seja práxis. (FREIRE, 2003, p. 52).

Os catadores, destituídos de poder financeiro e com acesso limitado à escolaridade, foram deixados à margem pela forma como o capitalismo se impõe. Na época de sua criação, a Associação de Catadores em Santa Cruz do Sul surgiu como forma de organização de trabalho, de participação solidária e renda para os mais fragilizados economicamente. Na participação solidária, o trabalho realizado proporciona bem-estar individual e coletivo. Existe outra forma de perceber a vida: o ser humano como ser de relações, com o outro e com a própria Natureza. A empresa MERCUR S/A, em Santa Cruz do Sul, até chegar ao FACS passou por algumas etapas. No ano de 2009, conforme Airton Miguel Heck, com a função de coordenador na empresa e integrante do FACS em 2012, cerca de 100 pessoas dessa empresa participaram de um curso sobre Alfabetização Ecológica, dando origem a algumas frentes de estudo. Em 2010, um grupo de voluntários da MERCUR iniciou um estudo sobre Consumo Consciente, desenvolvendo oficinas internas e buscando a promoção da conscientização dos demais colaboradores da empresa no sentido de demonstrar os impactos negativos causados pelo excesso de consumo. As oficinas tinham como objetivo ampliar a consciência e aumentar a sensibilização através da troca de experiências, intensificando o conhecimento e facilitando a compreensão sobre o consumo consciente. Sentindo a necessidade de interagir com outros saberes, a empresa buscou, junto aos catadores da COOMCAT, informações para a oficina de reciclagem. Refere o coordenador Airton Heck:

Em 2012 desenvolvemos a oficina de Orçamento Familiar na empresa com três temas: água, energia e reciclagem. Fizemos uma visita à Cooperativa e convidamos inicialmente o Fagner para nos ajudar neste processo, dando informações para esta oficina de reciclagem. Ele participou de algumas oficinas, mostrando o Ciclo da Cadeia da Reciclagem, para melhor entendimento. O Fagner e a Vera vieram aqui na MERCUR mostrar como estava a situação da Cooperativa e da experiência do FACS. Participei de uma assembleia geral do FACS e depois começamos a participar das reuniões deste Fórum.

O conhecimento do trabalho realizado pelos catadores motivou a empresa a fazer parceria com a Cooperativa. Ainda no ano de 2012, a MERCUR S/A começou a destinar (doar) os materiais recicláveis para a Cooperativa, materiais que antes recebiam outro destino.

O Coordenador da MERCUR S/A, Airton Heck, conta que, desde que passou a ter contato com os catadores, começou a ter outra postura:

Passei a valorizar o catador. Não tinha consciência do papel deles na sociedade. São pessoas! Merecem nosso respeito. Tem um papel muito importante na sociedade. Trabalham para ganhar o seu sustento e dependem de sua produção. Alguns vêm de longe para trabalhar na Cooperativa. Gostam do seu trabalho. O papel do catador na cadeia de reciclagem é muito importante, contribuindo para a preservação dos recursos naturais (reduzem a quantidade de matérias-primas retiradas da natureza).

Fomos e somos afetados por uma visão de mundo que, na atualidade, está muito marcada por dicotomias que separam matéria e espírito, corpo e alma, natureza e humanidade, sagrado e profano, imanência e transcendência, etc. São exemplos de polaridades, mas muitas vezes encontram-se e quase como que se fundem. Existem as polaridades, mas há algo que as une, conforme observa Cavalcante:

O princípio biocêntrico coloca seu interesse em um universo compreendido como um sistema vivo. O reino da vida abrange muito mais que os vegetais, os animais e o homem. Tudo o que existe, dos neurônios ao quasar, da pedra ao pensamento mais sutil, faz parte deste sistema vivo prodigioso. Segundo o princípio biocêntrico, o universo existe porque existe a vida, e não o contrário. Isso significa que estamos saindo de uma visão mecânica, fragmentada, reducionista, linear, que separa o ser dos seus relacionamentos, para uma visão quântica em que os seres estão relacionados e interconectados, formando um complexo sistema vivo, uma teia em constante interação'. (CAVALCANTE, 2006, p. 108-109).

Na sociedade em que vivemos, fica muito difícil para os menos favorecidos economicamente avançarem com projetos quando não existem 'braços de apoio' de outros segmentos da sociedade. Para termos uma sociedade mais solidária e sensível às necessidades do humano e de sua sobrevivência, requer-se um olhar diferente sobre a vida e o mundo para onde este se encaminha, especialmente quando se trata de pessoas com vulnerabilidade social. Somos todos corresponsáveis pelo mundo que construímos. Essa união de forças deve abranger o máximo possível das áreas de conhecimento representadas pelos seus atores envolvidos. Nas palavras do gerente do Banco do Brasil de Santa Cruz do Sul, Alcindo Rossato:

O costume era jogar fora. O mundo não permite mais isso. Então, eu considero uma obrigação pessoal nos envolvermos com as comunidades e ajudar. O Banco, juntamente com seus funcionários, tem esse braço de apoio. Cidadãos são responsáveis. Vimos no jornal um artigo noticiando o envolvimento do FACS com os catadores do município e de sua preocupação com esta categoria de trabalhadores. Isso nos motivou a procurá-los e nos unirmos para somar forças no desenvolvimento do projeto. Nesse meio tempo, percebemos que a Fundação do Banco do Brasil tinha lançado um edital de apoio às Cooperativas de Catadores com a liberação de verbas para projetos sociais. Aí, nos inserimos e nos unimos com o FACS e os catadores do município, tomando conhecimento do projeto e adequando-o às diretrizes do edital para a viabilização do mesmo e liberação de recursos financeiros para a Cooperativa de Catadores.

Diferentes segmentos da sociedade, percebendo a existência de um movimento em favor de uma categoria menos favorecida e engajada em atividades voltadas para a proteção do Meio Ambiente, da Sustentabilidade e de preservação da própria vida da espécie humana, reconhecem nessas atividades a sua importância. A sensibilidade de olhar para a vida e para onde ela converge desloca o humano para novos movimentos, constituindo-se em grandes e novos desafios. Diz o gerente Alcindo Rossato: “Interagimos e o projeto foi contemplado com recursos para a aquisição de caminhões e realização de cursos de capacitação para os catadores por uma entidade integrante do FACS, cada um fazendo a sua parte, viabilizando a CSS”. Observa Cavalcante (2011) que “o ponto de partida para a mudança das relações culturais, estéticas, sensíveis e biográficas do ser são as interações, a sensibilidade como movimento em conexão com outras realidades”. O mundo que observamos e descrevemos é criado pelo homem. Recebemos o mundo em que vivemos e somos responsáveis também pelo mundo que deixamos para os nossos filhos. Podemos ter uma noção da vida como algo muito limitado e pequeno, ou então uma noção com a dimensão do todo, compreendendo toda a Humanidade e o Planeta. Para uma educação voltada para o humano, para a cooperação e valorização de outros saberes e espaços voltados à construção do conhecimento, Brandão propõe

destinar a educação, uma educação humanista e radicalmente integral, a formar sujeitos conscientes-cooperativos para a transformação humanizadora da sociedade, e não sujeitos competentes-competitivos para a reprodução da lógica e do poder do mercado do capital.

A Professora Rosi Cristina Espíndola da Silveira³, em sua fala, mostra que a criação do Fórum pela CSS foi possível no momento em que representantes de instituições e da sociedade civil, incluindo representantes dos catadores, se uniram periodicamente para dialogar, trocar ideias, juntar forças e identificar necessidades dos catadores no município, objetivando encontrar soluções:

Através da união de diferentes instituições, organizações da sociedade civil, começaram a se reunir e se fundou o Fórum de Ação pela Coleta Seletiva Solidária e de Reciclagem em Santa Cruz do Sul. A partir dali a gente fazia reuniões conjuntas com diferentes instituições e organizações da sociedade civil e aí entrou representações de peso da sociedade que deu mais visibilidade e mais força, pressão política também, como a própria UNISC, UERGS, MERCUR, Banco do Brasil, Escola Família Agrícola. As instituições começaram a dar apoio para a Associação.

³ Graduada em Engenharia Civil, Prof^a Dr^a em Engenharia Ambiental. Trabalha no Dept^o de Eng., Arquitetura e Ciências Agrárias na Universidade de Santa Cruz do Sul-UNISC. Prof^a nos cursos de Eng. Civil, Arquitetura, Eng. da Produção, Eng. Ambiental e Eng. Elétrica. Atua como Prof^a Colaboradora na Pós-Graduação em Tecnologia Ambiental e engenheira no Núcleo de Gestão Pública.

A Professora Rosi ressalta a importância da união de forças, da participação de representantes de diversos segmentos da sociedade que, juntos, conseguiram exercer a pressão política necessária para que a Prefeitura Municipal aprovasse o projeto da CSS e essa pudesse ser implantada. Nos encontros do Fórum, a partir dos diálogos, foram identificados e apontados os problemas existentes com a Coleta. Constatou-se que não acontecia a Coleta Seletiva pela empresa Conesul, que, na época, fazia a coleta com um caminhão bipartido. As pessoas que selecionavam o lixo em suas casas deixavam o material reciclado em um saco e o restante em outro. Na rua, esse material era recolhido pelo gari, que lançava esses sacos no caminhão compactador. Ali, tudo acabava misturado. O Coordenador da MERCUR comenta que, antes da CSS, “não separava o lixo domiciliar (misturava tudo), pois não considerava importante separar o lixo em casa. Achava que o caminhão misturava tudo na coleta”. No contato com os catadores, teve outra postura:

Quando fiz a visita à Cooperativa, fiquei sabendo que se separarmos os materiais, grande parte pode ser reciclada e voltar para o processo. Marcou muito o relato das catadoras ao comentar sobre o estado em que chega nosso lixo (tudo misturado). O que nós chamamos de ‘lixo’, os catadores consideram como ‘material’ (matéria-prima).

Os integrantes do Fórum observaram que em Santa Cruz do Sul não havia de fato a Coleta Seletiva como era divulgada, que existia mais para fins estatísticos. Nas reuniões do FACS, as experiências eram trazidas e compartilhadas pelos catadores que eram também membros integrantes da COOMCAT. Assim, toda uma riqueza de dados pôde ser pensada e interpretada por todos os integrantes do Fórum, visando encontrar soluções para os problemas enfrentados pelos catadores. O trabalho desenvolvido em parceria não traria somente benefícios para os catadores, mas para toda a comunidade, de forma direta e indireta. Diz a Professora Rosi:

Trabalhando com a ideia de Coleta Seletiva Solidária, além de você trabalhar na visão da gestão integrada dos resíduos sólidos de uma forma participativa, de uma forma com que as pessoas também comecem a interagir e comecem a mudar os hábitos dentro de casa, comecem a ter uma visão ambiental, você tem um retorno melhor, tendo menos resíduos pra poder ser dispostos no ambiente, no aterro sanitário. Você também tem sob o aspecto social, você tem a inclusão social e sócia econômico dos catadores. E você acaba tendo uma redução, em tese, uma redução de custos para o poder público quando você tem uma redução em peso da produção de resíduos, se a maior parte o catador coleta e leva pra reciclagem, o município vai deixar de pagar para a empresa pra poder coletar e pra poder levar e dispor lá no aterro sanitário.

O momento em que houve exigência – da parte da Prefeitura Municipal, por questões legais – de que a Associação passasse a funcionar como Cooperativa foi um período bastante difícil. Nesse momento, entra o Projeto de Extensão da UNISC como apoio, assessorando e

capacitando os catadores da Cooperativa junto à usina de triagem. Conforme a Professora Rosi, esse projeto de apoio foi pensado juntamente com mais algumas pessoas da universidade local na ocasião: “Vamos colocar tudo de bom, tudo que pudermos colocar neste projeto para apoiar os catadores”. E continua: “Hoje as coisas não são assim. Elas não funcionam assim”. O projeto buscou conhecimentos na área da Engenharia, Psicologia, Ciências Sociais e Administração. Teve aspectos positivos e negativos. Dentre os últimos, conforme observa a entrevistada, houve algumas situações em que

alguns professores que são acostumados em sala de aula têm aquela visão profissional, não estão acostumados com outra cultura que não aquela em sala de aula. Então dizem assim: “Ah! Eu tenho conhecimento e passo pra vocês!”. As coisas não funcionam assim. Não basta eu chegar, ter o conhecimento e transferir o conhecimento. Ninguém transfere conhecimento. Há uma troca do conhecimento mútuo, em conjunto, um facilita o ensaio do outro. E assim não é chegar e eu venho passar principalmente um dado muito técnico onde tem mais esta visão. Houve uma retração inicial, um não aceitação da parte dos catadores.

Esse relato indica que nem sempre as coisas dão certo em uma parceria solidária em que se objetiva o crescimento e a superação. Neste estar com o outro, lidando com o diferente, de auxílio mútuo e de trocas, vivencia-se um processo de aprendizagem. Essa fala da Professora Rosi remeteu-me a um momento vivenciado por mim na usina em um de meus dias de pesquisa em campo, trabalhando com as mulheres na esteira. Um grupo de alunos da Universidade falou sobre cuidados com a saúde, cuidados com o corpo, com a alimentação, higiene e algumas doenças que têm a sua origem por contaminações. Todas as catadoras da esteira desceram para ouvir a explicação. Alguns catadores que trabalhavam nas prensas e outras máquinas também estavam ali para ouvir.

Eu mesma, como pesquisadora, senti dificuldade para compreender alguns termos, porque técnicos e não familiares às pessoas de outras áreas. Naquele momento, fiquei ansiosa e com vontade de fazer perguntas. Algumas orientações eu mesma não tinha compreendido. Olhei para os catadores e catadoras ao meu redor, que faziam dos bags cheios de materiais um lugar para sentar. Alguns pareciam atentos, outros distraídos, e pensei: “Será que é a primeira vez que esses estudantes vêm até a usina? Conhecem a escolaridade dessas pessoas? Já passaram algumas horas ou dias no local para um contato mais próximo com a sua realidade? Voltariam para a sala de aula e se sentiriam satisfeitos com a experiência de ‘conhecer’? Que espécie de formação e conhecimento têm os estudantes quando se trata de pessoas que ficam à margem da sociedade?”.

Dentre as inúmeras pessoas de instituições, organizações e sociedade civil que visitam a usina para conhecê-la, percebe-se uma expressão de curiosidade em seus semblantes. Imersos

numa realidade estranha e distante de sua realidade de vida e mundo, seus olhares percorrem todos os espaços. O mau cheiro proveniente do chorume e de gases insalubres produzem sensações e impressões diversas para quem visita pela primeira vez o local da usina. Veem-se alguns visitantes roçarem o nariz com a manga da blusa, outros franzindo o rosto como que em busca de reconhecimento do objeto provocador do cheiro estranho e desagradável ao olfato. Aos poucos, a procura pela identificação da origem do(s) cheiro(s) parece não mais fazer tanto sentido, e as pessoas conseguem prestar atenção em outros detalhes, como infraestrutura, organização, funcionamento e materiais ali depositados. O gerente do Banco do Brasil, Alcindo Rossato, conheceu de fato a usina e o local do funcionamento da reciclagem do lixo no dia em que acompanhou o Presidente da Fundação do Banco do Brasil, que esteve em Santa Cruz do Sul formalizando a entrega dos caminhões à COOMCAT: “Eu nunca tinha estado lá no galpão onde o pessoal trabalha na esteira. Porque é uma coisa pavorosa. Eu sou sincero”.

5.2 Ideias que germinam e deixam seus frutos

O que vale na vida não é o ponto de partida e sim a caminhada.
Caminhando e semeando, no fim terás o que colher.
(CORA CORALINA)

Ideias são como sementes. Toda boa semente lançada em terra fértil tem tudo para germinar e produzir flores e frutos no seu devido tempo. Sementes podem receber tratamentos diferenciados, e é somente quando lançadas que veremos o potencial que trazem consigo. Estava um dia simplesmente lindo. Céu azul e sem nuvens. Mais um parceiro, integrante do FACS, a ser entrevistado, era o Professor José Antônio Schmitz⁴, coordenador de um curso de Tecnologia em Horticultura da UERGS. É representante dessa instituição de ensino junto ao FACS. Chama atenção, logo na entrada, o espaço amplo e com muito verde, local onde se localiza a UERGS. Próximo ao prédio, algumas flores dão um colorido especial em meio ao verde exuberante. Em meio à natureza, vários prédios espalhados, mas há um prédio maior que chama atenção pelo seu desenho. É um prédio antigo, porém bem conservado. De repente, a vida se mostra mais intensa ao se ouvir sons humanos sinalizando o lugar da entrevista.

⁴ Graduado em Biologia. Coordenador do curso de Tecnologia em Horticultura da UERGS em Santa Cruz do Sul. Representante do FACS.

Velhas árvores desenham o retrato do lugar. Pássaros, à sombra delas, parecem livres, longe de toda violência e agitação, e exibem seus sons numa harmonia perfeita; uma cena que atrai por sua rara beleza. A brisa suave dá o movimento às folhas que dançam ao seu ritmo e ao do sobrevoosono de pássaros. O silêncio é quebrado, atraindo atenção para a vida que se manifesta. Em sala de aula, vários alunos conversam entre si. Uma pessoa que passa pelo corredor fornece as informações necessárias acerca da localização do escritório do Professor José Antônio, que me recebe de forma muito cordial para a entrevista e conta como começou a sua relação com os catadores e com o FACS.

Os Professores José Schmitz e Ana Luisa Menezes foram a campo para conhecer a realidade de trabalho e de vida dos catadores de Santa Cruz do Sul. Era importante conhecer como a coleta seletiva vinha sendo feita há alguns anos na cidade por alguns catadores. Os professores observaram que a CSS seria uma forma diferenciada de fazer a inclusão social e de maior valorização dos catadores. A coleta era realizada, mas de forma desorganizada, muito individualista. O Professor José Schmitz relata um pouco do que ele e a Professora Ana Luisa Menezes vivenciaram nesses contatos com os catadores:

Nesta oportunidade, a gente teve como fazer um pouco mais de contato com essas famílias, ver como elas realmente vivem e tal, e se percebeu muito isso que, por um lado, uma situação de miséria absoluta. O que eles fazem: eles coletam os materiais na cidade, papel, papelão vidro, lata e levam pra casa. Selecionam dentro de casa, geralmente, ou na rua e, quando chove, molha aquilo tudo. E aí o cara chega lá e “Ah! Isso aqui tá molhado, não quero”. Então, toda uma semana de trabalho é perdida porque choveu e molhou. O papelão já não tem valor, fica rolando por ali. Então, na média, a gente vê que a exploração é absoluta. Os caras ganhavam aí duzentos, menos de duzentos reais por mês pra sustentar a família. Fazer um trabalho insano, de caminhar muitas vezes a pé, com carrinho. No máximo, com carrinho, com cavalo. Aí tem que sustentar o cavalo. O cavalo morria e aí o cara ficava sem nada. É uma coisa assim, terrível, terrível.

Sua fala calma e olhos fixos em um ponto parecem rever cada imagem que ficou gravada em sua memória, enquanto conta a realidade de vida dessas pessoas. Ele e Ana conversavam sobre o que viam e sentiam-se mobilizados a fazer algo pelos catadores. Sabiam que a categoria precisava se organizar como Associação para ser reconhecida, ter o seu uniforme como identificação e poder desenvolver o seu trabalho com mais higiene, com mais dignidade e, principalmente, com mais renda. Os Professores José Schmitz e Ana Luisa Menezes levavam para as reuniões do FACS as suas experiências e conhecimentos e compartilhavam com os demais integrantes as suas ideias. Durante todo esse tempo, desde antes da criação do FACS até o momento atual, continuam juntos com os demais integrantes do FACS na luta pela implantação efetiva da CSS em toda a cidade. Sementes que geraram frutos.

5.3 A Educação

“A educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele e, com tal gesto, salvá-lo da ruína que seria inevitável não fosse a renovação e a vinda dos novos e dos jovens”.

(HANNAH ARENDT)

O mundo tem necessidade de pessoas sensíveis, que consigam perceber e conversar sobre as questões da realidade que se colocam como urgentes e que inquietam e preocupam, trazendo medo e insegurança, nos colocando em situação de vulnerabilidade. A desigualdade social como consequência de um mundo excludente fala de uma relação de humanidade que está perdendo valores éticos, morais, espirituais e o sentido da vida, priorizando o material ao humano, contribuindo e colocando a própria existência do homem em perigo. Todas as questões que dizem respeito à vida requerem enfrentamento e busca de soluções.

Em novembro de 2012, no encontro que aconteceu no Sindicato dos Bancários em Santa Cruz do Sul, oficializando o serviço da CSS e reunindo os integrantes do FACS, catadores e pessoas da comunidade, o Secretário Municipal do Meio Ambiente, Alcindo Heck, falou sobre a importância desse serviço. Nessa reunião, diante de todos os presentes, o Secretário falou da necessidade de conscientização da população para adesão à coleta seletiva do lixo. Trata-se de um problema que requer mudança de consciência, um problema social, que repercute também em nossas relações com a escola. Na ocasião, disse o Sr. Alberto:

Eu só queria dizer que tudo passa pela Educação. Se nós investimos em Educação, nós vamos ter que investir menos em Segurança, menos em Saúde, menos em Meio Ambiente, menos em muitos outros programas. Por que, quando uma pessoa joga um lixo no chão, não é um problema de Educação Ambiental, é falta de Educação. Quando as pessoas jogam coisas em terrenos baldios, é falta de Educação, não é falta de Educação Ambiental, é falta de Educação. Não são esses valores que, na média, a gente aprende de casa, nas nossas famílias ou nas escolas.

A forma como conversamos com a vida se reflete também na forma como nos comportamos. A Natureza nos oferece o que tem em abundância. Extraímos dela muito mais do que temos necessidade, muitas vezes apenas para corresponder aos desejos egoístas e individualistas. Esses são aspectos que requerem uma mudança de consciência para novas atitudes diante da vida. O que fazemos com a vida e como fazemos toma uma dimensão muito maior quando compreendemos que não estamos sós no mundo. Necessitamos de uma educação voltada para a vida e não de uma educação que prioriza as demandas econômicas. A realidade de mundo que vivemos nos ensina que podemos mais cometer os mesmos erros do

passado. Arendt (2005, p. 234) pondera que “a educação está entre as atividades mais elementares e necessárias da sociedade humana, que jamais permanece tal qual é, porém se renova continuamente através do nascimento, da vinda de novos seres humanos”.

Somos responsáveis pelo mundo que criamos. “O mundo em que vivemos é sempre e a todo momento responsabilidade nossa”, conforme Maturana (2002, p. 91). Cada nova geração cresce no interior de um universo criado pelos adultos. Preparar uma geração para uma reforma do pensamento, para um mundo novo, uma educação transformadora, significa deixar o velho, aquilo que não dá mais conta, e permitir aos que estão chegando a possibilidade de inovar, de experimentar o novo. A escola não tem efeito só sobre os educadores/professores, mas também sobre os pais e filhos. O Secretário Alberto Heck percebe a responsabilidade do Meio Ambiente como sendo não apenas de poucos, mas de toda a sociedade. Refere que o envolvimento no projeto de CSS passa pela Educação e a sua adesão requer a sensibilização de todos os segmentos. Acerca dessa questão, observa Moraes:

Mais do que nunca, necessitamos de um pensamento ecologizado, de um pensamento ecossistêmico, de um pensamento complexo e transdisciplinar, capaz de religar, não apenas os diferentes saberes, mas também as diferentes dimensões do triângulo da vida - indivíduo/sociedade/natureza – a partir de nossas práticas educacionais. Em realidade, precisamos de um pensamento transdisciplinar que nos ajude a ver o mundo num grão de areia, o céu numa flor silvestre, conter o infinito nas palmas da mão e a eternidade presente no aqui e no agora, na expressão de William Blake. (MORAES, 2010, *on-line*).

5.4 Saberes que (re)constroem-se no *estar com*

A sensibilidade no *estar com* os catadores avança enquanto movimento social. Integrantes do FACS, representando segmentos da sociedade e mais pessoas da comunidade local, compartilham interesses, dificuldades, superam conflitos e tensões, contribuindo para uma identidade coletiva, como quer Melucci (2001). O movimento dos catadores como movimento social demonstra coerência, consciência crítica do grupo, diálogo, conhecimento e satisfação como força que impulsiona a prosseguir. São movimentos que conduzem a uma consciência maior de todos os envolvidos, objetivando modificar pensamentos para novas posturas de vida na sociedade. São aprendizados que falam de uma perspectiva educativa. São espaços e oportunidades que não excluem, mas incluem pessoas com diferentes saberes. Há a valorização do humano, de suas ideias, experiências e vivências que traz para o coletivo.

A responsabilidade da realidade como resultado de uma construção é de todos. Enquanto humanos, se tivermos a percepção de que cada um está integrado ao todo e que não

podemos e não sabemos viver sozinhos, nos sentiremos implicados e buscaremos sempre o melhor para todos. Todo o envolvimento e comprometimento que os catadores da COOMCAT em Santa Cruz do Sul vêm demonstrando, junto com os parceiros e pessoas da comunidade, mostra que acreditam que podem construir projetos para transformação social. Muitos problemas foram superados, mas muitos ainda necessitam ser avaliados e não podem prescindir de uma consciência crítica de todos para uma transformação coletiva.

Durante as entrevistas com os parceiros da COOMCAT, falhas, erros e/ou lacunas no processo de construção coletiva, tanto da CSS quanto em questões relacionadas à própria Cooperativa, foram relatadas. Os erros identificados não são descritos como fracassos, mas como oportunidades de enfrentamento para superação. Os entrevistados relatam as suas observações como as percebem e compreendem. Por vezes, as experiências compartilhadas os tocam de tal forma que são tomados de surpresa pela emoção. O mundo e a história que narram os identificam e aproximam daqueles que são mais fragilizados economicamente. Falar da história dos catadores, com quem os parceiros dialogam constantemente, seja em reuniões ou fora delas, é conversar com esse mundo e através de uma história que não é só dos catadores, mas também deles e nossa. Nesse sentido, Merleau-Ponty observa que

a universalidade e o mundo se encontram no coração da individualidade e do sujeito. Nunca o compreendemos enquanto fizermos do mundo um objeto. Logo o compreendemos se o mundo é o campo de nossa experiência, e se nós somos apenas uma visão do mundo, pois agora a mais secreta vibração de nosso ser psicofísico já anuncia o mundo, a qualidade é o esboço de uma coisa, e a coisa é o esboço do mundo. (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 544).

O gerente do Banco do Brasil, Alcindo Rossato, na sua experiência com o FACS, aponta a questão do gerenciamento como a grande dificuldade percebida no processo todo. De acordo com Alcindo, “a Cooperativa de Catadores tem um instrumento, uma infraestrutura e tem uma organização política razoável, mas, no que diz respeito ao gerenciamento, tem uma deficiência administrativa”. A Professora Rosi, engenheira do NGP da UNISC, também se refere ao mesmo aspecto: “Tem uma questão básica inicial e eu sei que é o gerenciamento das contas financeiras da Cooperativa. É no aspecto gerencial da Cooperativa que eles ainda não conseguiram dar um salto”. A Professora Rosi assinala que, em relação ao processo de gerenciamento, a Prefeitura que deve dar assessoramento para a Cooperativa:

No processo de gerenciamento, a cobrança continua. Na realidade, deveriam também dar esse assessoramento para a Cooperativa pra que a coisa acontecesse corretamente. A Prefeitura tem um saldo positivo com isso porque quando ela dá concessão pra Cooperativa de Catadores, ela consegue recurso facilmente do governo federal por esta concessão, por trabalhar com os catadores. Então, isto é uma via de mão dupla, ela teria que dar maior participação até porque toda aquela área é pública, é um bem público.

O Professor José Schmitz, biólogo e coordenador do curso de Tecnologia em Horticultura na UERGS, ao referir a questão do gerenciamento, observa o problema com o transbordo de materiais que os catadores vêm enfrentando. Conforme Schmitz, “os catadores tinham pressa e medo de que a promessa da Prefeitura acabasse não se cumprindo. Esta, no final de sua gestão, não se preocupou em organizar toda a questão do transbordo de materiais recolhidos pelos catadores, deixando o problema para o novo governo”. O Professor Schmitz aposta no diálogo entre catadores, parceiros e comunidade local para encontrar soluções com antecedência para a questão do transbordo de materiais, local ou locais e a sua organização. O processo de seleção do lixo é outro aspecto que necessita ser incentivado. Nesse sentido, o coordenador da MERCUR S/A, Airton Heck, aponta aspectos importantes para a melhoria da CSS no município:

Falta melhorarmos a comunicação da coleta seletiva em nosso município. Ainda temos pouca conscientização da população em geral sobre a seleção correta do lixo e a população não valoriza a importância do catador. Precisamos aumentar a quantidade de bairros envolvidos, conscientizar vizinhos, colegas, Professores e alunos das escolas de nosso município que deveriam conhecer mais sobre a importância da coleta seletiva e o Ciclo da Cadeia Produtiva de Reciclagem, abraçando mais esta causa. Temos a falta de pontos de transbordo para os catadores deixarem o material coletado, evitando percorrer longas distâncias e temos falta de recursos para melhorar a infraestrutura da Cooperativa. Campanhas na TV, rádio, jornais, etc., sobre a CSS contribuiriam para avançarmos e superarmos as dificuldades.

O técnico Iuri Azeredo, sociólogo com cargo técnico de assessoria no PROEXT da UNISC e integrante do FACS, aponta para a questão do analfabetismo ou mesmo de analfabetismo funcional, cujo índice é muito grande entre os catadores, e salienta a necessidade de receberem outro tratamento por parte dos parceiros e profissionais que trabalham com eles. Nesse aspecto, percebe-se a importância do PROEXT como elo entre a Universidade e os catadores, promovendo o diálogo entre os diferentes saberes. A baixíssima escolaridade dos catadores dificulta a compreensão da linguagem utilizada pelos profissionais. Conforme relato de Azeredo:

O Professor Ricardo, quando foi trabalhar noções de contabilidade com os catadores teve problemas. A maneira como ele estava abordando assuntos como juros, porcentagem, cálculos que envolvem divisão, soma, multiplicação, não foi adequada e simplesmente travou o trabalho em andamento. Não vejo como algo negativo, mas como um limite, e isso é um aprendizado. O Professor Ricardo está sempre conversando com acadêmicos na Universidade cuja trajetória é distinta e a formação escolar recente. Então, não é chegar lá e achar que está todo mundo entendendo. Eu vou falar simples, só que ele viu que nem o “falar bem simples” funciona. Tem que ter outra abordagem. Daí que a gente tem que chamar o pessoal do Mestrado em Educação, o pessoal do Serviço Social, do Departamento de Educação. Às vezes, a gente não percebe que está usando um vocabulário que não tem como eles entenderem.

O técnico Iuri Azeredo comenta acerca de outro aspecto que nomina como o “encastelamento na universidade”. Conforme o entrevistado, precisa haver um descolamento da realidade para perceber o diferente. Os acadêmicos das diferentes áreas que vão à usina precisam de um *feed back*, precisam saber se os(as) catadores(as) compreenderam de fato as informações que quiseram compartilhar. É importante saber se os alunos foram orientados pelos professores para perceber e refletir sobre esses aspectos. Comenta Azeredo que

talvez, antes de fazer qualquer tipo de palestra deve-se ir lá conversar com eles. Bastante. Não somente um “papinho”. Também é aconselhável fazer alguma dinâmica pra que tu possas perceber o vocabulário, o nível de entendimento deles, pra depois ir falar de algum assunto específico. E, às vezes, não é só o vocabulário, é uma postura, é tu queres falar em higiene bucal e os caras não terem nem água em casa: “Ah! Olha, a pasta tem que botar assim, a escova tem que ser de cima pra baixo”, mas talvez não tenha escova. Talvez não tenha nem dentes. Vão fazer higiene bucal onde? Esse deslocamento da realidade que se tem com esses projetos e é essa a inserção que eles te possibilitam.

Ao transcrever as entrevistas realizadas com os parceiros dos catadores e, principalmente, ao relê-las, deparei-me com reflexões muito preciosas que decidi compartilhar. Ao recontá-las, suas reflexões deixam transparecer um pouco das experiências e vivências que tiveram com os catadores. São experiências cheias de vida, de força e movimento. Suas palavras vêm acompanhadas de uma emoção, de um envolvimento, de quem esteve bem perto para conhecer e deixar-se conhecer. Identificaram problemas, dificuldades, limites, mas conseguiram vislumbrar soluções. Ousaram compartilhar para conhecer. Sua sensibilidade cativando a sensibilidade de muitos outros. As palavras do técnico Iuri talvez consigam expressar melhor o que gostaria de dizer quando refere

E a gente faz reuniões lá na usina de triagem, a gente faz audiências, a gente conhece as pessoas, convive com elas. Se não fosse isso talvez a gente ficasse bastante limitado. Ou então só lendo artigos, reportagens, eventualmente vendo uma pessoa, um catador na rua, mas sentar com ele, de frente com ele, conversar com ele, abraçar, dar a mão, tomar um chimarrão. Isso aí é outro tipo de convivência.

O técnico Iuri de Azeredo consegue descrever com maestria a sensibilidade do encontro com o outro, do conhecer e dar-se a conhecer. Olhar para os catadores não para se instruir, não para aprender Sociologia, mas deixar algo do seu espírito no *estar com* essas pessoas. As variantes de sua fala testemunham a constância do seu trabalho, o envolvimento e a preocupação com a vida e com os detalhes que não podem ser ignorados. Na *com vivência* é possível identificarem-se diferenças, limites, aprender a fazer diferente com o outro, aprender outra abordagem, achar o lugar do encontro na diferença. Merleau-Ponty (1999, p. 14) afirma que “O mundo é não aquilo que eu penso, mas aquilo que eu vivo; eu estou aberto ao

mundo, comunico-me indubitavelmente com ele, mas não o possuo, ele é inesgotável”.
Conforme o autor,

deve-se compreender a história a partir da ideologia, ou a partir da política, ou a partir da religião, ou então a partir da economia? Deve-se compreender uma doutrina por seu conteúdo manifesto ou pela psicologia do autor e pelos acontecimentos de sua vida? Deve-se compreender de todas as maneiras ao mesmo tempo, tudo tem um sentido, nós reencontramos sob todos os aspectos a mesma estrutura de ser. Todas as visões são verdadeiras, sob a condição de que não a isolemos, de que caminhemos até o fundo da história e encontremos o núcleo único de significação existencial que se explicita em cada perspectiva. (MERLEAU-PONTY, 1999, p.17).

5.5 Projeto de Extensão construindo pontes entre os saberes

No âmbito da Universidade de Santa Cruz do Sul a extensão universitária se constitui como processo educativo, cultural e científico, articulado ao ensino e à pesquisa e, numa forma indissociável, possibilita uma relação transformadora entre a Universidade e a Sociedade onde está inserida. A Pró-Reitoria de Extensão e Relações Comunitárias (PROEXT) da Universidade, que faz essa ponte com vários segmentos da comunidade local, dentre as suas diversas atribuições, é responsável pelo planejamento e avaliação das atividades de extensão e de educação profissional junto a Conselho de pesquisa, Pós-Graduação, Extensão e Relações Comunitárias.

A Universidade, como instituição de educação e através da PROEXT, busca integrar ensino e pesquisa, além de pensar acerca de alternativas, objetivando encontrar soluções para problemas e aspirações da comunidade local. Como Projeto de Extensão procura organizar, apoiar e acompanhar ações que tenham como finalidade a interação da Universidade com a população, trazendo benefícios para ambas. Além desses aspectos, incentiva o conhecimento, a produção cultural da comunidade acadêmica e comunidades vizinhas. No seu programa de extensão, a UNISC vem apoiando iniciativas de segmentos da comunidade, sejam elas governamentais, não governamentais ou particulares, que tenham como objetivo a melhoria da condição de vida da população.

A PROEXT busca trabalhar em parceria com pessoas da comunidade e reconhece nesses espaços de interlocução oportunidades de ensino/aprendizagens, ou seja, produção de novos saberes. Para o Prof. Clemente Ivo Juliatto⁵ a “Extensão tem um valor educativo com dupla função: fazer a comunidade aonde se faz a pesquisa progredir e para melhorar quem faz

⁵ Palestra proferida em 24 de abril de 2013 na UNISC. Programa de Extensão e Projeto Comunitário. Prof. Ph.D. Clemente Ivo Juliatto. Ph.D. Harvard University. Reitor da PUCPR.

a extensão. [...] É a Universidade contribuindo para melhorar a sociedade”. É ter sensibilidade para aprender com pessoas como Ângela que conseguiu estudar até a 3ª série do Ensino Fundamental. Certo dia fui surpreendida com estas palavras: “Eu não fiz faculdade, mas tenho a faculdade da vida”.

Del Masso, também afirma que a Extensão Universitária (2009):

é o elo entre a universidade e a sociedade, permitindo a construção do conhecimento a partir de trocas constantes de saberes, pois, ao levar conhecimentos à comunidade por meio de ações de Extensão Universitária, recebe dela, como retroalimentação, informações indicando suas reais necessidades, anseios e aspirações, que são sistematizadas pela universidade e devolvidas a essas comunidades em diferentes modalidades, quer como programas, projetos, eventos, atividades extensionistas, entre outras. (DEL MASSO, 2009, p.6).

Dentre os inúmeros projetos da comunidade local que existe essa ponte com a PROEXT, temos a COOMCAT. A Professora Rosi reconhece o Projeto de Extensão da Universidade como elo entre a Universidade e catadores, permitindo a construção do conhecimento a partir de troca de saberes. De acordo com a Professora, essa interação da Universidade com os catadores, através do Projeto de Extensão, foi muito importante porque “veio para dar apoio, assessoria, capacitação aos catadores da Cooperativa junto à usina em um momento em que esta passava por muitas dificuldades”. Ao saber da possibilidade de realizar a minha pesquisa junto aos catadores, busquei algumas informações e decidi que seria com essa categoria de trabalhadores que gostaria de desenvolver meu projeto. Por que especificamente com catadores(as)? Talvez um desejo de intertrocas, de experiências, de conhecer mais sobre quem sou eu. Esta questão me acompanha até hoje e também busco compreendê-la. No entanto, há algo que nos aproxima e a satisfação de ter estado e estar com as catadoras é muito gratificante. Uma convivência agradável que me permitiu ser, estar e aprender de outras formas. Foi preciso aprender a aprender para perceber diferente; libertar-me de amarras para não repetir. Passar pelas fronteiras visíveis e invisíveis que foram se desenhando ao longo de minha formação. Perceber-me em outro lugar. Superar meus limites para transcender e conquistar com humildade novas aprendizagens.

O Professor, pesquisador e escritor Carlos Rodrigues Brandão⁶ prefere chamar a Extensão Universitária de Educação Popular ou Alfabetização de Adultos, bem como outros termos mais específicos, porque, segundo sua reflexão, antes, em contextos de Ditadura

⁶ Palestra na Aula Inaugural do Mestrado em Educação – “Redes e Possibilidades de Vínculos entre Ensino, Pesquisa e Extensão na Educação Comunitária” proferida por Carlos Rodrigues Brandão, na Universidade de Santa Cruz do Sul em 25 de abril de 2013.

Militar, tínhamos que saber fazer tudo fora da Universidade porque era impossível fazer dentro dela. Salienta o pesquisador⁵:

Feliz de vocês que agora podem vivenciar tudo isso desaguando, tudo isso em experiências via Universidade e Extensão Universitária. Mas ali nas comunidades, ali nos lugares sociais onde a própria universidade se insere, esse desaguadouro que nós chamamos de Extensão Universitária, ele não é apenas um serviço que a universidade presta às comunidades ou a um povo ao seu entorno, mas ele é o lugar onde a experiência universitária da aprendizagem da pesquisa toma corpo, toma realidade. Como professor, educador, com esse vínculo ligado à Educação Popular que é minha maneira de viver a Extensão Universitária, eu diria o seguinte: a primeira ideia básica é de que a turma de alunos pode e deve constituir-se como uma comunidade aprendente, como uma comunidade criadora de suas práticas e seus saberes.

O técnico Iuri de Azeredo salienta o aspecto da inserção como elemento fundamental para o ato de conhecer. Como conhecer sem perceber? Faz-se necessário um deslocamento da realidade para perceber o diferente. O *estar com* oportuniza experiências/vivências que podem ser sentidas, percebidas para serem conhecidas. A inserção em locais, oportunizada pelo Projeto de Extensão da Universidade, traz ao aluno aprendizagens como resultado de vivências que, por limitações diversas, ele não consegue em sala de aula. Isso se deve à riqueza de elementos que podem ser percebidos quando se está no local e se interage com esse meio. A Universidade tem muito a aprender com os diferentes grupos sociais. Ela não deve subestimar o que tem a aprender com as pessoas que vivem realidades diferentes. Ela não deve subestimar também o conhecimento que tem e o conhecimento que deve passar. É na interação que é possível a percepção das diferenças, a percepção de outras histórias de vida e de outras vivências. Para conhecer o mundo em que o outro vive, um mundo diferente do mundo experienciado por si mesmo, destaca Azeredo,

a Extensão é educação, é aprendizado e a inserção te coloca lá. Talvez o próprio currículo do Curso tenha que colocar disciplinas de Antropologia. A gente falou do Malinowski para entender essas diferenças brutais que existem. O Projeto de Extensão faz, ou tenta fazer, essas pontes entre um trabalho que integra o interdisciplinar, o transdisciplinar e o multidisciplinar. Temos a Engenharia, a Contabilidade, o Serviço Social, a Administração, a Psicologia, a Comunicação. Tu precisas ter uma visão holística do problema. Se for parcial, não vai funcionar. O pessoal vai lá com a maior boa intenção, com os melhores materiais que possam existir, só que não funcionam. Não funcionam porque tu estás achando que estás conversando com os teus pares de convívio, com a tua “tribo”.

Na sociedade em que vivemos, somos afetados na interação. Somos todos responsáveis pela realidade que criamos. Estamos todos implicados de alguma forma. Precisamos tomar consciência dos perigos que pesam sobre a nossa existência e o destino que podemos dar a ela. Se tivermos uma visão parcial e não de unidade, dificilmente compreenderemos a necessidade da união de forças para transformação do mundo que nós mesmos criamos. José

Schmitz, da UERGS, reconhece nas forças que se somaram entre os catadores, integrantes do FACS e pessoas da comunidade, o grande trunfo para as conquistas dos catadores em Santa Cruz do Sul até esse momento: “Então essas forças somadas acabaram tendo o peso e tudo isso acabou construindo essa referência de Santa Cruz como um local em que a coisa está se organizando”.

Enquanto narra o envolvimento com os catadores e as dificuldades que eles enfrentam para a sua sobrevivência, as lembranças parecem tornar-se bem presentes em sua memória. As palavras ficam pausadas, mais lentas e pesadas e o silêncio se instala na sala como linguagem mais apropriada para traduzir as vivências que palavras jamais conseguiriam. Quebrado o silêncio, Schmitz acrescenta: “A gente sabe que esse pessoal é muito sofrido. Não tem muito quem olha para eles, é uma coisa que gratifica a gente também saber que vale a pena investir e apoiar o movimento, construir coletivamente”. José Schmitz consegue ver com sensibilidade as necessidades dos(as) catadores(as). Uma educação sensível reconhece as necessidades, aquilo que é comunitário, como um bem a ser compartilhado, a ser pensado coletivamente. Conhecer as necessidades de um povo pode ser um trabalho árduo, impelindo-nos a atravessar dificuldades, sentir desconfortos, respeitando o saber do outro, usando o seu saber não para mudar, mas para conhecer a realidade desse outro. De acordo com Moraes e Navas,

uma transformação do pensamento acompanhada de maior abertura do coração para que, como humanidade, se possa desenvolver a compreensão dos limites, do respeito, da solidariedade, do compromisso social, para o aperfeiçoamento de nossas habilidades de trocas, de intercâmbios e desenvolvimento de projetos educacionais coletivos e solidários, bem como a percepção a respeito da complexidade de nossa realidade e das questões educacionais. (MORAES; BATALLOSO NAVAS; 2013, p. 2).

Nilton Bueno Fischer, em seus estudos sobre as classes populares, sua cultura e formas de ler o mundo, demonstra um olhar e uma escuta sensível para compreendê-las e pensá-las. Aponta o autor (2004, p. 214) que os

‘os homens simples’, estão pichados de conhecimentos inovadores, críticos, bonitos e fortemente encarnados em histórias pessoais, que não ficam à mercê da exclusiva construção determinação externa, nem material e muito menos de ‘palavras de ordem’.

Para Fischer

o educar demanda educar-se e isso requer um “preparo” no sentido daquilo que Freire nos sugere, de “nos encharcarmos” desse mundo vivido pelos nossos alunos como mecanismo de aprendizagem das complexidades presentes na vida desses adultos, em seus cotidianos, em seus sonhos e contradições. (FISCHER, 2004, p. 215).

Os espaços coletivos são entendidos como espaços de fazer junto com pessoas com diferentes saberes que pensam e dialogam juntas, respeitando-se as diferenças, escolhas e decisões. São como redes com elos que se encontram para que o conhecer seja possível. Cada um contribuindo com o seu conhecimento, dentro de suas possibilidades, permitindo que a educação aconteça de formas diferentes e em situações diferentes, não parecendo com educação, mas sendo uma educação de fato. Educar é viver com o outro, numa relação de trocas e como experiência educativa. Ana Luisa T. Menezes⁷, comenta em sua fala aos catadores e integrantes do FACS:

Hoje ainda comentei, ao chegar aqui, da importância de estarmos juntos. Então, existe uma identidade coletiva que estamos formando, de saber o que nós somos e o que nós queremos e tudo isso está para além de categorias, de classe social. Na verdade, estamos construindo um conhecimento, construindo uma sociedade pautada na vida. Uma sociedade que tem a vida como centro, como referência maior. E é onde todo mundo se beneficia com isso.

É numa relação de horizontalidade de ensino/aprendizagem, com outro igual e, ao mesmo tempo, diferente, num espaço onde as pessoas estão dispostas a aprender umas com as outras e onde há um comprometimento com a vida que a evolução política das pessoas é possível. O gerente Alcindo Rossato, ao se referir aos catadores e catadoras da COOMCAT afirma que

a evolução política é um fato extraordinário que está acontecendo. Eles sentam à mesma mesa com integrantes do Poder Público, do FACS e outras entidades para um diálogo, para uma negociação e muito conscientes e, principalmente, a catadora Ângela que teve um crescimento, uma evolução política fantástica.

⁷Pró-Reitora de Extensão e Relações Comunitárias da Universidade de Santa Cruz do Sul / RS. Fala proferida no Sindicato dos Bancários em novembro de 2012 na oficialização do serviço da Coleta Seletiva Solidária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar o trabalho, gostaria de tecer algumas considerações que considero importante compartilhar. Não há como mensurar o aprendizado, as vivências, as experiências, o tempo dedicado em campo e as relações ali estabelecidas. Em dias de muito trabalho, quando o tempo se constitui em um bem precioso, foi necessário ter paciência, perseverança, leituras, criatividade e reflexão para conseguir extrair ideias e reuni-las para a escrita. Enquanto lia os registros em meu diário de campo, lembranças de momentos vividos eram frequentes, exigindo pausas para a sua rememoração. Tinha em mente a responsabilidade da pesquisa.

Encontrar as palavras certas para descrever e expressar pensamentos de forma clara para que pudessem ser compreendidos constituiu-se em um desafio. Durante a pesquisa com as catadoras, havia um mundo a ser lido e interpretado. Para compreendê-lo, procurei conversar comigo mesma permitindo-me de certa forma duvidar de minhas certezas, pois, conforme pondera Maturana,

tendemos a viver num mundo de certezas, de uma perceptividade sólida e inquestionável, em que nossas convicções nos dizem que as coisas são da maneira como as vemos e que não pode haver alternativa ao que nos parece certo. Tal é nossa situação cotidiana, nossa condição cultural, nosso modo corrente de sermos humanos. (MATURANA, 1995, p. 60-61).

Mesmo com as inúmeras leituras realizadas antes, durante e após a pesquisa, continuo me perguntando “o que faço com tudo o que vi e com aquilo que me inquieta?” A convivência com os envolvidos na pesquisa me afetou significativamente. A vida passou a ter outros sentidos, cores e cheiros. No *estar com* as mulheres catadoras, procurava compreender suas linguagens ainda não familiares para mim e não aprendidas em livros. Eram linguagens que faziam se perceber através de palavras, sons, gestos, risos, olhares, silêncios, ritmos e movimentos, que podiam ser lidos em um corpo. Em todos os momentos, em pé na esteira, sentadas ao redor de uma ‘montanha’ de lixo, na cozinha, debaixo de árvores, em suas casas, caminhando ou sentadas juntas, apresentaram-me algo de seu mundo, de sua vida. As longas horas junto com essas mulheres ensinaram-me preciosas lições.

Aprendi mais sobre valores, solidariedade, sensibilidade, respeito, superação de limites, amor e pequenas coisas que só a escola da vida pode proporcionar. Nesses meses de convivência, percebi que podemos criar mundos que nos distanciam tanto uns dos outros que geram estranhamento e mal estar. A fome, a exclusão, a indiferença e frieza separam pessoas. O que torna o humano desumano? Pela convivência em família e escola, não somos afetados e

afetamos? Lembro as palavras de Rolando Toro quando comenta que vivemos dias que não basta educarmos para a vida e sim para a sobrevivência da Humanidade. Descuidar-se da Educação é descuidar-se da vida e da espécie humana. Para tanto, necessitamos de uma outra educação, de um processo educativo, que não priorize somente o intelectual, mas saiba integrar o “coração” na aprendizagem, como ação coletiva e de cooperação. Não há educação sem aprendizagem, sem o outro na relação.

Para a sobrevivência da Humanidade não deveria haver lugar para uma educação dominadora e opressora. A Educação não deve ser usada como um recurso para dominação, como sistema centralizado de poder, que usufruindo o saber adquirido continua a controlar sobre o saber de outros perpetuando a desigualdade social entre os homens. Que modelo de escolas e de universidades temos hoje? Em um espaço de opressão, de falta de liberdade, instala-se a pobreza da experiência, impedindo a criatividade e a descoberta do novo. Talvez tenhamos uma sociedade diferente no futuro, quando tivermos uma escola, uma universidade, como uma casa aberta para todas as categorias de trabalhadores, como uma ponte de aproximação, de integração entre os diversos saberes, valorizando as diferenças, reconhecendo o humano, cooperando para a transformação da sociedade em que vivemos.

O tempo de permanência em campo foi um tempo de aprender e reaprender coisas. Não ousou dizer que conheço a realidade das catadoras. Estar com elas foi como frequentar uma escola sem paredes onde todos aprenderam e todos também ensinaram. Aprendi muito mais sobre a vida. Passei a dar mais atenção para alguns valores que podem ser facilmente negligenciados, mas essenciais para uma sociedade mais justa. Mais visitas à usina poderiam significar mais aprendizagens. “O que pra muitos é lixo pra nós é luxo, é sobrevivência” são palavras da catadora Vera. A vida passa a ser celebrada em meio ao lixo. “Nós somos a Natureza. Se não cuidarmos dela, estamos nos matando a nós mesmos. Queria que todos pensassem um pouco mais” são as palavras da catadora Erilda. Em suas falas encontramos ensinamentos que podem modificar pensamentos e gerar novas atitudes. Para viver precisamos nos educar. Lembro-me das palavras da catadora Ângela “Eu não tenho estudo, mas tenho a faculdade da vida”. Às vezes, é preciso parar e silenciar para perceber. A fase de pesquisa e redação chega ao seu final, mas o vínculo entre pesquisadora e catadoras permanece.

A realização desse projeto de pesquisa que me proporcionou o *estar com* as catadoras significa para mim uma experiência de grande valor, uma experiência que provavelmente não teria se não fosse através do Projeto de Extensão da Universidade como ponte, integrando a

possibilidade de sua realização. A convivência com pessoas que vivem à margem da sociedade nos desperta para uma sensibilidade social. Ela contribui para mudanças de pensamento, de atitudes e de valorização de coisas pequenas da vida antes não percebidas e/ou não reconhecidas como sendo de valor. As experiências e mudanças geradas, sendo levadas para outros espaços da sociedade, poderão afetar pessoas, sensibilizando-as para uma consciência maior, conduzindo-as também para uma nova postura de vida. Pude perceber um mundo diferente, próximo e ao mesmo tempo distante em suas características, vivenciá-lo em um corpo, trazendo novas experiências e aprendizagens. Nessas inter-relações aprende-se mais do que se ensina, recebe-se muito mais do que se doa. A experiência marcante me contagiou de tal forma que despertou em mim o desejo de continuar um projeto voluntário com as catadoras. Para Maturana e Varela (1995, p. 68) “todo ato de conhecer produz um mundo”. É um fazer e conhecer que se aplica a todas as dimensões da existência humana.

Chegou o momento de concluir o trabalho. Acredito que a minha família espera ansiosamente por esse tempo: “Mãe! Quanto ainda falta?”, “Tá quase pronto?”, palavras transmitem mensagens como “Sentimos tua falta!”, “Estamos com saudade daquelas refeições que há tempo não vemos mais sobre a mesa!” ou “Posso convidar meus amigos para o final de semana?” É difícil falar sobre o que isso representa. O tempo de estudos e de pesquisa não foi apenas um envolvimento com a razão, mas também com um mundo de emoções que me moveram para tantos lugares, pensamentos, atitudes e pessoas. Tomei decisões importantes, difíceis e algumas até erradas, mas que também me ensinaram lições. Não há como esquecer o rosto de cada uma das mulheres, bravas catadoras, que me fizeram olhar a vida com outros olhos. Muitas vezes rindo, brincando, em silêncio, indignada, curiosa. Algumas vezes, confesso, com lágrimas. Cada uma delas me ajudou a ser uma pessoa melhor. Como esquecer o frio sulino, a chuva fina e persistente que insistia em não parar e invadia o galpão em dias de inverno, acariciando nossas costas? O vento gélido, cortante? E, no verão, o calor intenso de 40 graus debaixo de um telhado de zinco? E os muitos cheiros? Com o tempo, foi possível distingui-los e, por momentos, conseguia até identificar cheiros de pão e me deliciava com o seu cheiro quando a fome dava o seu sinal.

Não há como esquecer a alegria contagiante em dias de pagamento quando ele correspondia às expectativas, ou o descontentamento quando atrasava ou não era suficiente para pagar as dívidas feitas no armazém da esquina. Como não lembrar a preocupação manifesta e visível nos rostos de mães com os filhos doentes em casa? A preocupação com os que não queriam estudar, as “artes” feitas na ausência da mãe, as histórias das amigas, dos

maridos e companheiros e das brincadeiras que faziam comigo? Como esquecer? São lembranças que geram inúmeros sentimentos.

Foram muitas as aprendizagens. Foram muitas vivências. Mesmo assim, esse é um momento muito singular. De forma alguma ousei dizer que o trabalho está concluído. Nas releituras do texto escrito, me deparava muitas vezes com aspectos a corrigir, percebia meus próprios limites e possibilidades. As leituras propiciavam momentos de descobertas, de reflexão sobre vivências, dúvidas, conhecimento e também prazer. A realização deste trabalho tocou o meu ser. Devo gratidão a todos que acompanharam o meu processo de aprendizagem, principalmente às catadoras que, de forma tão amorosa, me acolheram em seu mundo e em suas vidas. O pulsar da vida em busca do outro, no encontro de diferenças, diminuindo distâncias, construindo pontes para conservar no viver o mundo em que vivemos como eternos aprendizes educando outros. O amor como a base, como emoção fundamental que possibilita compartilhar a vida e o prazer de viver experiências com outras pessoas. Nas palavras de Maturana

o ser humano não vive só. A história da humanidade mostra que o amor está sempre associado à sobrevivência. Sobrevive na cooperação. Se a mãe não acolhe o bebê, ele perece. É o acolhimento que permite a existência. Numa de suas parábolas, Jesus fala do camponês lançando sementes ao solo. Algumas caem nas pedras e são comidas pelas aves, outras caem num solo árido e resistem por pouco tempo. Mas há aquelas que encontram boa terra e crescem vigorosas. Assim também nós precisamos de um solo acolhedor para nos desenvolver. Nosso solo acolhedor é o amor. (MATURANA, 2012, []).

Concluo com Brandão para "lembrar, enfim, que somente haverá UM OUTRO MUNDO POSSÍVEL quando existir UM OUTRO SER HUMANO POSSÍVEL. E este somente existirá quando soubermos criar UMA OUTRA EDUCAÇÃO POSSÍVEL"⁶.

⁸ BRANDÃO, 2012.

<http://www.fbes.org.br/index.php?option=com_content&task=view&id=6708&Itemid=62>

REFERÊNCIAS

- ABNT. *Regras e Normas da ABNT 2012 para formatação de trabalhos acadêmicos*. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/trans/v27n2/v27n2a04.pdf>. Acesso em 09 de abr. de 2012.
- ANDRADE, Cássia Regina Xavier de. *Educação biocêntrica: vivenciando o desenvolvimento organizacional*. Fortaleza: Banco do Nordeste, 2003.
- AMARAL, Maria Nazaré de Camargo Pacheco. Dilthey: conceito de vivência e os limites da compreensão nas ciências do espírito. In: *Trans/Form/Ação*, São Paulo, 27(2): 51-73, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/trans/v27n2/v27n2a04.pdf>. Acesso em 03 de março de 2012.
- ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Tradução Roberto Raposo. 10. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- ARROYO, Miguel G. Pedagogias em movimento: o que temos a aprender dos Movimentos Sociais? In: *Currículo sem Fronteiras*, v.3, n.1, pp. 28-49, Jan/Jun 2003. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol3iss1articles/arroyo.pdf>. Acesso em jul. de 2011.
- BARROS, Alice Monteiro de. Cidadania, Relações de Gênero e Relações de Trabalho. 1º Congresso Internacional sobre Mulher, Gênero e Relações de Trabalho. Goiânia, 5 a 7 de maio de 2005. Disponível em: http://www.trt3.jus.br/escola/download/revista/rev_77/Alice_Barros.pdf. Acesso em 07 de jun. de 2012.
- BENJAMIN, Walter. *Sobre arte, técnica, linguagem e política*. Lisboa: Relógio D'Água, 1992.
- BOFF, Leonardo. *A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana*. 28. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- BOFF, Leonardo. *Tempo de transcendência*. 2. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Alguns passos pelos caminhos de uma outra educação. *Fórum Brasileiro de Economia Solidária*, 30 de abril de 2012. Disponível em: http://www.fbes.org.br/index.php?option=com_content&task=view&id=6708&Itemid=62. Acesso em 05 de jul. de 2013.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Diário de campo: a antropologia como alegoria*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- _____. *O que é educação?* São Paulo: Brasiliense, 2007.

_____. *Reflexões sobre como fazer trabalho de campo*. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/fchf/article/view/1719/2127>. Acesso em 01 de maio de 2013.

BUBER, Martin. *Eu e Tu*. Tradução de Newton Aquiles Von Zuben. 6. ed. São Paulo: Centauro, 2003.

CAPRA, Fritjof. *A teia da vida: uma compreensão científica dos sistemas vivos*. Tradução de Newton Roberval Eicheberg. São Paulo: Cultrix, 1996.

CAVALCANTE, Ruth. Aprendendo e ensinando com a educação biocêntrica. In: PACHECO, Lílian. *Pedagogia Griô: a reinvenção da Roda da Vida*. Bahia: Lençóis, 2006.

_____. Revista Pensamento Biocêntrico, 2005. Disponível em: C:\Users\Renato\Documents\MESTRADO\ORIENTAÇÃO ANA LUIZA MEN\BIODANÇA\Pensamento Biocêntrico.mht Acesso em setembro de 2011.

CIAMPA, A. C. *Identidade*. In: LANE, S.T.M; CODO, W. (Orgs.) *Psicologia social: o homem em movimento*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

DECRETO Nº 7.404, DE 23 DE DEZEMBRO DE 2010. Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/Decreto/D7404.htm>. Acesso em 08 de mar. de 2012.

FISCHER, Nilton Bueno. *Cidadania e ação social: contribuições a partir da categoria "formação"*. Disponível em <<http://www.oocities.org/athens/olympus/7501/ver012.htm>> Acesso em 04 de abr. de 2013.

FONSECA, Cláudia. Concepções de família e práticas de intervenção: uma contribuição antropológica. *Saúde e Sociedade*, Vol. 14, n. 02, São Paulo, Mai/Ago, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v14n2/06.pdf>> Acesso em 16 de jun. de 2012.

_____. Quando cada caso não é um caso. *XXI Reunião Anual da ANPEd*, Caxambu, setembro de 1998. Disponível em: <http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE10/RBDE10_06_CLAUDIA_FONSECA.pdf> Acesso em 16 de jun. de 2012.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler em três artigos que se completam*. 15. ed. São Paulo: Autores Associados; Cortez, 1986.

_____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

_____. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro, 7ª. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

_____. *Pedagogia do Oprimido*. 37. ed., RJ: Paz e terra, 2003.

FUNDAÇÃO BANCO DO BRASIL. *Edital de Chamamento Público*. Disponível em <<http://valberlucio.wordpress.com/2012/07/07/edital-do-banco-do-brasil-para-cooperativas-de-catadores/>> Acesso em 04 de abril de 2013.

GANDHI, Mahatma. *Pensamento Vivo de Ghandi*. Martin Claret Editores, 1985.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: GEN, 2008.

GÓIS, Cezar Wagner de Lima. *Biodança: vivência e identidade*. 2ª. ed. Fortaleza: Viver, 2002.

_____. *Vivência: Caminho à identidade*. Fortaleza: Viver, 1995.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. *Metodologias qualitativas na sociologia*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

JORNAL GAZETA DO SUL. *Usina de lixo é gerida por catadores*. Disponível em: <http://www.gaz.com.br/noticia/99011-usina_de_lixo_e_gerida_por_catadores.html>. Acesso em: 08 de set. 2012.

LAPLANTINE, François. *Aprender antropologia*. Tradução de Maria Agnès Chauvel. São Paulo: Brasiliense, 2007.

LARROSA, Jorge. *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. 2002

_____. *Linguagem e educação depois de Babel*. Tradução de Cynthia Farina. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____. *Nietzsche e a educação*. Tradução de Semíramis Gorini da Veiga. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LEI Nº 12.305, DE 2 DE AGOSTO DE 2010. Presidência da República Casa Civil Subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível em <<http://www.mma.gov.br/port/conama/legiabre.cfm?codlegi=636>> Acesso em 08 de mar de 2012.

LISBOA, Cassiano Pamplona. *et al.* Trajetórias e tomadas de posição no campo ambiental: práticas sociais para reciclagem. *Educação e realidade*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, v. 1, n. 1, p. 95 – 116, set/dez. 2009.

MACHADO, Maria Margarida (Org.). *Formação de educadores de jovens e adultos: II Seminário Nacional*. Brasília: Secad/MEC, UNESCO, 2008, 184p. Disponível em: <<http://forumeja.org.br/files/livrosegsemi.pdf>> Acesso em 07 de jul de 2013.

MARTINS, Clitia Helena Backx. *Trabalhadores na reciclagem do lixo: Dinâmicas econômicas, socioambientais e políticas na perspectiva de empoderamento* / Clitia Helena Martins; orientadora Anita Brumer. Porto Alegre: UFRGS, 2003, 210p. Disponível em:

<<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/6190/000438203.pdf?...1>> Acesso em: 05 de jul. de 2013.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. *A árvore do conhecimento: as bases biológicas do entendimento humano*. Tradução de Jonas Pereira dos Santos. São Paulo: Editorial Psy, 1995.

_____. *Emoções e linguagem na educação e na política*. Tradução de José Fernando Campos Fortes. 3. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

MELUCCI, Alberto. *A invenção do presente: movimentos sociais nas sociedades complexas*. Tradução de Maria do Carmo Alves do Bomfim. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

_____. *O jogo do eu: a mudança de si em uma sociedade global*. São Leopoldo: Unisinos, 2004.

MENEZES, Ana Luisa Teixeira de. *A alegria do corpo-espírito saudável: ritos de aprendizagem Guarani*. 2006. 265 f. Tese (Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul).

_____. *Libertar, libertar... tu pensa que é fácil?* Uma Pesquisa-ação-participante sobre gênero e trabalho com mulheres recicladoras de lixo. 1999. 147 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e da Personalidade) Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Março de 1999.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Conversas*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. *Fenomenologia da percepção*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. 662 p.

_____. *Fenomenologia da percepção*. 3. ed. Tradução de C. A. R. Moura. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. In: *O olho e o espírito*. Textos selecionados; seleção de textos Marilena de Souza Chauí; tradução e notas Marilena de Souza Chauí e Pedro de Souza Moraes. São Paulo: Nova Cultural, 1989.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 10 ed. São Paulo: Hucitec, 2007.

MORAES, Maria Cândida Moraes. *Transdisciplinaridade e educação*. Artigo on-line. Rizoma freireano. Vol 6. 2010, Disponível em: <<http://www.rizoma-freireano.org/index.php/transdisciplinaridade-e-educacao--maria-candida-moraes>> Acesso em fev de 2013.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma / reformar o pensamento*. Trad. Eloá Jacobina. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

_____. *Consciência com ciência*. Trad. Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

_____. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. Trad. Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 10. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2005.

_____. *Por uma reforma do pensamento*. Paris: UNESCO, 1994.

NÓBREGA, Zulmira. *Cultura popular na pós-modernidade*. 16 f. Artigo (Doutoramento). UFBA, Salvador: 2008. Disponível em: <www.cult.ufba.br/enecult2008/14345.pdf>. Acesso em: 10 de mar de 2013

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. Trad. Ângela M. S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2007.

POCHMANN, Márcio. O emprego na globalização: a nova divisão internacional do trabalho e os caminhos que o Brasil escolheu. São Paulo: Bomtempo, 2007.

Relatório do Encontro dos 700. *Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis*. Daniel De Lucca (Relatoria Geral). Disponível em:

<http://www.mncr.org.br/box_4/publicacoes-online/14042006132556Relatorio_do_Encontro_dos_700.pdf/view> Acesso em 25 fev. 2012.

RIBEIRO, DARCY. *Diários índios*. São Paulo: Cia. das Letras, 2006.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Campinas: Papirus, 1994.

_____. Narratividade, fenomenología y hermenéutica. Análisi. *Revista del Departamento de Periodismo y Ciencias de la Comunicación de la Universidad Autónoma de Barcelona*, Barcelona, n. 25, p. 189-207, 2000

ROCHA, Ana Luiza carvalho da Rocha; ECKERT, Cornelia. Etnografia: saberes e práticas. In: PINTO, C. R. J.; GUAZZELLI, C. A. B. (Org.) *Ciências Humanas: pesquisa e método*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2008. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/30176>> Acesso em 12 de jun. 2013.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e realidade*. Porto Alegre, v. 20, n. 2, 71-99, 1995.

STREY, Marlene Neves. A mulher, seu trabalho, sua família e os conflitos. In: STREY, Marlene Neves. (Org.) *Mulher: estudos de gênero*. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 1997, p. 59-77.

TORO, Rolando. *Biodanza*. São Paulo: Olavobrás, 2002.

USINA DE LIXO É GERIDA POR CATADORES. Disponível em:

<http://www.gaz.com.br/noticia/99011-usina_de_lixo_e_gerida_por_catadores.html> Acesso em 02 de fev de 2013.

ZANIN, Maria; GUTIERREZ, Rafaela Francisconi. (Organizadoras). *Cooperativas de Catadores: reflexões sobre práticas*. São Carlos: Claraluz, 2011. E-book. Disponível em: <<http://issuu.com/prazeremler/docs/catadores>> Acesso em 13 de fev. de 2012.

Apêndice A - Termo de “Consentimento pós-informado”

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMADO

Eu, _____, aceito o convite para participar da pesquisa com o título Aprendizagens e vivências dos catadores de materiais recicláveis: algumas narrativas (título não definitivo), de Marga Jolantha Rossa, aluna do curso Mestrado em Educação do Programa de Pós-Graduação da Universidade de Santa Cruz do Sul, UNISC. A mestranda tem como Orientadora a Prof^a Dr^a Ana Luisa Teixeira de Menezes. As histórias narradas pelos entrevistados tem como objetivo:

- a) a sua inserção na COOMCAT / FACS
- b) compartilhar experiências/vivências
- c) aprendizagens proporcionadas com a sua inserção

Declaro que fui devidamente informado sobre os objetivos da pesquisa, metodologia e instrumentos a serem utilizados durante a sua realização e possíveis desdobramentos.

() autorizo o pesquisador utilizar as informações que forneci nas minhas entrevistas (gravadas e filmadas) no desenvolvimento da dissertação tanto em encontros individuais como coletivos.

() autorizo o pesquisador a utilizar as informações fornecidas em possíveis publicações posteriores.

() autorizo o uso das informações, tanto escritas, gravadas e de imagem para seu uso em apresentações e estudos acadêmicos.

Obs.: O entrevistado será respeitado e não serão utilizadas as informações fornecidas, nem imagens e gravações em apresentações individuais e coletivas, em publicações bem como para uso em estudos acadêmicos, caso tenha opinião contrária no futuro.

Nome completo do(a) entrevistado(a): _____

Endereço: _____

Celular: _____

Marga Jolantha Rossa – Pesquisadora

Assinatura do Pesquisado

Apêndice B - Roteiro de entrevista dirigida aos catadores(as) da COOMCAT

Dados gerais

1. Nome do(a) entrevistado(a):
2. Endereço residencial:
3. Telefone para contato:

Dados de identificação:

4. Data de ingresso na Associação (mês/ano):
5. Data de ingresso na Cooperativa (mês/ano):
6. Data de nascimento:
7. Idade: _____ anos
8. Local de nascimento (cidade e estado):
9. Sexo: () feminino () masculino
10. Estado civil: () solteiro () casado () separado divorciado ()
() união estável () viúvo () outro
11. Local de moradia anterior (cidade /estado):
() zona rural () zona urbana
12. Que motivos trouxeram você para Santa Cruz do Sul?
() trabalho
() pessoais
() outros – Quais?
13. Quanto tempo mora em Santa Cruz:
14. Mora em que bairro da cidade?
15. Quantas pessoas moram com você?
16. Você mora em:
() casa própria () alugada () cedida () outro Qual?
16. Vem como até a usina?
() a pé () bicicleta () ônibus () motocicleta () carro () outro
17. Trabalhava com o que antes de iniciar na usina?
18. Como soube do trabalho na usina?
19. Já trabalhava com a catação antes ? () Sim () Não Onde?

20. Fez algum curso de treinamento sobre reciclagem antes de começar na usina com a reciclagem de materiais? () Sim () Não Quanto tempo?

Escolaridade

21. Qual a sua escolaridade?

- () analfabeto
- () alfabetizado
- () Ensino fundamental incompleta – até que série?:
- () Ensino fundamental completo
- () Ensino médio incompleto – até que série?
- () Ensino médio completo
- () Ensino superior incompleto
- () Ensino superior completo

22. Dados dos membros da família com quem você mora:

Nome	Grau de parentesco	Idade	Escolaridade
1			
2			
3			
4			
5			
6			
7			

Apêndice C - Roteiro de entrevista semiestruturada às catadoras da COOMCAT

1. Nome:
2. Função na Cooperativa (COOMCAT)?
3. Como é para você ser catadora?
4. Como você se sente como catadora?
5. Como foi para você começar a trabalhar com o lixo?
6. O que significa o lixo para você?
7. Como é para você ser catadora, mãe e mulher?
8. Que coisas você viveu e que lhe marcaram como catadora?
9. Você participa de reuniões, movimentos, eventos, promovidos pelos catadores no município, estado e fora do estado?
10. Na sua opinião, qual é o papel de um(a) catador(a) hoje?
11. Você imaginava que seria “assim” quando começou a trabalhar com o lixo?
12. O que lhe estimula (ou não estimula) a continuar o seu trabalho como catadora?
13. Como é o relacionamento entre vocês catadoras?
14. E como as pessoas da sociedade veem vocês enquanto catadoras?
15. Como é a relação de vocês catadoras com a comunidade local?
16. O que você considera como situações preocupantes ou questões urgentes na usina?
17. Poderiam falar de experiências/vivências que marcaram você como catadora?